

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

CINTIA DA SILVA MORAES

***A TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA: O ROMANCE
DE ITALO CALVINO NO CONTEXTO DA
RESISTÊNCIA ITALIANA***

Vitória
2016

CINTIA DA SILVA MORAES

***A TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA: O ROMANCE
DE ITALO CALVINO NO CONTEXTO DA
RESISTÊNCIA ITALIANA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo para obtenção de título de Mestre em Letras.

Área de Concentração: Estudos literários

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Paula Regina Siega

Vitória
2016

CINTIA DA SILVA MORAES

***A TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA: O ROMANCE DE ITALO
CALVINO NO CONTEXTO DA RESISTÊNCIA ITALIANA***

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovada em _____ por:

Profa. Dra. Paula Regina Siega
Universidade Estadual de Santa Cruz - UESC
Presidente da Banca

Prof. Dr. Wilberth Claython Ferreira Salgueiro
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Membro Titular Interno

Prof. Dr. Andrea Peterle Figueiredo Santurbano
Universidade Federal de Santa Catarina
Membro Titular Externo

Jorge Luiz do Nascimento
Universidade Federal do Espírito Santo - UFES
Membro Suplente Interno

Prof.^a Dr.^a Maria Lúcia Kopernick Del Maestro
Membro Suplente Externo

Àquele que guia os meus pensamentos.

AGRADEÇO:

À minha orientadora, Professora Dr^a Paula Siega - que aceitou orientar o meu trabalho mesmo sem nos conhecermos pessoalmente - pelo carinho, pela ética, paciência e dedicação dispensadas a este e em outros trabalhos;

À UFES, pela oportunidade de realizar sonhos, de firmar amizades, pelos risos e também por alguns poucos momentos de choro, mas de muito aprendizado;

Ao Departamento de Línguas e Letras (DLL) pelo trabalho que desenvolve por meio do Centro de Línguas para a Comunidade (CLC) que me possibilitou realizar estágio de docência com a turma 6 de italiano I no último semestre;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Letras (PPGL) e do curso de graduação em Letras da UFES, mestres a quem muito devo a minha formação;

À Professora Dr^a Leni Ribeiro, coordenadora do PPGL, pelas conversas, pelos conselhos e auxílio inestimável em vários momentos nesses últimos anos;

Aos colegas do PPGL pelas discussões, aprendizados e troca de informações; em especial, à minha querida Carol Ornellas que me faz sorrir a cada hora, quando desvio o olhar da escrita e vou ler seus *posts* nas redes sociais, à Joana Herkenhoff, que torce pelo sucesso da minha pesquisa desde que ainda era aluna especial do programa e ao João Ricardo pela troca de ideias sobre a resistência, pela parceria na escrita e apresentação de trabalhos e, especialmente, o valioso auxílio nas traduções para o inglês;

À querida Letícia, da Secretaria Integrada de Pós-graduação (SIP), que com paciência e agilidade resolve tantos impasses burocráticos;

Ao Saulo e à Cláudia, bibliotecários do Centro de Ciências Humanas e Naturais (CCHN), por todo auxílio e paciência;

À Prefeitura Municipal de Cariacica, que apostou na qualidade da minha pesquisa e me concedeu licença possibilitando minha total dedicação aos estudos;

À Aliança de Língua e Cultura Italiana do Espírito Santo (ALCIES) por me receber como aluna desde 2006 e, em especial, à minha querida professora e coordenadora pedagógica Eliane Albiero, por me ensinar tanto sobre a língua italiana;

À minha amiga Fernanda Coimbra, pelo incentivo nessa empreitada, pelo auxílio no pré-projeto e pelos vários empréstimos de livros;

Ao meu pai Francisco, que esteve pouco tempo na escola, mas se preocupa com meus estudos e, por isso, me ligava quase todos os dias para saber quantas páginas faltavam para terminar a dissertação e à minha mãe Alzira, que é tão feliz com minha profissão que se sente realizada, mesmo que a vida a tenha impedido de também tê-la;

Ao tio Quim, Joaquim Dalvi (*In memoriam*), por ter me ensinado as primeiras palavrinhas em italiano - eu ainda era uma criança - e, com isso, semeado em mim a curiosidade e o amor pela língua e pela cultura italiana;

Aos meus colegas professores e aos alunos da Escola Municipal de Ensino Fundamental Almerinda Portela Colodette, por me fazerem sentir parte da nossa escola, mesmo estando afastada para estudo;

Ao Ernandes, por me encorajar, por me acalmar dizendo que vai dar tudo certo, por trazer água e café para mim aqui na mesa, por cuidar de tudo enquanto me dedico a este trabalho;

Ao Billy, meu amigo fiel e companheiro, que me ama incondicionalmente e esteve comigo durante a escrita de cada uma dessas palavras.

“Todas as sementes morreram, com exceção de uma que ainda não sei o que é, mas que provavelmente é uma flor e não uma erva daninha¹” (GRAMSCI, 1929, carta nº 129)².

¹ “Tutti i semi sono falliti, eccettuato uno che non so ancora cosa sia, ma che probabilmente è una fiore e non un’erbaccia” (Antonio Gramsci).

² Todas as traduções do italiano e do espanhol para o português, salvo diversa indicação, são de nossa autoria.

MORAES, Cintia da Silva. *Atrilha dos ninhos de aranha: o romance de Italo Calvino no contexto da Resistência Italiana*. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

RESUMO

A trilha dos ninhos de aranha, publicado em 1947, dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial (1939-1945) é o primeiro romance de Italo Calvino, fruto do exercício de rememoração de suas experiências enquanto partigiano nas montanhas da Ligúria. Para melhor compreendê-lo partiremos do contexto histórico de sua produção: a guerra, a guerra civil, a resistência e seus reflexos sobre os vários segmentos da sociedade na época. Ancorados nas reflexões de Antonio Gramsci consideraremos questões quais a formação da Itália como nação, a função dos intelectuais e a questão da língua como unidade nacional, presentes também no romance de Calvino.

Palavras-chave: Literatura. Resistência. Língua. Intelectuais.

MORAES, Cintia da Silva. *Atrilha dos ninhos de aranha: o romance de Italo Calvino no contexto da Resistência Italiana*. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

RIASSUNTO

Il sentiero dei nidi di ragno, pubblicato nel 1947, due anni dopo la fine della Seconda Guerra Mondiale (1939-1945) è il primo romanzo di Italo Calvino, frutto dell'esercizio di rimemorazione delle sue esperienze come partigiano sulle montagne Ligure. Per meglio comprenderlo partiremo dal contesto storico della sua produzione: la guerra, la guerra civile, la resistenza e il suo impatto sui diversi segmenti della società all'epoca. Ancorati alle riflessioni di Antonio Gramsci, considereremo questioni quali la formazione di Italia come nazione, il ruolo degli intellettuali e la questione della lingua come unità nazionale, presenti anche nel romanzo di Calvino.

Parole - chiave: Letteratura. Resistenza. Lingua. Intellettuali.

MORAES, Cintia da Silva. *Atrilha dos ninhos de aranha: o romance de Italo Calvino no contexto da Resistência Italiana*. Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2016.

ABSTRACT

The path to the spiders' nest, published in 1947, two years after the World War II (1939-1945) is the first novel by Italo Calvino, the fruit of an exercise of remembrance of his experiences as a partisan in the Ligure Mountains. To better understand that, we will start from the historical context of its production: war, civil war, resistance and their reflexes on the various segments of society at that time. Anchored in the reflections of Antonio Gramsci, we will consider questions about the formation of Italy as a nation, the role of the intellectuals, and the question of language as national unity, also present in Calvin's novel.

Key-words: Literature. Resistance. Language. Intellectuals.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1 FASCISMO E RESISTÊNCIA NA ITÁLIA	15
1.1 O VINTÊNIO FASCISTA.....	16
1.2 A RESISTÊNCIA.....	28
1.2.1 A atuação dos partidos políticos e imprensa clandestina	32
1.2.2 Os partigiani.....	37
1.2.3 As mulheres na resistência.....	43
1.2.4 Cartas do cárcere.....	48
1.2.5 Anotações sobre os intelectuais antifascistas.....	55
2 A RESISTÊNCIA DE ANTONIO GRAMSCI	58
2.1 OS ESCRITOS CARCERÁRIOS DE GRAMSCI	63
2.2 CULTURA, HEGEMONIA E INTELECTUAIS ORGÂNICOS.....	67
2.3 LÍNGUA NACIONAL, LITERATURA E LINGUAGEM	72
3 A TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA.....	81
3.1 NEORREALISMO E PROXIMIDADE ENTRE INTELECTUAL E POVO.....	81
3.1.1 Italo Calvino, <i>partigiano</i>	85

3.2 A RESISTÊNCIA VISTA PELOS OLHOS DE UM MENINO.....	90
3.2.1 Ecos de resistência e liberdade na voz de um menino: as canções entoadas por Pin	109
3.4 ZENA: UM LEITOR EM MEIO À GUERRA	114
CONSIDERAÇÕES FINAIS	120
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	123

INTRODUÇÃO

Ao analisarmos os vários aspectos da produção literária italiana observaremos que as obras de Italo Calvino (1923-1985) situam-se entre as mais significantes do século XX. Ao lado de nomes como Alberto Moravia, Emilio Salgari e Umberto Eco, sua fortuna crítica é suscitada por uma vasta produção literária que compreende contos, fábulas, ensaios e romances. O primeiro romance do autor, *A trilha dos ninhos de aranha* (1947), que condensa suas experiências na luta armada contra o nazifascismo, trata de aspectos de grande relevância cultural, política e social da nação italiana no período pós-guerra. Contudo, no prefácio à segunda edição do romance, em 1964, Calvino afirma que naquele tempo “o livro foi lido simplesmente como romance, e não como elemento de discussão sobre um julgamento histórico” (CALVINO, 2004, p.13), talvez, devido à herança do fascismo que, por vinte anos, regulou a imprensa, as escolas e a produção cultural no país, e impedia as pessoas de compreenderem, de fato, os fatos políticos ligados aos acontecimentos de seu tempo.

Publicado dois anos após o fim da Segunda Guerra Mundial, o romance é construído a partir da cultura da resistência e como forma de afirmação do antifascismo: documenta o tema da resistência – comum para grande parte do povo italiano – numa linguagem compreensível em um país linguisticamente dividido entre língua padrão (a dos intelectuais) e muitos dialetos. Ao mesmo tempo privilegia as ações dos cidadãos comuns, dando-lhes voz após o profundo silêncio a do vintênio fascista.

Empenhados em examinar o romance como parte da cultura da Resistência, no primeiro capítulo buscaremos compreender o período histórico a partir da política expansionista iniciada após a Primeira Guerra Mundial, a ascensão do Regime Fascista (1922-1943), os motivos da entrada da Itália na Segunda Guerra Mundial, a invasão alemã e a Resistência Italiana. Ao tratarmos da Resistência, abordaremos o papel dos intelectuais, o empenho dos partidos políticos, a dedicação de jovens, adultos, homens e mulheres que lutaram pela Liberação. Para que os sentidos da obra não sejam limitados ao nosso horizonte cultural, procuraremos resgatar um pouco da memória da Resistência.

Abordar o momento histórico da resistência, retratada no romance de Calvino, é elemento necessário para compreender a problemática da formação da Itália como nação.

Dentro dessa problemática, nos referiremos aos escritos de Antonio Gramsci, no segundo capítulo. Versaremos sobre a questão da língua para Gramsci, a sua preocupação com a necessidade de uma língua que expressasse a unidade nacional entre massa e grupo hegemônico e a função dos intelectuais nesse processo.

Observador crítico dos acontecimentos de seu tempo, Gramsci propõe uma dimensão inovadora à categoria de cultura e ao papel fundamental que essa possui no estabelecimento, manutenção ou transformação de uma determinada forma de organização social. Conforme Siega (2015), em Gramsci evidencia-se a superação da concepção marxista de cultura – entendida como reflexo da estrutura econômica – para o seu entendimento enquanto elemento estrutural e núcleo de atravessamento de tensões sociais. Parte fundamental da cultura, a questão da língua aparece, em Gramsci, como um elemento central na sua investigação sobre as relações entre as classes intelectuais e as classes populares, espelhadas nas relações estabelecidas entre a língua literária e fala cotidiana, língua nacional e dialetos regionais. Recuperada, artisticamente, pelo neorrealismo, a questão língua-dialeto será um dos suportes temáticos e estéticos de obras artísticas que tentaram superar a fratura entre intelectuais e povo que os escritos de Gramsci, no cárcere, tinham colocado em evidência.

A nosso ver, compreender essas questões contribui para a análise da obra literária *A trilha dos ninhos de aranha* (1947), discutida aqui como expressão de resistência cultural ao fascismo. Retoma-se, desse modo, a posição política de seu autor, haja vista o objetivo a que se propõe: representar a realidade italiana no momento em que tinha ruído a hegemonia da ditadura de Mussolini. Demarcar o horizonte da resistência italiana, no qual se insere o romance em análise é uma maneira de recuperar (ou, pelo menos, de assinalar) o teor contestador de obras que, incorporadas pelo cânone da literatura mundial, tendem a ter atenuados os seus elos com o contexto político de seu tempo.

Observador crítico dos acontecimentos de seu tempo, Gramsci propõe uma dimensão inovadora à categoria de cultura e ao papel fundamental que essa possui no estabelecimento, manutenção ou transformação de uma determinada forma de organização social. Conforme Siega (2015), em Gramsci evidencia-se a superação da concepção marxista de cultura – entendida como reflexo da estrutura econômica – para o seu entendimento enquanto elemento estrutural e núcleo de atravessamento de tensões sociais. Parte fundamental da cultura, a questão da língua aparece, em Gramsci, como um elemento

central na sua investigação sobre as relações entre as classes intelectuais e as classes populares, espelhadas nas relações estabelecidas entre a língua literária e fala cotidiana, língua nacional e dialetos regionais. Recuperada, artisticamente, pelo neorrealismo, a questão língua-dialeto será um dos suportes temáticos e estéticos de obras artísticas que tentaram superar a fratura entre intelectuais e povo que os escritos de Gramsci, no cárcere, tinham colocado em evidência.

A nosso ver, compreender essas questões contribui para a análise da obra literária *A trilha dos ninhos de aranha* (1947), de Ítalo Calvino, que será discutida como expressão de resistência cultural ao fascismo. Retoma-se, desse modo, a posição política de seu autor, haja vista o objetivo a que se propõe: representar a realidade italiana no momento em que ruía a hegemonia da ditadura de Mussolini. Demarcar o horizonte da resistência italiana, no qual se insere o romance em análise é uma maneira de recuperar (ou, pelo menos, de assinalar) o teor contestador de obras que, incorporadas pelo cânone da literatura mundial, tendem a ter atenuados os seus elos com o contexto político de seu tempo.

CAPÍTULO 1

FASCISMO E RESISTÊNCIA NA ITÁLIA

No início dos anos 1940, a situação política, econômica e social da Itália era o resultado do processo de Unificação³ que evidenciara o desnível econômico entre norte e sul do país, da participação na primeira guerra mundial e iminente entrada na segunda, além da experiência frustrada de uma ditadura militarista, tudo isso em pouco menos de um século. A sociedade italiana passava por grande penúria econômica, uma vez que a política contrarrevolucionária, ultranacionalista e imperialista do fascismo submetia os trabalhadores a pesados regimes de trabalhos nas fábricas para sua economia de guerra, ignorando necessidades básicas como sustento e moradia (HOBBSAWM, 1995). Nos lugares públicos, sentia-se a falta de liberdade, obstaculada pela repressão e brutalidade que iam desde a destruição das instituições sociais, à perseguição aos partidos políticos, à reforma do sistema escolástico em todos os seus níveis de escolarização, ao controle dos meios de produção cultural e das pesquisas acadêmicas, à supressão e encarceramento dos dissidentes, manifestando-se na atitude silenciosa da sociedade diante dos abusos do estado de exceção. Movida por razões oportunísticas, a entrada da Itália na segunda guerra mundial, ao lado da Alemanha, precipita o país em uma das maiores crises de sua história, que culmina em uma guerra civil. Em tal cenário, organiza-se a Resistência armada ao regime fascista, entendida como ocasião histórica para recomeçar a batalha entre forças revolucionárias e restauradoras que, vinte atrás, tinha sido concluída com a derrota das primeiras, levando Mussolini⁴ ao poder e os antifascistas para a prisão ou exílio (PELI, 2006).

³ O processo de Unificação Italiana teve início em 1849 quando o rei do Piemonte, Vitor Emanuel II, auxiliado pelo conde de Cavour, estabeleceu alianças em favor de seu estado, o único estado italiano na Península até então. Dez anos mais tarde, com o auxílio da França, derrotaram os Austríacos - que queriam anexar parte da Itália ao seu país - e libertaram a Lombardia. Em 1860 pequenos estados como Toscana, Modena, Parma e Roma foram anexados ao Piemonte e, no mesmo ano, Giuseppe Garibaldi tomou Nápoles. Apoiado pela Prússia, em 1866 Vitor Emanuel expulsou os austríacos da região de Veneza e, com a saída de Napoleão III as terras de Roma, pertencentes ao Papa, também foram anexadas ao governo italiano. Contudo, algumas províncias mantiveram-se fiéis ao governo da Áustria – por isso ficaram conhecidas como irredentas – e só foram anexadas no período da Grande Guerra (1914-1918) após a insistência dos movimentos populares apoiados pela grande Itália (GRANDO, 2001).

⁴ Benito Almicare Andrea Mussolini.

1.1 O VINTÊNIO FASCISTA

A política expansionista do reino da Itália, iniciada após o processo de unificação e concluída com a primeira guerra mundial, garantiu a anexação das regiões do Trentino e do Friuli, assim como a cidade de Trieste. O período pós-guerra, porém, seria marcado por problemas ligados à política externa e por uma crise sócio-econômica que fez com que, na ausência de uma tradição democrática, grande parte da população sentisse certa instabilidade e, desencantada com o domínio da monarquia e da Igreja, passasse a almejar uma nova figura política que lhe inspirasse segurança (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013). Com estas expectativas, grupos internos começaram a movimentar-se, cobrando as promessas territoriais e coloniais negada pelas potências aliadas e, apoiando uma reforma democrática e a instituição da República, começaram a criticar a ação dos liberais e dos socialistas (SALVADORI, 2005). Nesse contexto, o Partido Fascista Italiano (PFI), fundado em março de 1919 juntamente com o movimento esquadrista, mas afastado da vida política até então, começaria a ganhar visibilidade em maio de 1921, devido ao apoio dos dirigentes liberais, da Monarquia e da Igreja, por pretender lutar contra os extremismos e por oferecer, por meio de discursos demagógicos e de propagandas políticas eficientes, o que as pessoas esperavam ouvir. Liderado pelo ex-socialista Benito Mussolini, o partido conseguiu impor-se entre a população italiana, pois

representava uma reação nacionalista às frustrações resultantes da Primeira Guerra Mundial e um modo de fortalecer o Estado, além de atender às aspirações de estabilidade diante das ameaças revolucionárias de esquerda e especialmente diante da implantação do socialismo da União Soviética (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013, p. 83).

Com o apoio financeiro de grandes proprietários de terras e de industriais, Mussolini construiu e armou uma violenta ferramenta militar, uma formação constituída por militantes fascistas, os “camisas-negras”, que perseguiram e atacavam grevistas, sindicalistas e socialistas (SALVADORI, 2005). A ofensiva culminou, em outubro de 1922, na Marcha sobre Roma, formada por cerca de 50 mil fascistas vindos do norte da Itália que, capitaneados pelo *duce*, avançaram em direção à capital do reino e provocaram uma forte tensão política. O rei Vittorio Emanuele III declarou estado de sítio e, por não ter encontrado alternativa para proteger seu reinado, convidou Benito Mussolini para compor o governo do país, tornando-o chefe de gabinete (GUANCI, 2010).

Nas eleições de abril de 1924, valendo-se de fraude eleitoral e intimidação exercida pelos camisas-negras, Mussolini obteve maioria no Parlamento. Em 30 de maio do mesmo ano, o reeleito deputado socialista Giacomo Matteotti tomou a palavra na tribuna para analisar os resultados das eleições e denunciou as ilegalidades e os abusos fascistas. Dias depois, em 10 de junho, Matteotti seria sequestrado e seu corpo encontrado num bosque a quase vinte e cinco quilômetros de Roma, em 16 de agosto. Tal fato deu início a uma crise política interna e externa, mas a falta de união entre a esquerda e o medo de represálias acabaram por acalmar os ânimos dos oposicionistas (ALTMAN, 2014).

Nos anos seguintes, 1925-1926, Mussolini tratou de fortalecer seu poder e, respaldado por leis sancionadas por integrantes de seu próprio partido, já que eram maioria no Parlamento, suprimiu a liberdade de imprensa, destruiu as instituições liberais, os sindicatos e a democracia, combateu o socialismo e o comunismo, além de abolir os partidos que não eram o seu (SALVADORI, 2005). Instaurada a ditadura, o *duce*, como se intitulava, passou a chefiar as forças armadas, a marinha, e as forças aéreas do país e, com o apoio das elites dominantes, iniciou uma inconsequente busca por desenvolvimento econômico e expansão territorial que acabou por conduzir a nação a desfechos desastrosos tanto na política interna quanto externa (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013).

Embora o governo fascista apresentasse, inicialmente, consideráveis resultados nos principais setores da economia, seu sucesso baseava-se no cerceamento dos direitos dos trabalhadores, como a proibição das greves, sendo publicizado pelos consideráveis investimentos na propaganda de massa, aliada ao controle da produção cultural do país, dos intelectuais e da estrutura de ensino. Segundo Piromalli (2007, p. 3):

A cultura era compreendida como uma ferramenta de propaganda particular: Mussolini falando aos escritores (1934) indicava as formas de propaganda "que vão para as grandes massas, a milhões e milhões de indivíduos, que tocam as profundezas do coração de uma vasta massa de gente e fazem conhecer a Itália [...] E, como os escritores do Risorgimento fizeram conhecer a dor, a escravidão e as esperanças da Itália, assim os escritores do pós-guerra e do Fascismo devem fazer conhecer esta nossa Itália em todas as manifestações das suas atividades e multiforme vida". Imprensa, cinema, rádio, teatro, escola formaram um bloco ideológico funcional ao bloco econômico que era o sustento fascismo.⁵

⁵ "La cultura fu intesa soprattutto come strumento di propaganda: Mussolini parlando agli scrittori (1934) indicava le forme di propaganda «che vanno alle grandi masse, a milioni e milioni di individui, che toccano il profondo cuore di una vasta massa di popolo e fanno conoscere l'Italia [...] E come gli scrittori del Risorgimento fecero conoscere i dolori, la schiavitù e le speranze d'Italia, così gli scrittori del dopoguerra e del Fascismo debbono far conoscere questa nostra Italia in tutte le manifestazioni delle sue attività e

Com o intuito de controlar a imprensa, a Secretaria de Imprensa do Chefe de Governo⁶ esteve sob autoridade de Mussolini até 1923. Depois sob as ordens de Galeazzo Ciano, ampliou suas esferas de domínio: em 1933 foi estendida ao rádio e ao cinema; em 1934 transformou-se no Secretariado de Estado para a Imprensa e Propaganda; em 24 de junho de 1935, no Ministério Imprensa e Propaganda; em 27 de maio de 1937, no Ministério da Cultura Popular, contribuindo “para unificar o conteúdo da cultura, sob o controle do Estado, e para a sujeição dos intelectuais” (MUSIEDLAK, 2006, p. 85).

Mussolini fez reformas no sistema escolástico, instituindo regras e normas para a conduta dos professores e dos alunos por meio de criação de leis e de manuais que difundiam os ideais fascistas para uso escolar. Para atrair os intelectuais, criou leis de incentivo e fomento à pesquisa em prol da afirmação do fascismo na sociedade italiana. Com o objetivo de inculcar os sentimentos de disciplina e educação militar no cotidiano das crianças e jovens, em 03 de abril de 1926, por meio da lei 2247, criou a ONB (Obra Nacional Infantil)⁷ e mais tarde o GUF (Jovens Universitários Fascistas)⁸ trabalhando na construção de futuros soldados, homens prontos a “crer, obedecer e combater” e de “formar a consciência e o pensamento daqueles que serão os fascistas de amanhã” (ANTONELI, 2009, p. 3)⁹.

De inspiração militar, A ONB passou a coordenar a educação moral, profissional e corporal de crianças e adolescentes, assim classificados: meninos e meninas entre 6 aos 8 anos eram os “Filhos da Loba”¹⁰; meninos dos 8 aos 14 anos eram os *Balilla* e as meninas dessa mesma idade as Pequenas italianas¹¹; dos 14 aos 18 anos os meninos eram chamados de Vanguardistas¹² e as meninas Jovens italianas¹³; um grupo externo ao ONB recebia os

multiforme vita». Stampa, cinema, radio, teatro, scuola costituirono un blocco ideologico funzionale al blocco economico che era il sostegno del fascismo”.

⁶ “*L’ufficio di stampa del Capo del Governo*”.

⁷ “*Opera Nazionale Balilla*”. Todas as traduções do italiano para o português, salvo diversa indicação, são de nossa autoria.

⁸ “*Giovani Universitari Fascisti*”.

⁹ “*credere, obbedire e combattere*”; “*formare la coscienza e il pensiero di coloro che saranno i fascisti di domani*”.

¹⁰ “*Figli della Lupa*”.

¹¹ “*Piccole italiane*”.

¹² “*Avanguardisti*”.

¹³ “*Giovani italiane*”.

maiores de 18 anos, onde permaneciam até os 24 anos recebendo orientações militares: os rapazes constituíam o Feixe Juvenil de Combate¹⁴ e as moças o Jovens fascistas¹⁵; o processo formativo concluía-se com a convocação dos jovens a filiarem-se ao Partido Fascista Italiano (ANTONELI, 2009).

Depois de estabelecer a organização da nova escola fascista, Mussolini impôs aos professores universitários que jurassem fidelidade ao Regime Fascista (BENDISCIOLI, 1964) e, dentre os 1225 docentes, apenas 13 não se submeteram ao juramento (ANTONELI, 2009). Nas escolas de ensino básico, o único livro que poderia ser utilizado pelos professores era aquele elaborado também pelo regime, dotado de doutrinas e ensinamentos que pregavam a obediência cega ao *duce*, conforme pode-se perceber do trecho de um livro de leitura de 1936, reportado por Antonelli (2009, p. 4)

São os olhos do Duce que vos guiam. Que coisa seja aquele olhar, ninguém sabe dizer. É uma águia que abras as asas, e sobe pelos ares. É uma chama que procura os vossos corações para acendê-lo com um fogo vermelho. Quem resistirá àquele olho ardente, armado de setas? Tranquilizai-vos, por vós as setas se transformam em raios de alegria... Um menino que, não por recusar-se a obedecer, pergunta: "por quê?" é como uma baioneta de lata... "Obedeçam porque devem obedecer". Quem procura os motivos da obediência as encontrará nestas palavras de Mussolini... Somos rijos e atenciosos a um tributo de gratidão e obediência àquele que "preparou, conduziu, venceu a maior grande guerra colonial que a história recorda". Uma fé criou o Império, esta: "Mussolini tem sempre razão"¹⁶.

A articulação entre propaganda e ensino é estreita e, no texto, a menção à "maior guerra colonial que a história recorda" é uma referência à ocupação da Etiópia que termina, em 1936, com a vitória dos italianos sobre a resistência local. Conforme Siega (2012), a conquista da Etiópia representou o culmine da popularidade de Mussolini, que declarou então a fundação do Império

¹⁴ "Fasci Giovanili di Combattimento".

¹⁵ "Giovani fasciste".

¹⁶ "Sono gli occhi del Duce che vi scrutano. Che cosa sia quello sguardo, nessuno sa dire. È un'aquila che apre le ali, e sale nello spazio. È una fiamma che cerca il vostro cuore per accenderlo d'un fuoco vermiglio. Chi resisterà a quell'occhio ardente, armato di frecce? Rassicuratevi, per voi le frecce si mutano in raggi di gioia...

Un fanciullo che, pur non rifiutandosi d'obbedire, chiede: "perché?" è come una baionetta di latta... "Obbedite perché dovete obbedire". Chi cerca i motivi dell'ubbidienza li troverà in queste parole di Mussolini...

Siamo irrigiditi sull'attenti per omaggio di gratitudine e obbedienza a Colui che "preparò, condusse, vinse la più grande guerra coloniale che la storia ricordi". Una fede ha creato l'Impero, questa: "Mussolini ha sempre ragione".

Italiano e adotou, a partir daí, o propósito de expansão militarista internacional calcada na ideia da supremacia racial, que resultaria, em 1940, na entrada da Itália em guerra, ao lado da Alemanha.

No sistema educativo e propagandístico, outro aspecto de destaque é a política linguística do regime, pois, assim como em outros governos totalitários, o nacionalismo buscou suprimir diferenças regionais e de classe, em prol de uma cultura e identidade nacionais feitos à imagem e semelhança da classe dirigente:

O início de uma política linguística rígida assim representou para os italianos um período de insidiosas perseguições para as próprias tradições linguísticas e culturais, sobretudo porque com a língua vem representada também certa maneira de ver e descrever o próprio mundo¹⁷ (HATZOPOULOS, 2011, p.11).

Proclamado como necessidade de se “falar bem”, o objetivo de tal conservadorismo era eliminar os dialetos e a língua falada pelas classes populares, sobretudo as de origem camponesa, e erradicar as palavras estrangeiras, formando, assim, uma língua pura, que deveria ser padrão. Para garantir o sucesso da política linguística, uma das estratégias do regime foi a manipulação do sistema escolástico, apoiando-se em uma lei de 15 de novembro de 1859, a “Lei Casati”, que reconhecia deveres e direitos ao governo, autorizado a intervir em tudo aquilo que resguardava as instituições escolásticas no país: “o governo fascista queria obter o controle de cada aspecto da formação das crianças, assegurando (por assim dizer) o futuro do regime¹⁸” (HATZOPOULOS, 2011, p. 13).

Em 31 de dezembro de 1923, foi promulgada a lei nº 3126, denominada “A reforma Gentile”¹⁹, que controlava o ensino nas escolas com o intuito de fazer com que as crianças aprendessem a língua nacional, mas também de inculcar nelas ideia e valores do regime. Até os manuais de alfabetização eram escritos na língua padrão (RAI, 2012), com o objetivo de fazer com que “a escola italiana em todos os seus graus e seus ensinamentos inspire-se aos ideais do Fascismo e a viver no clima histórico criado desde a Revolução

¹⁷ “l’avvio di una politica linguistica così rigida rappresentò per gli italiani un periodo di persecuzioni insidiose per le proprie tradizioni linguistiche e culturali, soprattutto perché con una lingua viene presentata anche una certa maniera di vedere e descrivere il proprio mondo”.

¹⁸ “il governo fascista voleva prendere controllo di ogni aspetto della formazione dei fanciulli, assicurando (per così dire) il futuro del regime”.

¹⁹ “La riforma Gentile”.

Fascista’: esta era a diretriz de Mussolini a qual se devia obedecer²⁰” (HATZOPOULOS, 2011, p. 12).

Para garantir o apoio dos intelectuais, Mussolini criou instituições e práticas de fomento à pesquisa, financiadas pela Academia da Itália²¹, para a produção de uma cultura nacional em conformidade com os ideais fascistas. Outro elemento que contribuiu para a conquista dos intelectuais foi a divulgação do fascismo como espécie de fé religiosa que promovia o homem novo e a regeneração da humanidade, atraindo simpatia de acadêmicos que aderiam à “missão” fascista, entendendo-a como “obra de redenção e refundação”; associado a essa percepção religiosa da política fascista, o culto à figura de Mussolini transformava-se na única forma de cultura acessível às massas, pois, “situada no coração da religião fascista, a figura do Duce era considerada a intérprete da consciência nacional, elemento-chave do dispositivo do sistema totalitário italiano” (MUSIEDLAK, 2006, p. 87). A condição de religião política era reivindicada pelo movimento esquadrista desde 1920²²:

definidos como os “cruzados da nação”, os esquadristas permitem difundir junto às massas os ritos fundamentais do culto fascista: a saudação romana, o juramento, a sacralização da nação e da guerra, o benzimento dos emblemas (le Littorio), as honras rendidas aos mortos e aos mártires e, enfim, o recurso às cerimônias de massa” (GENTILE, 1993 *apud* MUSIEDLAK, 2006, p. 86-87).

O culto à figura de Mussolini manifestava-se também por meio da produção musical. O ditador interessava-se bastante pela vida musical do país e, dedicando-lhe especial atenção por ter certo conhecimento de seus efeitos e de seu alcance, tratou de criar leis e órgãos para normatizar a produção musical da época, confrontando à música e musicistas estrangeiros e exigindo que os músicos italianos fossem filiados ao partido. Os poucos artistas italianos que se opuseram às imposições de Mussolini foram agredidos, presos ou exilados:

²⁰ “La scuola italiana in tutti i suoi gradi e i suoi insegnamenti si ispiri alle idealità del Fascismo e a vivere nel clima storico creato dalla Rivoluzione Fascista”: questa era la direttiva di Mussolini cui si doveva obbedire”.

Fasci di combattimento eram grupos de ação política, fundado em 1919, organizado pelo fascismo.

Na música, como em vários outros campos, era necessário inscrever-se ao partido para conseguir manter um emprego decente; a objeção envolvia, no mínimo, contínuos assédios, e em certos casos a prisão ou o exílio em regiões afastadas do país. Apenas os antifascistas mais decididos estavam dispostos a assumirem para si esse tipo de risco²³ (SACHS, 1995, p. 59).

Como as demais produções culturais do período, a música do regime era voltada para a exaltação do *duce*, do fascismo, da guerra e da pátria. O propósito era transmitir a ideia de estabilidade e de avanço glorioso para o progresso, alimentando o consenso popular: “A exaltação do fascismo teve ‘de forma magicamente expressiva uma intrínseca capacidade de influenciar as orientações psicológicas das massas²⁴’” (BEVERE, 1974, p. 33). Cada conquista de território ou vitória na guerra era motivo de produção musical para seu engrandecimento. A Marcha sobre Roma, por exemplo, teve uma composição especial em comemoração à sua chegada ao poder e início de seus objetivos ditatoriais, por meio de um concurso musical realizado entre os italianos.

A música é o melhor meio de expressão para os grandes espíritos, e os gêneros preferidos de Mussolini eram as grandes sinfonias e as marchas triunfais, prelúdio, por assim dizer, à sua Marcha sobre Roma. Muito tempo após a morte de Mussolini o seu camareiro afirmou, bem simplesmente, que o *duce* gostava de escutar a rádio e os discos em sua casa em Veneza e que “tinha forte antipatia por músicas dançantes e pelo gênero chamado de ligeiro”²⁵ (SACHS, 1995, p. 24).

Amplamente difundidas entre a população italiana, pelo rádio e pelas escolas, as músicas tratavam, sempre, de celebrar o regime, o heroísmo, o sacrifício pela pátria, a invencibilidade do exército de Mussolini. Entre tantas, as mais conhecidas foram *Juventude*²⁶ (1922), *Hino a Roma*²⁷ (1935), *Face negra*²⁸ (1935) e *Vencer! Vencer!*

²³ “Nella musica, come in molti altri campi, era necessario iscriversi al partito per poter mantenere un impiego decente; la protesta comportava come minimo subire molestie continue, e in certi casi la prigione o il confino in qualche zona remota del paese. Soltanto gli antifascisti più decisi erano disposti ad assumersi un simile rischio”.

²⁴ “La esaltazione del fascismo abbia avuto ‘per suggestività di forma espressiva una intrinseca capacità di influenzare gli orientamenti psicologici delle masse’”.

²⁵ “La musica è il miglior mezzo d’espressione per i grandi spiriti, e i pezzi preferiti di Mussolini erano le grandi sinfonie e le marce trionfali, preludio, per così dire, alla sua Marcia su Roma”. Molto tempo dopo la morte di Mussolini il suo cameriere affermò, più semplicemente, che al *duce* piaceva ascoltare la radio e i dischi a palazzo Venezia e che “aveva spiccata antipatia per la musica ballabile e per il genere così detto leggero”.

²⁶ “Giovinezza”.

²⁷ “Inno a Roma”.

²⁸ “Facceta Nera”.

*Vencer!*²⁹ (1940), uma das canções mais famosas dos primeiros meses da guerra, que recordava os poderes da Roma Imperial, exaltava a figura de Mussolini e o ânimo do povo, para que engajassem nos combates:

Vencer! Vencer! Vencer! (1940)

Endurecidos por mil paixões
a voz da Itália chamou!
“Séculos, cortes, legiões,
em pé que a hora soou”!
Avante juventude!
Cada restrição, cada obstáculo, superaremos,
quebreemos a escravidão
que sufoca aos prisioneiros do nosso Mar!

Vencer! Vencer! Vencer!
E venceremos na terra, no céu, no mar!
E a palavra de ordem
de uma suprema vontade!
Vencer! Vencer! Vencer!
A cada custo, ninguém nos parará!
Os corações exultam,
estão prontos a obedecer,
estão prontos e juram:
ou vencer ou morrer!
Capacete, punhal, mosquete,
a passo romano se vai!
A chama que arde no peito
nos incita nos guia se vá!
Avante! Avançaremos ao inalcançável
o impossível não existe!
A nossa vontade é invencível,
Ninguém nunca se curvará!

Vencer! Vencer! Vencer!
E venceremos na terra, no céu, no mar!
E a palavra de ordem
de uma suprema vontade!
Vencer! Vencer! Vencer!
A cada custo, ninguém nos parará!
Os corações exultam,
estão prontos a obedecer,
estão prontos e juram:
ou vencer ou morrer!³⁰ (LORIEN, s/d).

²⁹ “*Vincere! Vincere! Vincere!*”.

³⁰ “*Vincere! Vincere! Vincere! Temprata da mille passioni/la voce d'Italia squillò! “Centurie, coorti, legioni, in piedi che l'ora suono”!/Avanti gioventù!/Ogni vincolo, ogni ostacolo superiamo, spezziamo la schiavitù/che si soffoca prigionieri del nostro Mar!*”

Desde os anos 1930, com as tentativas de expansão colonial na África, a guerra, transforma-se em um dos temas chave do aparato propagandista de Mussolini, que passa a divulgá-la “como motor de renovação e regeneração nacional, capaz de forjar uma nova civilização que conduziria o país a uma posição dominante no contexto europeu” (SIEGA, 2013, p. 139). Para superar os efeitos da depressão mundial de 1929, o fascismo tinha intensificado as lutas para conquistas territoriais, retomando a idéia de restaurar o Império Romano (VICENTINO; GIANPAOLO, 2013, p. 86). A nação pretendida por Mussolini, assim como a que Hitler desejava para os alemães, levou à corrida imperialista pelos territórios africano e europeu, ainda que o exército italiano não estivesse preparado para combates de grandes proporções e que os gastos militares excedessem as possibilidades italianas. Deste modo, “se dentro das fronteiras italianas o regime atua como um sistema corporativo de controle social com vistas à segregação e extirpação das vozes dissidentes, no plano internacional entra em vigor uma estratégia de agressão que caracterizaria a sua política externa a partir dos anos 1930” (SIEGA, 2013, p. 138).

As investidas de Mussolini na política externa trouxeram grandes prejuízos para a sociedade que, além da instabilidade política, enfrentava grandes dificuldades econômicas e sociais, sem perspectiva de melhorias e com significativas mudanças nas relações de trabalho e na vida familiar acarretadas pela política expansionista (GINSBORG, 2006). As famílias dos operários dos centros urbanos eram constituídas basicamente por mãe, pai e três filhos, que se dedicavam a um rígido sistema de trabalho das indústrias, que exigiam lucros para financiar a guerra; assim, os filhos começavam a trabalhar por volta dos 10 ou 12 anos e, como os pais, trabalhavam mais de 10 horas por dia e recebiam salários baixíssimos – menores dos que se pagava em 1921, período da grave crise econômica – motivo pelo qual “as famílias operárias raramente comiam carne, mas consumiam uma grande quantidade de sopa de vegetais e polenta. Não se podia permitir muitos luxos:

Vincere! Vincere! Vincere!/E vinceremo in terra, in cielo, in mare!/E' la parola d'ordine/d'una suprema volontà!/Vincere! Vincere! Vincere!/Ad ogni costo, nessun ci fermerà!/I cuori esultano,/son pronti a obbedir,/son pronti lo giurano:/o vincere o morir!

Elmetto, pugnale, moschetto,/a passo romano si va!/La fiamma che brucia nel petto/ci sprona ci guida si va!/Avanti! Si oserà l'inosabile,/l'impossibile non esiste!/La nostra volontà è invincibile,/mai nessun ci piegherà!

Vincere! Vincere! Vincere!/E vinceremo in terra, in cielo, in mare!/E' la parola d'ordine/d'una suprema volontà!/Vincere! Vincere! Vincere!/Ad ogni costo, nessun ci fermerà!/I cuori esultano,/son pronti a obbedir,/son pronti lo giurano:/o vincere o morir!”

comprar a prazo uma boa bicicleta custava dez liras ao mês por três anos”³¹ (GINSBORG, 2006, p. 16). Habitando as periferias das cidades industriais, constituídas por pessoas vindas do campo no início do século para trabalhar na cidade, tais famílias tinham constituído verdadeiras comunidades com características socialistas que, se antes procuravam ajudar-se mutuamente, agora conviviam com o silêncio no interior de suas casas, após a destruição das organizações socialistas (GINSBORG, 2006).

Em meio a uma crise profunda nos contextos externo e interno, a Itália vivia um caos político, social e econômico. Assim, numa tentativa de retomar as rédeas do país, no dia 25 de julho de 1943, o rei Vittorio Emanuele III e o Grande Conselho³² destituem Mussolini e mandam prendê-lo. A notícia, somada ao desembarque das tropas aliadas na Sicília, motivou a deserção dos soldados do exército Régio. Contudo, a guerra não havia acabado. Dava-se início a uma nova fase de lutas: os 45 dias badoglianos.

Esse período, que compreende a destituição de Mussolini e a assunção do Marechal Pietro Badoglio – de 25 de julho até o dia 08 de setembro de 1943, quando a Itália assinou o acordo de paz com as tropas aliadas, o Armistício de Cassibile –, foi marcado por grandes manifestações populares pelo fim do regime e também por repressões brutais por parte do rei e seu Marechal, que queriam manter uma ditadura militar, mas não tinham condições para tal (GINSBORG, 2006). A insatisfação popular compreendia desde manifestações pouco organizadas e nos lugares públicos até aquelas mais estruturadas ocorridas no interior das fábricas. Segundo Collotti (2010, p. 111) “a greve foi um dos sinais mais fortes de contestação do poder dos ocupantes e dos seus colaboradores, claramente entre os mais eficazes do ponto de vista da participação coletiva”³³.

O Armistício de Cassibile, que colocava fim ao período badogliano, foi anunciado via rádio no dia 08 de setembro de 1943, tendo sido assinado cinco dias antes pelo marechal Badoglio, então chefe de governo, trazendo consequências imediatas para o país, pois as cláusulas do armistício estabeleciam que “a Itália devia render-se sem condições, não era acolhida entre os Aliados e vinha-lhe reconhecido somente a ambígua condição de

³¹ *“le famiglie operaie mangiavano raramente carne, ma consumavano una gran quantità di minestrone e polenta. Non ci si poteva permettere molti lussi: comprare a rate una buona bicicletta costava dieci lire al mese per tre anni”*.

³² *“Gran Consiglio”*.

³³ *“... lo sciopero fu uno dei segnali più forti di contestazione del potere dell'occupante e dei suoi collaboratori, certo tra i più efficaci dal punto di vista del coinvolgimento collettivo”*.

‘colaboradora’”³⁴ (GINSBORG, 2013, p. 9). Segundo Santo Peli (2006, p. 52), a qualidade de nação colaboradora obtida pelo governo Badoglio garantia ao povo italiano o “direito de escolher livremente, no fim da guerra, a forma de governo que preferiam”³⁵.

No dia seguinte à assinatura do Armistício o rei e as forças armadas de seu governo empreenderam fuga para o Sul da Itália, porém não obtiveram êxito, já que apenas alguns oficiais chegaram a Brindisi. Assim, a debandada das forças armadas, a inconsistência das indicações operativas e a falta de orientação ao exército resultaram na sua dissolução, a consequência imediata mais dramática daquele momento da guerra, já que o país estava militarmente desprotegido, além da falta de governo, dos problemas econômicos e sociais que se agravavam (PELI, 2006).

Em meados de setembro a Itália estava partida ao meio: no Sul, estavam os aliados e o Rei; no Norte as tropas nazistas com a missão de libertar o *duce* (ANTONELI, 2009). Após sua libertação, Mussolini constitui um novo governo fascista no norte da Itália, a República Social Italiana, conhecida como República de Salò, em 14 de setembro, seis dias após o anúncio do acordo de paz com os Aliados e cinco dias após a fuga do rei:

Na metade de setembro a Itália estava dividida em duas. No Sul de Nápoles estavam os Aliados e o rei, que em 13 de outubro decide finalmente declarar à Alemanha. Ao Norte estavam os decididos a liberar Mussolini da prisão em Gran Sasso e a enviá-lo para a Alemanha. Mussolini retornou rapidamente à Itália, guiado por uma república de fachada ao Norte, com capital em Salò, uma pequena estação climática sobre a costa ocidental do Lago di Garda. Salò foi escolhida porque entenderam que a pessoa e a autoridade do Duce tinham mais possibilidades de sobreviver ali do que nas grandes cidades operárias de Milão e Turim³⁶ (GINSBORG, 2006, p. 11).

Com o exército desarmado e com a estrutura do Estado desfeita os soldados italianos vencidos, cansados dos anos da Segunda Guerra, com fome e com frio tentavam encontrar o caminho para a casa. Muitos deles foram convencidos a aderir às forças

³⁴ “*l'Italia doveva arrendersi senza condizioni, non veniva accolta tra gli Alleati e le veniva riconosciuto solo l'ambiguo status di 'cobelligerante'*”.

³⁵ “*diritto di scegliere liberamente alla fine della guerra la forma di governo che preferivano*”.

³⁶ “*A metà settembre 1943 l'Italia era tagliata in due. A Sud di Napoli vi erano gli Alleati e il re, che il 13 ottobre si decise finalmente dichiarare guerra alla Germania. Al Nord vi erano i riusciti a liberare Mussolini dalla prigionia sul Gran Sasso e a portarlo in Germania. Mussolini tornò presto in Italia, alla guida di una repubblica fantoccio del Nord con capitale a Salò, una piccola stazione climatica sulla costa occidentale del Lago di Garda. Salò era stata scelta perché si era capito che la persona e l'autorità del Duce avevano più possibilità di sopravvivere laggiù che non nelle grandi città operaie di Milano o Torino*”.

armadas da República de Salò, que ficaram conhecidas por Brigadas Negras, porém a maior parte da tropa foi capturada – cerca de 650 000 soldados italianos de várias unidades do exército tanto em território nacional quanto os que estavam na França, na Iugoslávia e na Grécia – e levada para os campos de concentração na Alemanha. Dentre eles cerca de 30 a 50000 morreram por causa de maus-tratos, do trabalho pesado, do frio ou da desnutrição que enfrentaram nos campos de concentração nazistas (PELI, 2006). Em 30 de setembro do mesmo ano, o clima de repressão e terror ganhou maior dimensão devido à ocupação alemã dos principais centros do Norte e do centro da Itália até Roma pela Wehrmacht e pela SS³⁷, já presentes em toda a península, desbaratando quase todo o exército italiano (GINSBORG, 2006).

Com o domínio nazista a Itália setentrional começa a perder forças, já que o propósito da ocupação alemã assume um caráter ainda mais combativo quando Badoglio declara guerra à Alemanha, no início do mês de outubro. Assim, a fuga do rei e seu governo, a ocupação alemã, a dissolução e captura do exército, a nova tentativa de Mussolini com o Estado fascista e a perda da credibilidade da classe dirigente (PELI, 2006) transformavam o cotidiano das famílias, que já sofriam com a falta de elementos de necessidade básica como saúde, alimentação, moradia:

Há pouco para comer: a quem possui o cartão de racionamento, em outubro, foi distribuído um quilo de batatas, 100 gr. de feijão, 50 gr. de salame, 80 gr. de carne suína, um decilitro de óleo, 200 gr. de manteiga e 100 gr. de gordura de porco. Arroz e massa são em torno de um quilo, não se fala em carne bovina, não se encontra verdura. Um sabonete de 100 gr. deve durar dois meses e em pouco tempo desaparecerá do mercado. Para quem fuma a porção diária é de três cigarros³⁸ (BORGOMANERI, 2016, p.3).

No final do fascismo o nível de vida dos camponeses destas regiões era desesperadamente baixo. Praticamente todo o orçamento familiar era gasto com comida: pão, massa, feijão, alguma verdura, raramente carne ou vinho. Nas cidades agrícolas do interior, todas brancas de gesso, as

³⁷ Criada em 1921 para substituir a Reichswehr após a derrota alemã na I Primeira Guerra Mundial, Wehrmacht era o nome do conjunto das forças armadas alemãs durante o Terceiro Reich entre 1935 e 1945 que abrangia o Exército (Heer), a Marinha de Guerra (Kriegsmarine) e a Força Aérea (Luftwaffe); a Waffen-Schutzstaffel, conhecida como SS, era uma organização paramilitar também ligada ao Partido Nazista Alemão, que apesar de não pertencer à Wehrmacht frequentemente se dispunha junto às suas tropas (COSTA, 2013).

³⁸ “C’è poco da mangiare: a chi possiede una tessera annonaria, in ottobre, sono stati distribuiti un chilo di patate, 100 gr. di fagioli, 50 gr. di salumi, 80 gr. di carne suina, un decilitro di olio, 200 gr. di burro e 100 gr. di grassi di maiale. Riso e pasta si aggirano attorno al chilo, di carne di manzo neanche parlarne, la verdura è introvabile. Una saponetta da bagno da 100 gr. deve durare due mesi e tra poco sparirà dal mercato. Per chi fuma la razione giornaliera è di tre sigarette”.

famílias e os animais viviam em um único grande cômodo sem janelas, que servia ao mesmo tempo de cozinha, de quarto e de sala³⁹ (GINSBORG, 2006, p. 35).

A penúria socioeconômica e a falta do poder regulador somavam-se ao clima de traição política causado pela fuga do rei após a rendição que entregava o país nas mãos dos inimigos, enquanto que, na República de Salò, Mussolini tentava impedir o avanço dos Aliados pela península⁴⁰. Continuar a guerra, para muitos, não fazia mais sentido, pois, além de terem sido abandonados pelo rei, não viam justificativas nem mesmo para terem entrado nela. Lutar ao lado de Mussolini, que era guiado pelos nazistas, era assustador, já que muitos soldados italianos tinham visto de perto, quando prisioneiros, o poder do exército nazista e sua máquina de guerra, com os campos de concentração, até então desconhecidos pelo exército italiano (ARAÚJO, 2011). É neste cenário que, segundo Italo Calvino (2004a)⁴¹, a escolha dos italianos em lutar contra as tropas fascistas, em uma verdadeira guerra civil, foi fruto de um estado de ânimo coletivo percebido em grande parte da população italiana, que se empenhou em expulsar os alemães entranhados no território, em libertar a Itália do domínio fascista e reconstruí-la. Essa luta, iniciada na última fase da Segunda Guerra Mundial, foi denominada Resistência Italiana ou *Resistenza Partigiana*.

1.2 A RESISTÊNCIA

Mais do que pela confiança nas próprias capacidades militares, a participação italiana na guerra foi ditada pela crença na superioridade alemã na condução do conflito, pois Mussolini esperava em uma guerra breve, na qual a Itália participaria de forma limitada (SIEGA, 2013). Todavia,

já a partir das primeiras dificuldades, a população compreende o equívoco do prognóstico: mal equipadas e iludidas pela promessa de uma

³⁹ “Alla fine del fascismo il livello di vita dei contadini di queste zone era disperatamente basso. Praticamente tutto il bilancio familiare se ne andava per il cibo: pane, pasta, fagioli, qualche verdura, raramente carne o vino. Nelle città agricole dell'interno, tutte bianche d'intonaco, le famiglie e gli animali vivevano in un'unica grande stanza senza finestre, che serviva al tempo stesso da cucina, da camera da letto e da stalla”.

⁴⁰ O plano dos americanos era iniciar as invasões na África, passando pela Sicília, subir a península da Itália e alcançar a Alemanha, ao contrário dos ingleses que queriam alcançar a Alemanha pelo Canal da Mancha (HOBSBAWN, 2006).

⁴¹ Prefácio à segunda edição de *A trilha dos ninhos de aranha* (1964).

guerra tão curta quanto vitoriosa, as tropas fascistas são humilhadas nas diversas frentes externas enquanto a terra natal, dividida, se transforma em território de ocupação das forças aliadas e do eixo. Configura-se assim uma inédita fratura entre opinião pública e regime: as privações, os ataques aéreos e o conflito entre as forças fascistas e da Resistência causam imensos sofrimentos à população civil, alimentando o sentimento de repúdio à ação militarista. Tão logo os italianos dão-se conta da proximidade de um desfecho desfavorável à Itália, os méritos que o regime atribuía a si e a sua política belicista transformam-se em culpas gravíssimas, e, com o armistício de setembro de 1943, faz-se sempre mais viva a atuação da guerrilha partigiana contra as tropas fiéis a Mussolini e Hitler. Último entre os grupos da Resistência europeia, o movimento partigiano compartilha a condição de sublevação popular originada, por um lado, da hostilidade contra a ocupação estrangeira e, por outro, de antigas relações com o antifascismo, produzindo valores que estão na base dos sistemas políticos do pós-guerra (SIEGA, 2013, p. 140).

A Resistência Italiana, iniciada na última fase da Segunda Guerra Mundial, teve a duração de vinte meses. Segundo Ginsborg (2006, p. 17), a veemência do fascismo ao enfraquecer as instituições sociais não foi suficiente para destruí-los completamente, pois apesar do silêncio mantido no interior das famílias, principalmente nas dos operários, a resistência estendeu-se “a uma série de gestos simbólicos, como usar gravata ou suspensório vermelhos no 1º de maio, ou rabiscar lemas nas paredes dos banheiros nas fábricas” ⁴². Também nas regiões rurais, o fascismo tinha conseguido, por um tempo, silenciar as vozes da Unificação. Contudo em pouco tempo os manifestantes rurais gritavam o lema: “Não queremos entregar o grão para o governo, não queremos pagar a alfândega e as taxas, queremos o subsídio e o pão, queremos o sal, fora os fascistas” ⁴³ (GINSBORG, 2006, p. 43).

A oposição ao fascismo era, até então silenciosa, múltipla e diversa e estava presente nos partidos, nos sindicatos, nos jornais, mas a oposição moral na cultura, na escola, na Igreja, que permanecia ainda mais silenciada, foi a preparação para a grande prova da Resistência (BENDISCIOLI, 1964). Por isso, ainda que a luta armada tenha sido necessária e predominante, a Resistência não pode ser interpretada como fenômeno exclusivamente armado, já que foi marcada por gestos de solidariedade, de negação da obediência jurada à Igreja e à Monarquia e de atos corajosos para salvar os perseguidos: lavar e remendar suas roupas e alimentá-los com o pouco de que se dispunha era o modo

⁴² “la resistenza fu limitata ad una serie di gesti simbolici, come l’indossare la cravatta o le bretelle rosse il 1º maggio, o lo scarabocchiare slogan sui muri dei gabinetti in fabbrica”.

⁴³ “Non vogliamo versare il grano all’ammasso, non vogliamo pagare il dazio e le tasse, vogliamo il sussidio e il pane, vogliamo il sale, fuori i fascisti.”

de demonstrarem solidariedade no momento da dor (VECCHIO, 2010). Para Bassani (2010), a resistência era difusa, e pessoas que talvez não tivessem força, nem coragem, e nem oportunidade de participar ativamente na luta armada, estavam prontas a ajudar quando era necessário. Nesse movimento coletivo,

Para eles a luta contra os nazistas e a batalha por uma nova dignidade como seres humanos, seja em casa ou na fábrica, andavam de mãos dadas. Os milhares de italianos que se uniam à Resistência não o faziam somente para libertar o próprio país, mas para transformá-lo. Eles estavam prontos a se sacrificarem (já que a probabilidade de morte era extremamente elevada), mas somente por uma nova Itália, fundada sob os princípios da democracia e justiça social. Giaime Pintor, por exemplo, tinha vinte e quatro anos quando escreveu assim ao irmão, em novembro de 1943, três dias antes de ser morto em uma mina alemã: “Hoje em nenhuma nação civil a separação entre a possibilidade vital e a condição atual é grande assim: compete a nós compensar esta separação” ⁴⁴ (GINSBORG, 2006, p.64-65).

Para Peli (2006), o fenômeno da resistência é bastante complexo e por isso não pode ser isolado, sendo necessário compreender a grande diversidade entre tantos grupos surgidos em vários locais pela Itália, que possuíam origens, consistência, organização, influência política diferentes e “a isso se acrescenta a necessidade, e a dificuldade, de dirimir o quanto de organizado e politicamente consciente, e quanto de ocasional, ou casual, ou espontâneo determina ou condiciona a reciprocidade da guerra partigiana” ⁴⁵ (PELI, 2006, p. 11). Segundo Bendiscioli (1964) a Resistência incluía nas suas fileiras neofascistas, alemães, republicanos de Salò, monárquicos e católicos que se aliavam aos ingleses, americanos, franceses, e *partigiani*. Já os últimos, conforme Vecchio (2010), eram formados por comunistas, socialistas, acionistas, operários, estudantes, intelectuais e cidadãos comuns.

Para compreender a grandeza e os limites da resistência, Peli (2006) organiza o movimento antifascista em três categorias: a primeira era a dos que se opuseram a

⁴⁴ “Per loro la lotta contro i nazisti e la battaglia per una nuova dignità in quanto esseri umani, sia a casa che in fabbrica, andavano di pari passo. Le migliaia di italiani che si univano alla Resistenza non lo facevano solo per liberare il proprio paese, ma per trasformarlo. Essi erano pronti a sacrificarsi (dal momento che la probabilità di morte era estremamente elevata), ma solo per una nuova Italia, fondata sui principi di democrazia e giustizia sociale. Così scrisse ad esempio il ventiquattrenne Giaime Pintor al fratello nel novembre 1943, tre giorni prima di venire ucciso da una mina tedesca: “Oggi in nessuna nazione civile il distacco fra le possibilità vitali e la condizione attuale è così grande: tocca a noi colmare questo distacco”.

⁴⁵ “a questo va aggiunta la necessità, e la difficoltà, di dirimere quanto di organizzato e politicamente consapevole, e quanto di occasionale, o casuale, o spontaneo determina o condiziona le vicende della guerra partigiana”.

Mussolini desde o início do vintênio fascista e que perseguições políticas, encarceramento, processos e exílio. A segunda categoria, aquela da base da massa, foi espontânea, sendo que uma parte dos que a ela aderiram tinha consciência da importância histórica daquela escolha, enquanto outros, por temerem ser convocados por Mussolini para a República de Salò, fugiam para as montanhas e lá se juntavam aos *partigiani*: “Muitos eram os prisioneiros de guerra que escaparam, vários os jovens radicais da classe média, e crescente, à medida que os meses passavam, o número dos operários, sempre fugidos da perseguição e sequestro nas fábricas”⁴⁶ (GINSBORG, 2006, p. 14). Já a terceira categoria compreendia aqueles que, num nítido arrependimento político, recusavam o fascismo, depois de tê-lo apoiado. Assim, a Resistência assume primeiramente seu caráter político:

O primeiro objetivo da resistência política é também aquele de aprofundar e tornar irreversível uma radical descontinuidade quanto ao regime fascista, à monarquia que partilhou das glórias e aventuras, aos valores ideais e as hierarquias sociais que no ventênio foram impostas como modelo para toda a sociedade nacional⁴⁷ (PELI, 2006, p. 4).

Além disso, é preciso ter cautela ao tratarmos sobre a difícil escolha dos italianos após o 8 de setembro, pois apesar de terem reagido de forma autônoma, faziam parte de uma sociedade despolitizada e desestabilizada após vinte anos da pedagogia de massa do fascismo, que controlava os principais setores da vida cultural e coletiva: as praças, as escolas, as universidades e os meios de comunicação, de modo que “consciência histórica, preparação política, motivações intelectuais e éticas fortemente sentidas são muito raras”⁴⁸ (PELI, 2006, p. 4). Se por um lado, aquela pequena minoria que escolheu continuar a guerra ao lado de Hitler e Mussolini, pela República de Salò, representava o fim da forte identidade coletiva, mais tarde, a gestão das zonas livres provava que, apesar das precárias unidades de ação e divisões ideológicas, a população sabia autogovernar-se democraticamente (COLLOTTI, 2010).

⁴⁶ “*Molti erano i prigionieri di guerra fuggiti, parecchi i giovani radicali delle classe medie, e crescente, man mano che i mesi passavano, il numero degli operai, spesso sfuggiti a persecuzioni e arresti nelle fabbriche*”.

⁴⁷ “*Il primo obiettivo della resistenza politica è dunque quello di approfondire e rendere irreversibile una radicale discontinuità rispetto al regime fascista, alla monarchia che ne ha condiviso fasti e avventure, ai valori ideali e alle gerarchie sociali che nel ventennio si sono imposti come modelli per l'intera società nazionale*”.

⁴⁸ “*Consapevolezza storica, preparazione politica, motivazioni intellettuali ed etiche fortemente sentite sono molte rare*”.

As primeiras formações da Resistência, surgidas após o Armistício de *Cassibile*, surgiram no outono de 1943 e permaneceram até a completa liberação da Itália, na primavera de 1945 (PELI, 2006). Inicialmente o movimento consistia num nítido exercício de desobediência em apoio aos desertores – que já haviam sido ameaçados de punição pelo exército – por meio de atos não programados, como os de cidadãos que ofereciam esconderijo aos fugitivos, de maquinistas que diminuía a velocidade dos trens para favorecer a fuga e de soldados de guarda que abriam as cancelas das prisões para que os homens pudessem sair antes que os alemães chegassem (GINSBORG, 2006). Segundo Peli (2006), os primeiros grupos, surgidos nos vales piemonteses, foram em grande parte espontâneos. Somente no verão de 1944 tais grupos adquirem consistência e assumem papéis mais relevantes, com o apoio dos partidos políticos, os já denominados antifascistas, anarquistas, comunistas, liberais, socialistas, que se organizaram no Comitê pela Libertação Nacional (CLN) e Comitê pela Libertação Nacional da Alta Itália (CLNAI). Trata-se de promover e coordenar a Resistência, contando com a colaboração da classe trabalhadora e de pessoas de diversas camadas populares que, aos poucos, constituem a luta armada: “sem a resistência armada, provavelmente, teríamos tido uma Itália monárquica, e não teria sido escrita uma constituição profundamente inovadora no plano da justiça social” ⁴⁹ (PELI, 2006, p. 181).

1.2.1 A atuação dos partidos políticos e a imprensa clandestina

Devido ao caráter ditatorial do Partido Fascista, que a partir da ascensão de Mussolini, em 1922, perseguiu e cassou os demais partidos políticos, os partidos antifascistas passaram a operar clandestinamente. Em 25 de julho de 1943, quando Mussolini foi destituído e preso pelo rei, muitos socialistas, comunistas, liberais, republicanos e democristianos foram liberados do cárcere e do exílio, e decidiram formar os Comitês de Libertação Nacional (CLN) para organizar a Resistência, recolhendo soldados, oficiais desertores e cidadãos que, mesmo sem direção política, manifestavam apoio à causa (VECCHIO, 2010).

Segundo Bendiscioli (1964), os partidos antifascistas que atuaram na Resistência foram: Partido Socialista; Partido da Democracia Cristã, Partido Liberal; Partido

⁴⁹ “*senza la resistenza armata, probabilmente, avremmo avuto un'Italia monarchica, e non sarebbe stata scritta una costituzione profondamente innovativa sul piano della giustizia sociale*”.

Comunista Italiano; Partido de Ação; Partido da Democracia do Trabalho; Partido Republicano Italiano; Esquerda Cristã; Movimento Cristão-Social (Roma); Partido Socialista Internacionalista; Partido Anárquico Libertário; Partido Reformista Italiano; sendo que os mais representativos da luta foram os partidos de massa: socialista, comunista, democristiano. Segundo Giovana (2000), inicialmente procedeu-se à organização da Resistência a partir de formações militares, conforme o modelo do Partido de Ação⁵⁰ – movimento da pequena burguesia –, empregadores que tinham um jornal clandestino nomeado de “Itália liberta”⁵¹ com formações militares chamadas de “Justiça e Liberdade”⁵² – enquanto os comunistas, representados por Palmiro Togliatti⁵³, queriam uma guerrilha imediata, com participação popular.

O Partido Comunista Italiano (PCI) cresce na primavera de 1944 e destaca-se como força motriz da luta pela libertação e independência, atuando na mobilização da classe operária, na organização e controle das brigadas Garibaldi. As brigadas Garibaldi eram os grupos de *partigiani* comunistas, que receberam o nome talvez pelo vermelho da camisa garibaldina coincidir com o vermelho da bandeira comunista ou mesmo por causa do caráter nacional-patriótico (PELI, 2006). Além dos Garibaldi surgiram vários símbolos e nomes de grupos de *partigiani* ligados a partidos políticos – principalmente ao Partido Liberal (Pli) e a Democracia Cristã⁵⁴(DC), que se destacaram em numerosos comitês antifascistas criados após o 25 de julho (GINSBORG, 2006). Uma das instituições mais conhecidas foi aquela formada da união entre os Garibaldi, do PCI, a Justiça e Liberdade⁵⁵, do Partido de Ação (PDA), os Matteotti do Partido Socialista Internacionalista (PSI), os Mazzini do Partido Republicano e a Brigadas do povo⁵⁶ da DC que organizaram o Comitê de Libertação Nacional regional ligado ao CLN central de Roma e ao CLNAI (Comitê de Libertação Nacional da Alta Itália), no Norte da Itália.

⁵⁰ “Partido d’Azione”.

⁵¹ “Italia libera”.

⁵² “Giustizia e Libertà”.

⁵³ Palmiro Togliatti (1893-1964) era de Gênova, formado em direito e membro do PSI desde 1914. Encontra Antonio Gramsci ao participar do grupo torinese *L’Ordine Nuovo*, fundado por Gramsci. Em 1917, após a Revolução de Outubro, funda o Partido Comunista Italiano junto a Gramsci, Angelo Tasca, Umberto Terraccini, Camilla Ravera e Amadeo Bordiga. Torna-se líder do PCI em 1927 e permanece no cargo até 1964 (MOLINARI, s/d).

⁵⁴ “La Democrazia Cristiana”.

⁵⁵ “Giustizia e Libertà”.

⁵⁶ “Brigate del popolo”.

O C.L.N.A.I. fazia sentir a sua presença em todas as situações de crise com o seu apelo à desobediência civil e intimidadora repreensão, sobretudo dirigido aos colaboradores do renascido fascismo da República de Salò, não deixando de entrar em vivaz polémica com neofascistas, que, ao contrário, faziam apelo à lealdade da aliança com os alemães e a instauração de uma nova ordem social com a República autoproclamada “social”⁵⁷ (BENDISCIOLI, 1964, p. 65).

Segundo Mariachiara Conti (2014), logo após a queda do fascismo, em 1943, o Partido Comunista Italiano reorganiza sua estratégia de luta em oposição ao fascismo e começa a se dedicar ao trabalho militar. Segundo Rochat (2010) a participação operária na ocupação das fábricas influenciou a mudança de tática do partido: “o momento culminante do divórcio entre regime e país foi representado pelas greves que no mês de março de 1943 ganharam vida nos maiores centros industriais da Itália setentrional ⁵⁸” (p. 31). Assim, após a falência do exército e a demonstração de poder das lutas sociais manifestada nas greves dos operários em março de 1944, o partido deixa de ser prevalentemente hostil e combativo e alia a luta armada às lutas sociais.

Dessa forma, o PCI cria pequenos grupos armados de antifascistas para atuarem nos centros urbanos. Desses grupos, os que ficaram mais consolidados e conhecidos foram os GAP (Grupos de Ações Patriotas⁵⁹) e as SAP (Esquadras de Ações Patriotas⁶⁰). As SAP eram grupos de cerca de dez homens, predominantemente socialistas, formadas principalmente pelos operários que atuaram nas greves de março de 1943 (FRASCHINI, 2001). Já os GAP eram geralmente grupos de três homens, ligados ao PC, voluntariamente selecionados pela sua combatividade, disciplina militar e consciência política.

O fenômeno do *gappismo* destaca-se por seu caráter ideológico, característico do PCI, pois seus integrantes eram recrutados e armados de maneira diversa dos combatentes das montanhas, já que estes eram aceitos nos bandos de forma mais livre e os gappistas eram rigorosamente avaliados para a função. Os integrantes do GAP não eram

⁵⁷ “Il C.L.N.A.I. faceva sentire la sua presenza in tutte le situazioni di crisi con propri appelli alla disubbidienza civile e di monito intimidatorio, diretto soprattutto ai collaboratori del rinato fascismo della Repubblica di Salò, non mancando di entrare in vivace polemica coi neofascisti, che, al contrario, facevano appello alla lealtà dell'alleanza coi tedeschi ed all'instaurazione d'un nuovo ordine sociale colla Repubblica proclamatasi “sociale””.

⁵⁸ “Il momento culminante del divorzio tra regime e paese fu rappresentato dagli scioperi che nel mese di marzo del 1943 presero vita nei maggiori centri industriali dell'Italia settentrionale”.

⁵⁹ “Gruppi d'Azione Patriottica”

⁶⁰ “Squadre d'Azione Patriottica”

simplesmente patriotas armados, eles eram a “cabeça” da luta armada, eles deveriam ter a paciência e a discrição em observar, preparar e construir o melhor momento e maneira de agir junto ao partido e, principalmente estabelecer contato entre todas as forças da Resistência: “A experiência *gappista* deve, então, ser inserida neste quadro ideológico particular, não somente para compreender a particularidade, mas sobre tudo para delinear as relações, nem sempre lineares, com outros setores da Resistência⁶¹” (CONTI, 2014, p.3). O novo organismo militar do Partido Comunista Italiano necessitava ser coeso e politicamente preparado para o enfrentamento armado imediato das forças nazistas e fascistas, por isso, empenhavam-se mais na qualidade do que na quantidade de integrantes por isso para integrar o GAP era preciso “capacidade política e organizativa, segurança absoluta, seriedade, sigilo, espírito de iniciativa, coragem e audácia⁶²” (CONTI, 2014, p.3). Quando os voluntários eram enquadrados no grupo armado, deveriam romper contato com os demais companheiros e com as atividades do partido: para a garantia do sigilo, os GAPs eram separados e cada companheiro não devia conhecer mais de dois companheiros do seu próprio GAP; somente quando a situação era favorável os grupos se expandiam, formando uma potente luta armada popular:

Nesse sentido os GAP representaram um excelente instrumento de luta que, adaptando-se às circunstâncias com singular elasticidade, conseguiram espalhar o pânico entre as linhas do inimigo, enfraquecendo-o por meio de uma série mais numerosa e enérgica de ataques repentinos e a conquistar uma indiscutível vista pública⁶³ (CONTI, 2014, p.1).

È importante destacar que, apesar de nessa época os *Cadernos do cárcere*, de Antonio Gramsci (1891-1937), ainda não terem sido publicados, Togliatti, dirigente do Partido, teve acesso a eles, com o auxílio de Moscou, e pôde fazer uso de seus importantes escritos teóricos, principalmente das reflexões sobre a estratégia socialista no Ocidente:

⁶¹ “L’esperienza gappista va dunque inserita in questo particolare quadro ideologico, non solo per comprenderne la particolarità, ma soprattutto per delineare i rapporti, non sempre lineari, con altri settori della Resistenza”.

⁶² “capacità politiche ed organizzative, sicurezza assoluta, serietà, segretezza, spirito di iniziativa, coraggio ed audacia”.

⁶³ “I GAP rappresenteranno in questo senso un eccezionale strumento di lotta che, adattandosi alle circostanze con eccezionale elasticità, riuscirà a seminare il panico tra le file del nemico, fiaccarlo attraverso una serie più numerosa e martellante di colpi improvvisi e a conquistare un indubbia scena pubblica”.

Em síntese Gramsci pensava que nesta parte da Europa as relações entre Estado e sociedade civil se articulassem de maneira diversa em relação aos países europeus mais orientais, e concluía, portanto que os revolucionários ocidentais deveriam adotar uma estratégia diferente daquela usada pelos bolcheviques na revolução russa⁶⁴ (GINSBORG, 2006, p. 55).

Para Ginsborg (2006, p. 57):

A adaptação togliattiana das teses de Gramsci desempenhou provavelmente o sucesso total no terreno decisivo do partido. Desde o começo Togliatti enfatizou a necessidade de transformar o Partido comunista de um pequeno grupo de vanguarda em um partido de massa arraigado na sociedade civil⁶⁵.

Inicialmente os comunistas e os acionistas queriam dar uma direção político-militar unitária para a resistência armada, capaz de tratar uma nova posição de força com os Aliados e com o governo italiano. Contudo, percebem a impossibilidade de realizar um comando único no inverno (1943-1944) devido à estrutura organizativa ainda desigual e fraca (PELI, 2006). Assim, os dois partidos se unificaram e aderiram ao modelo de formação Garibaldina nas formações partigianas fazendo “da solidariedade na luta o motivo comum da convivência, superando altivezes militarescas e sectarismos políticos”⁶⁶ (SANDRI, 2001, p. 315). Além disso, a partir de junho de 1944, o intenso esforço voltado à institucionalização, coordenação e disciplina conferiu ao Partido Comunista Italiano uma função hegemônica devido à sua força motriz e dirigente (PELI, 2006) que continuava a perseguir a estratégia da unidade nacional “a democracia progressiva, uma eterna coalizão dos partidos de massa”⁶⁷ (GINSBORG, 2006, p. 53).

Segundo Ginsborg (2006) o partido da Democracia Cristiana também desempenhou uma importante função quanto aos valores familiares, ao lado da Igreja, em um período em que a estrutura familiar tradicional foi fortemente comprometida:

⁶⁴ “In sintesi Gramsci riteneva che in questa parte d’Europa i rapporti tra Stato e società civile si articolassero in modo diverso rispetto ai paesi europei più orientali, e concludeva pertanto che i rivoluzionari occidentali dovevano adottare una strategia diversa da quella usata dai bolscevichi nella rivoluzione russa”.

⁶⁵ “L’adattamento togliattiano delle tesi di Gramsci raggiunse probabilmente il successo più pieno sul terreno decisivo del partito. Fin dall’inizio Togliatti enfatizzò la necessità di trasformare il Partito comunista da un piccolo gruppo di avanguardia in un partito di massa radicato nella società civile”.

⁶⁶ “della solidarietà nella lotta il motivo comune della convivenza, superando altezzosità militaresche e settarismi politici”.

⁶⁷ “la democrazia progressiva, una durevole coalizione dei partiti di massa”.

Durante a guerra as famílias tinham sido submetidas a uma tensão terrível: os homens estavam longe para combater e muitos haviam se tornado prisioneiros de guerra, as mulheres e as moças das cidades meridionais eram sempre empurradas, como se podia ver, para o caminho da prostituição, os meninos das cidades do Norte eram separados das mães e mandados para a zona rural para fugir aos bombardeios⁶⁸ (GINSBORG, 2006, p. 98).

Todavia o analfabetismo político da massa era um dos maiores obstáculos enfrentados pelos partidos políticos (PELI, 2006). Dessa forma, buscaram desenvolver uma maciça propaganda “especialmente entre estudantes e professores, sobretudo quando tinham iniciado a publicar o jornal clandestino” ⁶⁹ (BENDISCIOLI, 1964, p. 18). Com a imprensa clandestina, o problema da educação política, da necessidade de iluminar a consciência sobre o significado da luta e suas finalidades começa a alcançar também os cidadãos. Nessa época, vários foram os jornais, as revistas e impressos em geral que circulavam pelo país, tanto das CLNs quanto dos partidos políticos, com o intuito de conclamar o auxílio da população, de informar sobre as diligências e moções dos *partigiani*. Os principais jornais e periódicos clandestinos e semiclandestinos de oposição ao regime eram “escritos em grande parte por anônimos ou sob pseudônimos, redigidos geralmente por opositores que permaneceram na Itália e, se publicados no exterior, sem o nome do autor, como por exemplo aquele de Stefano Jacini sobre a concordata de 1929 na revista alemã ‘Hochland’”⁷⁰ (BENDISCIOLI, 1964, p 231).

1.2.2 Os *partigiani*

Com a organização política da Resistência intensificada pelo esforço dos partidos na politização dos bandos, deu-se que desertores e desobedientes, independente de orientação política, passassem a ser chamados de *partigiani* - o termo deriva do sentido histórico dos *partizans* russos, que em 1917 iniciaram a Revolução Bolchevique, também conhecida por Revolução Russa, e derrubou a monarquia czarista (HOBSBAWN, 2006).

⁶⁸ “Durante la guerra le famiglie erano state sottoposte a una tensione terribile: gli uomini erano lontano a combattere e molti erano diventati prigionieri di guerra, le donne e le ragazze delle città meridionali erano state spesso spinte, come si è visto, sulla via della prostituzione, i bambini delle città del Nord erano stati separati dalle madri e mandati in campagna per sfuggire ai bombardamenti”.

⁶⁹ “specialmente tra studenti e insegnanti, soprattutto da quando avevano preso a pubblicare il foglio clandestino”.

⁷⁰ “scritti in gran parte anonimi o pseudonimi, redatti generalmente da oppositori rimasti in Italia e, se pubblicati all'estero, senza il nome dell'autore, come ad es. quello di Stefano Jacini sul concordato del 1929 nella rivista tedesca ‘Hochland’”.

Assim, o termo compreende a todos aqueles que participaram da Resistência considerando que esta “não foi somente um movimento armado, mas também um conjunto de gestos de solidariedade, de negação da obediência e de corajosas ações para salvar os perseguidos” ⁷¹ (VECCHIO, 2010, p.6). Não se fazia, naquele momento, distinção entre classe social burguesa ou classe trabalhadora, jovem ou idoso, homem ou mulher, pois cada ativista, independentemente da classe, da idade, da função social, do gênero, ou partido político, tornava-se *partigiano* (VECCHIO, 2010). Assim, os *partigiani* eram jovens em idade militar, operários, ex-oficiais, intelectuais e todos aqueles que, inconformados com os resultados das decisões de Mussolini para o país, ofereciam o melhor de que dispunham para um objetivo comum: libertar a Itália do nazi-fascismo.

Segundo Collotti (2010, p. 99), na Resistência, “diversas foram as etapas cronológicas por meio dos quais os vários movimentos alcançaram a maturação, diversa a tipologia e a fenomenologia delas” ⁷². Nos primeiros meses a partir do Armistício, sem unidade política nem programação tática, operam-se escolhas espontâneas num período que, “para centenas de milhares de trabalhadores representa uma experiência inédita de desobediência em massa, a descoberta de uma identidade coletiva” ⁷³ (PELI, 2006, p. 65). Surgem os primeiros grupos de *partigiani*, que oferecem orientação aos trabalhadores por meio de materiais impressos e provocando, como reação, perseguição por parte dos aliados, pois “a constituição de um grande exército *partigiano*, dominado por uma ideologia de esquerda, certamente representava uma explícita ameaça à hegemonia conservadora que os britânicos pretendiam exercer sobre todo o processo de libertação” ⁷⁴ (GINSBORG, 2006, p. 50). Contudo, os *partigiani* revelaram-se resistentes e renitentes: com capacidade de adaptação e aprendendo com as próprias experiências, organizaram-se de modo a aumentar o número de militantes, originando novos grupos e de novas adesões aos *partigiani* das montanhas e aos grupos de combate urbanos. Segundo Ginsborg (2006), a adesão de *partigiani* à Resistência foi rápida: no final de 1943, cerca de nove mil

⁷¹ “*la Resistenza non è stata solo un movimento armato, ma anche un insieme di gesti di solidarietà, di rifiuto d'obbedienza e di coraggiose azioni per salvare i perseguitati*”.

⁷² “*diverse furono le tappe cronologiche attraverso il quali giunsero a maturazione i vari movimenti, diversa la tipologia e la loro fenomenologia*”.

⁷³ “*...per centinaia di migliaia di lavoratori rappresenta un'inedita esperienza di disobbedienza di massa, la scoperta di un'identità collettiva*”.

⁷⁴ “*la costituzione di un grande esercito partigiano, dominato da un'ideologia di sinistra, rappresentava infatti una esplicita minaccia all'egemonia conservatrice che i britannici intendevano esercitare sull'intero processo di liberazione*”.

partigiani já tinham se juntado à Resistência e, no verão de 1944, eram cerca de oitenta mil. Contudo, muitos dos que deixavam suas casas e se uniam à causa eram jovens desprovidos de experiências de guerras:

Na primavera de 1944 dezenas de milhares de jovens italianos em idade militar deixam família, trabalho e estudos, e se dirigem, mais ou menos conscientes da dureza da vida que os esperava, para os vales montanhosos, para os bandos *partigiani*⁷⁵ (PELI, 2006, p. 71).

O aumento dessa massa de homens, inexperientes quanto à luta armada, teve como efeitos certa perda da mobilidade, dificuldade armamento e, principalmente, o convívio com a população civil, que ainda não compreendia exatamente a função ou ideologia dos *partigiani*: por isso, o movimento passa a organizá-los definindo papéis e ações, mas, principalmente, conscientizando politicamente os próprios *partigiani* e a população (PELI, 2006).

Durante dois invernos nas montanhas, os *partigiani* tiveram que ser resistentes também fisicamente, pois o frio, a fome, a solidão, as incertezas e o risco iminente da morte estiveram presentes, sem trégua, durante vinte meses de luta política e armada. Somava-se a isso a sensação de abandono e traição política, o peso da desobediência à Igreja e à Monarquia e a falta de apoio – em vários momentos - da população. Para proteger suas vidas, uma estratégia bastante utilizada entre os *partigiani* era a de ocultar sua própria identidade: ao entrarem para os bandos adquiriam nomes fictícios para não serem perseguidos e capturados:

somente quem venceu as organizações clandestinas pode compreender que coisa isso significava para quem se mantinha a esmo: guardar na memória nomes fictícios de pessoas, de instituições, de ruas e números, organizar compromissos com frases corriqueiras, ter as medidas de segurança e similares⁷⁶ (BENDISCIOLI, 1964, p. 198).

Na tentativa de impedir a adesão dos jovens à Resistência, os alemães fuzilaram mais de 120 jovens *neopartigiani* para dar-lhes exemplo e aterrorizá-los, porém a estratégia,

⁷⁵ “Nella primavera del 1944 decine di migliaia di giovani italiani in età di leva lasciano famiglia, lavoro e studio, e se dirigono, più o meno consci della durezza della vita che li attende, verso le vallate montane, verso le bande partigiane”.

⁷⁶ “solo chi ha vissuto l’organizzazione clandestina può comprendere che cosa questo significasse per chi ne teneva le fila: ritenere a memoria nomi fittizi di persone, di istituzioni, di vie e numeri, organizzare appuntamenti con frasi convenzionali, disporre le misure di sicurezza e simili”.

baseada na política do punho de ferro, teve efeito contrário, já que os jovens, amedrontados, fugiam, indo ao encontro dos *partigiani* das montanhas (PELI, 2006).

No verão de 1944, com o deslocamento das forças aliadas para a França, os *partigiani*, mais numerosos e organizados, obtiveram destaque local sob orientação, sobretudo, do Partido Comunista, que empenhava-se em transformá-los num verdadeiro “exército *partigiano*, estruturado em divisões, brigadas, destacamentos, esquadras” ⁷⁷ (PELI, 2006, p. 88). Com tal objetivo, são adotados distintivos e divisas, ao mesmo tempo em que se divulgam as ações das brigadas e divisões por meio dos jornais partigianos, com envio de notícias regulares de cada formação para o Comando geral do CVL (Corpo voluntário de liberdade)⁷⁸ (PELI, 2006). Nessa nova fase, os *partigiani* crescem nas cidades, sede dos organismos políticos, realizando sabotagens nas estradas e ferrovias, saqueando os depósitos militares e aeroportos. São as ações dos “*gappistas*” (atuantes dos Grupos de Ação Patriótica), porém, que ficaram mais conhecidas: Todavia, a medida em que os combates se intensificam, a população deixa de manifestar apoio à Resistência devido aos sequestros, mortes e a brutalidade da guerra, que acreditavam ser desencadeada pelas ações desordenadas dos *partigiani*. É preciso lembrar que o país estava dividido, alguns preservavam o espírito nacionalista instaurado pelo fascismo, escolhendo continuar a guerra ao lado dos fascistas e nazistas enquanto os *partigiani*, com pouquíssimos recursos militares e escassa orientação política, lutavam contra os invasores e contra os próprios italianos – fascistas – o que caracterizava o duplo caráter da Resistência: militar e civil. Dessa forma, houve muitas dificuldades de conexão entre população e *partigiani*, pois a falta de consciência política entre a população não os fazia discernir os propósitos da luta armada, vista como violência e brutalidade desnecessárias (PELI, 2006). Em vários momentos, os *partigiani* não foram encarados como auxílio, mas como causadores de problemas e dores para muitas famílias: “a acusação de irresponsabilidade pode exercitar-se em muitas ocasiões, dado que uma guerra *partigiana* capaz de combater sem espalhar lamentos entre os civis – devastações, represálias, deportações – não é concretamente imaginável” ⁷⁹ (PELI, 2006, p. 177).

⁷⁷ “*siamo in un momento di evoluzione decisiva, caratterizzato dal progetto di realizzare un ‘esercito partigiano’, strutturato in divisioni, brigate, distaccamenti, squadre*”.

⁷⁸ “*Corpo volontari della libertà*”.

⁷⁹ “*l’acusa di irresponsabilità può esercitarsi in mille occasioni, dato che una guerra partigiana capace di combattere senza seminare lutti tra i civili – rastrellamenti, rappresaglie, deportazioni – non è concretamente immaginabile*”.

Devido a esses problemas, os partidos políticos e as instituições ligadas à Resistência trataram de organizar e orientar os bandos com o intuito de serem reconhecidos pelos Aliados. Em 1944, as coisas começam a mudar: dois dias após a liberação de Roma (04 de junho de 1944), os Aliados reconhecem a importância militar dos *partigiani* e devido a essa credibilidade ganharam mais visibilidade e representatividade (PELI, 2006). A partir da batalha de Florença, vencida pelos *partigiani*, o comportamento da população também começa a mudar, com os civis menos temerosos e contribuindo mais para os *partigiani* com oferta de alimentos, esconderijos e indicações de caminhos (PELI, 2006). Nessa época, muitas pessoas que ainda não tinham participado de nenhuma das formações partigianas e não estavam ligadas a partido político acabaram sendo reconhecidas como partigianas, por terem auxiliado nos combates finais, na perseguição aos fascistas e aos nazistas: “obstruir e capturar o exército alemão significava participar ativamente na fase final da guerra, contribuir para abreviá-la e demonstrar eficiência em campo e a relevância militar da Resistência”⁸⁰ (PELI, 2006, p. 176).

Entre fim de 1944 e início 1945, no segundo inverno dos *partigiani* nas montanhas, porém, porém, a luta pela sobrevivência sobressai-se aos motivos da Resistência e uma grande quantidade de *partigiani* começa a se deslocar, tornando-os mais vulneráveis aos intensificados ataques nazistas e provocando muitas perdas (PELI, 2006). Após os duros meses de dezembro e janeiro, a situação interna começa a melhorar, favorecida pela “guerra grossa”, ou seja, pela recuperação do fronte oriental pela avançada russa, com a consolidação do movimento:

Após o mês de janeiro os verdadeiros *partigiani* – aqueles que tinham aceitado voluntariamente a longa vigília abandonando a família e muitas vezes o nome, que tinham enfrentado a frieza do inverno, a melancolia da solidão, a mortificação da condenação, o perigo da denúncia – encontraram, olhando ao redor, mil faces novas que se declararam simpatizantes, colaboradores, informantes, amigos⁸¹ (PELI, 2006, p. 135).

Aproximava-se o ato final: a aliança nazifascista ia se desfazendo, as milícias fascistas não contavam mais com o apoio dos alemães e até ofereciam aliança contra eles, procurando acordos sobre zonas francas para não combater nem alemães nem *partigiani*.

⁸⁰ “*fermare e catturare l’esercito tedesco*”.

⁸¹ “*Dopo gennaio i partigiani veri – quelli che avevano accettato volontariamente la lunga vigilia abbandonando la famiglia e spesso il nome, che avevano affrontato lo squallore dell’inverno, la malinconia della solitudine, la mortificazione della tampa, l’insidia della delazione – trovarono, guardandosi attorno, mille facce nuove che si dichiararono simpatizzanti, collaboratori, informatori, amici*”.

De fevereiro em diante, os sequestros diminuíram e a repressão perdera a força: com a diminuição dos bombardeios e fogos cruzados, os civis deixaram de ser objeto de represálias e, menos temerosos, passaram a contribuir mais com os *partigiani* (PELI, 2006, p. 138). Nos meses anteriores à liberação, perto da batalha final, a formação *partigiana* continuava a aumentar, pois muitos integrantes da tropa de Salò, individualmente ou em grupos, passavam para a banda rebelde. A atuação de novos *partigiani* ao lado dos que já acumulavam dois invernos de experiência no combate, consolida o movimento, que se torna

mais organizado, melhor comandado e equipado, baseado em uma seleção mais atenta dos recrutas, pelo menos até o convulsivo e incontrolável influxo de última hora, quando os *partigiani* das montanhas se juntaram, exceto o número crescente de desertores, as formações da cidade, os Gap e sobretudo, muito mais relevantes numericamente ⁸² (PELI, 2006, p. 139).

Na iminência do fim da guerra, as formações da montanha unificaram-se com as da cidade para promover um movimento coordenado que superasse as dificuldades de comunicação, bem como a união entre os militantes e a população para derrotar as forças nazifascistas antes da chegada dos aliados: “a considerável quantidade de captura de prisioneiros, a participação na batalha final ao lado dos Aliados representam, na estratégia resistencial, o resgate nacional e a afirmação da importância militar da Resistência” ⁸³ (PELI, 2006, p. 163).

Em fevereiro, com o avanço das tropas russas e anglo-americanas, inicia a última fase da Resistência, e o entusiasmo pelo fim da guerra são visíveis nas tomadas das fábricas e dos lugares públicos, na caça e extermínio de fascistas e nazistas e, por fim, na captura e morte de Mussolini, em 28 de abril de 1945 (PELI, 2006). Com a prisão de Mussolini e a assinatura da rendição da Itália, muitas pessoas retornavam à Itália voltando do exílio ou da resistência francesa, saindo das prisões e das margens sociais e se uniam aos *partigiani* (PELI, 2006), que se tornaram conhecidos por seus lenços vermelhos e os

⁸² “*più organizzato, meglio comandato ed equipaggiato, basato su una più attenta selezione delle reclute, almeno fino al convulso e incontrollabile afflusso dell’ultima ora, quando ai partigiani di montagna si aggiungono, oltre a un numero crescente di desertori, le formazioni di città, i Gap e soprattutto, molto più rilevanti numericamente*”.

⁸³ “*la cattura di ingenti quantitativi di prigionieri, la partecipazione alla battaglia finale a fianco degli Alleati rappresentano, nella strategia resistenziale, il riscatto nazionale e l’affermazione del peso militare della Resistenza*”.

fuzis em mãos. Além deles, muitos outros cidadãos contribuía da maneira que podiam, destacando-se na luta, e eram os *partigiani* com lenços de outras cores, mulheres de todas as classes sociais e cidadãos sem uniforme e partidarismo políticos, além dos padres, freiras, frades que, também num ato de desobediência à Igreja, auxiliavam os perseguidos e doentes dando-lhes abrigo nas próprias instituições religiosas (VECCHIO, 2010). Na fase final da Resistência, o partido comunista solicitou que os *partigiani* deixassem a barba crescer e usassem uma só cor de roupa, e também criou uma saudação militar que se opunha à saudação fascista, numa iniciativa, porém, que não obteve resultado (PELI, 2006, p. 143).

A insurreição, ato final da guerra, ocorre entre abril e maio, com a desocupação de Bolonha, Milão, Turim e Veneza. Para efeitos formais, todos os poderes administrativos e de governo junto com as Nações Unidas reúnem-se para eliminar os últimos resquícios do fascismo para assegurar os direitos democráticos: “após o colapso do fascismo os italianos teriam podido recuperar respeito para si mesmo e dignidade nacional simplesmente por terem combatido contra os alemães sem dar-lhes alguma trégua”⁸⁴ (GINSBORG, 2006, p. 21).

1.2.3 As mulheres na Resistência

A atuação das mulheres na Resistência foi fundamental para o processo de liberação da Itália e decisivo para a emancipação feminina (VECCHIO, 2010). Segundo Ganapini (2010, p. 31), por meio de manifestações urbanas nas quais clamavam por alimento e condições de sobrevivência, “as mulheres foram as primeiras – entre 1941 e 1942 – a dar vida a alguns episódios casuais que revelava o crescente mal-estar”⁸⁵ em relação ao regime. A partir de 1943, apresentaram forte desempenho político na luta pela expulsão dos invasores assim como pela conquista de maior liberdade em vários âmbitos da vida social, “fundada sobre valores masculinos da virtude guerreira e da força”⁸⁶ característicos do fascismo (GANAPINI, 2010, p. 25).

⁸⁴ “...dopo il crollo del fascismo gli italiani avrebbero potuto riacquistare rispetto per se stessi e dignità nazionale solo se avessero combattuto contro i tedeschi senza concedere loro alcuna tregua”.

⁸⁵ “furono le donne le prime- tra il 1941 e il 1942 – a dar vita a qualche occasionale episodio che rivelava il crescente disagio”.

⁸⁶ “fondata sui valori maschi della virtù guerriera e della forza”.

É importante destacar que as mulheres não tinham um movimento feminista organizado, e seus gestos foram, inicialmente, espontâneos, frutos da iniciativa pessoal que as fazia oferecer alimentos para os que passavam, consertar suas roupas, tingi-las para disfarçar militantes que sofriam perseguição dos soldados ou mesmo doar-lhes novas roupas. Também tratavam suas feridas, escondiam armas e militantes em suas próprias casas, indicavam estradas ou caminhos desconhecidos e acompanhavam os fugitivos até as estações, fingindo que eram parentes, enquanto, no âmbito religioso, muitas freiras usavam as estruturas assistenciais e hospitalares para esconder e proteger judeus e *partigiani* (VECCHIO, 2010).

A sensibilidade e a desenvoltura feminina favoreceram a expansão da atuação das mulheres para além do âmbito doméstico: em contato direto com os alemães e fascistas nas idas e vindas das prisões, elas ajudavam os antifascistas encarcerados e obtinham informações dentro e fora da estrutura penitenciária. Além disso, arriscavam suas vidas, portando mensagens entre os *partigiani* das montanhas e as demais frentes de resistência nos centros urbanos, como o GAP e o SAP, levando ordens, informações, armas e munições em longos e perigosos percursos feitos a pé ou de bicicleta (VECCHIO, 2010)

A participação das mulheres na luta armada confere um caráter ainda mais decisivo à emancipação feminina, já que, a partir do momento em que decidiram também manusear armas e fazer uso delas contra os fascistas e nazistas, suas ações tornaram-se nítidas. Assim, não existia mais a possibilidade, para elas, de manterem a discrição em suas ações como informantes e mensageiras ou de manterem a calma e não serem descobertas ao serem questionadas por algum soldado. Armadas, a única possibilidade de ação era mesmo atirar, matar ou morrer, já que estavam ainda mais vulneráveis aos olhares dos inimigos. Quando suas ações eram descobertas, suas casas eram incendiadas e, sequestradas, eram submetidas à violência psicológica nos interrogatórios, humilhadas, torturadas, submetidas a abusos e violência sexual. A mantovana Giuseppina Rippa, como tantas outras, foi fuzilada pela arma de um soldado fascista por ter oferecido um pedaço de pão a um passante (VECCHIO, 2010).

Segundo Bravo (2010), “a figura da *partigiana* emerge da memória coletiva de maneira multifacetada e contraditória” ⁸⁷ já que a atuação das mulheres na Resistência altera substancialmente sua existência no âmbito social, político, coletivo. Após anos de

⁸⁷ “la figura della partigiana emerge dalla memoria collettiva in maniera sfaccettata e contraddittoria”.

invisibilidade na sociedade fascista, as mulheres viram, na resistência, a possibilidade e a oportunidade de mudar sua condição, negando a figura idealizada, frágil, obediente e dependente dos homens para assumir a de militante armada, desobediente e independente. Ao optarem pela resistência, entravam em um novo círculo social, no qual os fascistas e os nazistas não eram os únicos inimigos: muitas *partigiane* eram difamadas por seus próprios familiares e conhecidos, que estranhavam o fato de andarem sozinhas pelas ruas, de suas constantes idas e vindas e, por causa do contato com os homens da Resistência, eram vistas como prostitutas. A consciência sobre do tipo de percepção que passavam a despertar nos cidadãos comuns transparece no testemunho da *partigiana* Tersilla Fenoglio Oppedisano:

Eu era a única mulher do destacamento. Entre nós existia uma relação própria de família, uma coisa maravilhosa, que ninguém poderia acreditar. É fácil dizer de uma mulher: “É uma prostituta”, quando vive com trinta mil homens. A propósito, se entrava à noite em uma tenda com trinta rapazes, não poderia jamais pretender que as pessoas pensassem que eu rezava o terço. Em suma, eu sabia, e aceitei tranquilamente que dissessem que era prostituta⁸⁸ (VECCHIO, 2010, p. 20-21).

O testemunho de Anita Malavasi revela aspectos da convivência entre os *partigiani*, e como tal convivência alterava a própria percepção que tinha de si mesma, enquanto mulher. Ao entrar para o Destacamento Rosseli, em setembro de 1944:

Ali se me abriu um capítulo que é muito difícil de explicar. Eu venho de um ambiente em que considerava a mulher um ser inferior. Eu, até aquele momento, sempre ouvia dizerem: “Cale-se porque és Mulher”. O Comandante disse: “Olha que aqui você não é um homem nem uma Mulher, mas és um partigiano, tens os mesmos direitos e os mesmos deveres que têm os outros. Agora te ensinaremos a utilizar as armas e tu farás tudo aquilo que precisa fazer no âmbito do Destacamento, independentemente daquilo que tu és. És somente uma partigiana.” Na verdade rapidamente me dei conta de que estava em um mundo e em um ambiente completamente diferente. Ensinaram-me a usar as armas, me disseram as tarefas dos partigianos, que são aquelas de combater, de fazer a guarda, de fazer a patrulha e porque era mulher deveria sair da zona partigiana para pedir informações. De repente tinha feito um salto de qualidade, ainda que não estivesse plenamente consciente, mas que me

⁸⁸ “Io ero la sola donna del distaccamento. Tra noi c’era un rapporto proprio da famiglia, una cosa meravigliosa, che nessuno poteva credere. E facile dire di una donna: “Fa la puttana”, quando vive con trenta mille uomini. D’altronde, se entravo alla sera in una stalla con trenta ragazzi, non potevo mica pretendere che la gente pensasse che dicevo il rosario. Insomma, io lo sapevo, e ho accettato tranquillamente che dicessero che facevo la puttana”.

colocava em condições de estar em uma posição de igualdade com os homens⁸⁹ (VECCHIO, 2010, p. 21-22).

Apesar de todas as dificuldades, as mulheres conseguiram vencer, de certa forma, os entraves gerados pelo regime fascista de maneira bastante eficaz: iniciaram suas ações pela via da caridade, depois, com a habilidade de moverem-se pelas cidades até as montanhas em contato direto com fascistas e nazistas, estreitaram suas relações com os homens da guerrilha por meio da função de mensageiras. Por fim, subiram as montanhas e juntaram-se aos homens nos destacamentos, enfrentando baixas temperaturas, escassez de alimentos e a violência da luta armada. As contagens oficiais indicam, segundo Bravo (2010), que cerca de 35000 mulheres *partigianas* combateram na luta armada, dezenas de milhares aderiram aos Grupos de defesa da Mulher⁹⁰, e 512 ocuparam o posto de comissárias das formações *partigianas*; em contrapartida, 4000 foram sequestradas, torturadas e condenadas, 2750 deportadas para a Alemanha, 628 fuziladas ou mortas em combate. Exemplos desse engajamento feminino, estão as histórias de Lidia De Marco,

uma mocinha de quinze anos que abandonou as brincadeiras da infância para dedicar-se às atividades clandestinas em Tufo, um distrito de Carsoli em Abruzzo. Lidia, voluntariamente decide acomodar e alimentar os prisioneiros ingleses que fugiam dos campos das prisões alemãs. Tais ações de assistência não passaram despercebidas, tanto que os alemães, quando souberam de seu nome, sequestram-na. Durante os interrogatórios os nazistas forçavam Lidia a assistir às aberrantes torturas aplicadas aos *partigianos* que estavam no cárcere. Para evitar o tormento aos jovens companheiros Lidia decide confessar as suas culpas e por isso foi condenada a cumprir seis meses de prisão no cárcere de Aquila. Seis duros meses, durante os quais sofreu interrogatórios e muitas humilhações, incluindo o medo ao dever de sujeitar-se às vontades de um major alemão. Lidia foi salva por um soldado austríaco que, na noite anterior à sua transferência - provavelmente teria sido deportada para a

⁸⁹ *“Li mi si è aperto um capitolo che è molto difficile da spiegare. Io venivo da un ambiente il quale considerava la donna un essere inferiore. Io, fino a quel momento mi ero sempre sentita dire: “Taci che sei Donna”. Il Comandante dice: “Guarda che qui tu sei né un uomo né una Donna, ma sei un partigiano, hai gli stessi diritti e gli stessi doveri che hanno gli altri. Adesso ti insegniamo ad adoperari le armi e tu farai tutto quello che c’è bisogno di fare nell’ambito del Distaccamento, indipendentemente da quello che tu sei. Sei solo una partigiana.” Infatti mi sono resa subito conto che mi trovavo in un mondo e in un ambiente completamente diverso. Mi hanno insegnato ad usare le armi mi hanno detto i compiti di partigiani, che sono quelli di combattere, di fare la guardia, di fare la pattuglia e siccome ero donna doveva andare fuori dalla zona partigiana per chiedere informazione. Improvvisamente avevo fatto un salto di qualità, anche se non ne ero pienamente consapevole ma che mi metteva nelle condizioni di essere in una posizione paritaria con gli uomini”.*

⁹⁰ *“Gruppi di difesa della Donna”.*

Alemanha – abriu-lhe as portas do cárcere permitindo-lhe de escapar⁹¹ (SALVINI, 2010, p. 49-50).

e de Lisetta Dal Cero, que,

veronesa, ex- fundidora, teve sua existência marcada entre as pouquíssimas mulheres nomeadas comandante de Brigada. Lisetta, graduada e professora de química, inicia sua militância na Resistência junto ao seu irmão Luciano. Como mensageira, Lisetta tem a função de manter os contatos entre Roma e Verona, também se dedica a dar assistência aos prisioneiros ingleses e aliados com alimento, roupas, abrigos seguros e medicamentos, além de cuidar da captação de recursos financeiros. Foi sequestrada junto a seu irmão Luciano, e foi mantida encarcerada por dois meses, durante os quais submetida a ameaças e a interrogatórios violentos. Terminados os dois meses Lisetta é liberada, enquanto o irmão é detido novamente. Luciano consegue escapar da prisão, porém morre imediatamente em uma represália contra os alemães. À sua morte os companheiros pedem a Lisetta que torne chefe da brigada e ela, ciente das dificuldades, aceita o encargo, tornando-se comandante e assumindo para si a responsabilidade de comandar uma brigada formada por homens, com todas as dificuldades que isso implica⁹² (SALVINI, 2010, p. 50-51).

Devido ao fato de as mulheres não terem tido movimento próprio organizado durante a Resistência, a rubrica “Mulheres da Itália”⁹³ publicada pela primeira vez em 16 de março de 1945 no jornal *Ações femininas*⁹⁴ – movimento feminino da DC publicado

⁹¹ “una ragazzina quindicenne che abbandona i giochi fanciulleschi per dedicarsi all'attività clandestina a Tufo, una frazione di Carsoli in Abruzzo. Lidia, spontaneamente sceglie di alloggiare e nutrire i prigionieri inglesi che fuggivano dai campi di prigionia tedeschi. Tale azione di assistenza non passa però inosservata, tanto che i tedeschi, una volta venuti a conoscenza del suo nome, l'arrestano. Durante gli interrogatori i nazisti costringono Lidia ad assistere alle aberranti torture inflitte ai partigiani presenti nel carcere. Lidia, per evitare ai giovani lo strazio delle botte decide di confessare le sue colpe e per questo viene condannata a sei mesi da scontare nel carcere dell' Aquila. Sei mesi duri, durante i quali a sua volta subisce interrogatori e pesanti umiliazioni, compresa la paura di dover soggiacere alle voglie di un maggiore tedesco. Lidia viene salvata da un soldato austriaco che, la notte prima del suo trasferimento - probabilmente sarebbe stata deportata in Germania - le apre le porte del carcere consentendole di scappare.”

⁹² “ veronese, ex fucina colpisce invece il suo essere tra le pochissime donne nominate comandante di Brigata. Lisetta, laureata e professoressa di chimica, inizia la sua militanza nella Resistenza insieme al fratello Luciano. Come staffetta Lisetta ha il compito di mantenere i collegamenti tra Roma e Verona, in più si preoccupa di fornire ai prigionieri inglesi e alleati assistenza, vitto, indumenti, ricoveri sicuri, medicinali, e si occupa anche della raccolta dei fondi. Viene arrestata insieme al fratello Luciano, e tenuta in carcere per due mesi durante i quali subisce minacce e interrogatori violenti. Allo scadere dei due mesi Lisetta viene rilasciata, mentre il fratello viene trattenuto nuovamente. Luciano riesce ad evadere dal carcere, ma muore immediatamente in una rappresaglia contro i tedeschi. Alla sua morte i compagni chiedono a Lisetta di diventare capo della brigata e lei, consapevole delle difficoltà, accetta l'incarico divenendo comandante e accollandosi da donna la responsabilità di gestire una brigata composta da uomini, con tutte le difficoltà che ciò comporta”.

⁹³ “Donne d'Italia”.

⁹⁴ “Azione femminile”.

semanalmente a partir de dezembro de 1944 – o jornal *O povo*⁹⁵ convocava aquelas mulheres que tinham contribuído para a resistência para darem seus testemunhos, contribuindo para que o lugar de simples “mensageira”, como a retórica afirmava terem sido, desse espaço a real participação das mulheres na Liberação. Assim, a rubrica era também um protesto para afirmar uma reflexão sobre o novo papel político ao qual as mulheres foram chamadas: “Estes apelos permitiram a muitas mulheres desconhecidas de encontrar um novo espaço onde contar a própria experiência de simples moças que lutaram em primeira pessoa na Resistência, e suportaram o peso e a tragédia da guerra”⁹⁶ (SALVINI, 2010, p. 47). Durante duas semanas inteiras, o jornal conclamou às mulheres para que enviassem para a redação histórias pessoais do protagonismo feminino durante a liberação, com o intuito de torná-lo conhecido:

As experiências incomuns e extraordinárias, contadas no editorial, fazem das protagonistas novos modelos em carne e osso longe, tanto da santa, proposta às meninas dos jornais católicos, quanto da iconografia tradicional feminina, propagada pela imprensa fascista durante o vintênio⁹⁷ (VECCHIO, 2010, p. 47).

1.2.4 Cartas do cárcere

Apesar da celeridade das várias etapas da Resistência, os prejuízos econômicos e sociais da segunda guerra foram fortemente sentidos pela sociedade italiana, com a perda de entes queridos dilacerando muitas famílias. Além dos partigianos que foram mortos em combate, cerca de trinta ou cinquenta mil deles foram capturados pelos alemães e deportados para os campos de concentração nazistas⁹⁸, onde eram submetidos a

⁹⁵ “*Il popolo*”.

⁹⁶ “*Questi appelli consentiranno a tante donne sconosciute di trovare un nuovi spazi dove raccontare la propria esperienza di semplici ragazze che hanno lottato in prima persona nella Resistenza, e hanno sopportato il peso e la tragedia della guerra*”.

⁹⁷ “*Le esperienze insolite e straordinarie, raccontate nella rubrica, fanno delle protagoniste nuovi modelli in carne ed ossa molto lontano, sia dalle sante, proposte alle ragazze dai giornali cattolici, sia dall'iconografia tradizionale femminile, propagandata dalla stampa fascista durante il ventennio*”.

⁹⁸ No início do século XX, os campos de concentração eram espaços utilizados como prisões de guerra para militares e civis dos países em conflito. Mais tarde os regimes totalitários como China, Chile e Camboja passaram a utilizar esses locais como depósitos de pessoas condenadas à morte por razões políticas ou raciais, principalmente. Devido ao tratamento desumano que recebiam (fome, sede e trabalhos forçados) muitos sucumbiam à morte antes de serem conduzidos ao campo de extermínio. Antes da II Guerra Mundial, os nazistas encarceravam os opositores do regime e pessoas por eles consideradas associáveis como homossexuais, dependentes químicos, bêbados, criminosos, pessoas com problemas mentais ou deficientes físicos, que eram submetidos a atos de crueldade e a experimentos pseudocientíficos. No período da guerra, os campos de concentração tornaram-se os principais locais de confinamento dos judeus. Com a decisão final, o regime exterminou cerca de 6 milhões de judeus nas câmaras de gás e depois eliminou seus corpos

interrogatórios e, forçados ao trabalho pesado por cerca de dezoito horas diárias sem alimento e sem descanso, sucumbiram ao frio, à desnutrição, às doenças e à tortura, quando não eram fuzilados ou asfixiados nas câmaras de gás (BENDISCIOLI, 1964).

É importante observar que eram os próprios nazistas e fascistas que vigiavam, perseguiram, capturavam, interrogavam, julgavam e sentenciavam os prisioneiros, submetidos às punições que os tribunais nazifascistas consideravam convenientes. Encarcerados, os *partigianos* mantinham-se corajosos, conscientes de suas escolhas, confiantes na libertação da Itália, como testemunham os volumes organizados por Malvezzi e Pirelli (1994) e por Avagliano e Le Moli (1999), que reúnem cartas de membros da Resistência condenados à morte pelos tribunais militares. Do volume de Malvezzi e Pirelli, selecionamos cinco cartas, aqui traduzidas

A primeira é a do jovem Tenente da Artilharia Achille Barilatti, conhecido por Gilberto della Valle⁹⁹, 22 anos, estudante, nascido em Macerata em 16 de setembro de 1921 que, após o Armistício, integrou o Grupo "Patriotas Nicolò"¹⁰⁰ e ocupou o cargo de Comandante do Destacamento de Montalto. No dia 22 de março de 1944 foi capturado em Montalto e levado para Muccia (Macerata) e, após ter sido interrogado por um oficial alemão e por um oficial fascista, foi fuzilado, sem processo, às 18h25min do dia seguinte, contra as paredes do cemitério; postumamente, tarde foi homenageado com Medalha Valor Militar grau ouro (MALVEZZI; PIRELLI, 1994).

Mamãe adorada,

quando receberes esta carta estarás já despedaçada de dor. Mamãe, morro fuzilado por causa da minha opinião. Não te envergonhes do teu filho, mas sejas orgulhosa dele. Não chores Mamãe, o meu sangue não será derramado em vão e a Itália será grande novamente. Por meio de Dita Marasli de Atenas poderás saber os detalhes sobre os meus últimos dias.

Adeus Mamãe, adeus Papai, adeus Marisa e todos os meus queridos; morro pela Itália. Lembre-se da mulher a quem tanto amei. Reencontraremos-nos na glória celeste.

Viva a Itália liberta!

nos fornos crematórios dos campos de extermínio. Os campos de concentração nazistas que ficaram mais conhecidos durante esse período foram Auschwitz, Mauthausen e Treblinka (LUCA, 2005).

⁹⁹ Os nomes entre parênteses são os nomes fictícios que assumiram entre os partigianos, na tentativa de não serem identificados pelos nazifascistas.

¹⁰⁰ "Patrioti Nicolò".

Achille¹⁰¹ (MALVEZZI; PIRELLI, 1994, p. 2).

A segunda carta é a que o professor universitário Paolo Braccini (o Verdì) escreve à sua filha Gianna. Nascido em Canepina (Viterbo) no dia 16 de maio de 1907, tinha sido afastado do cargo de professor de zootecnia da Universidade de Turim por causa de suas atividades antifascistas; em setembro participara do movimento clandestino de Turim, integrando o I Comitê Militar Regional Piemontês¹⁰² (CMRP); representante do Partido de Ação, dirigiu as organizações das formações Justiça e Liberdade¹⁰³ (GL) por quatro meses. No dia 31 de março de 1944 foi capturado por membros da Federação dos Fascistas Republicanos de Turim¹⁰⁴, sendo processado entre os dias 2 e 3 de abril do mesmo ano pelo Tribunal Especial para a Defesa do Estado¹⁰⁵ e fuzilado no dia 5 de abril de 1944 no Polígono Nacional de Martinetto¹⁰⁶ em Turim, pelo pelotão de soldados da Guarda Nacional Republicana (GNR), aos 36 anos, recebendo, postumamente, a Medalha Valor Militar grau ouro (MALVEZZI; PIRELLI, 1994, p. 3).

3 de abril de 1944

Gianna, minha filha adorada,

é a primeira e última carta que te escrevo e escrevo a ti primeiro, nestas últimas horas, porque sei que continuo a viver em ti.

Ao amanhecer, serei fuzilado por um ideal, por uma fé que tu, minha filha, um dia entenderás plenamente.

Nunca chores pela minha ausência, como eu nunca chorei: o teu Papai jamais morrerá. Ele te olhará, te protegerá da mesma forma: querer-te-á sempre todo o infinito bem que te quer agora e que sempre te quis desde quando te sentiu viver nas vísceras de tua Mãe. Sei que não vou morrer, porque a tua Mamãe será para ti também o teu Papai: aquele teu Papai

¹⁰¹ “Mamma adorata, quando riceverai la presente sarai già straziata dal dolore. Mamma, muoio fucilato per la mia idea. Non vergognarti di tuo figlio, ma sii fiera di lui. Non piangere Mamma, il mio sangue non si verserà invano e l'Italia sarà di nuovo grande. Da Dita Marasli di Atene potrai avere i particolari sui miei ultimi giorni.

Addio Mamma, addio Papà, addio Marisa e tutti i miei cari; muoio per l'Italia. Ricordatevi della donna di cui sopra che tanto ho amata. Ci rivedremo nella gloria celeste. Viva l'Italia libera!”.

¹⁰² “I° Comitato Militare Regionale Piemontese – CMRP”.

¹⁰³ GL: “Giustizia e Libertà”.

¹⁰⁴ “Federazione dei Fasci Repubblicani di Torino”.

¹⁰⁵ “Tribunale Speciale per la Difesa dello Stato”.

¹⁰⁶ “Poligono Nazionale del Martinetto”.

ao qual tu queres tanto, o teu Papai que tu queres todo teu, somente para ti e do qual és tão ciumenta. Dedique a tua Mãe todo o amor que desejas a ele: ela te dedicará também todo o meu amor, cuidará de ti também por mim, te cobrirá com os meus beijos e com as minhas ternuras. Se soubesses quantas coisas queria te dizer, mas enquanto escrevo o meu pensamento voa, galopa no tempo futuro que para ti será, deve ser feliz. Mas não importa que eu te diga tudo agora, te direi sempre, de vez em vez, por meio da boca de tua Mãe em cujo coração entrará toda a minha alma, quando deixará o meu coração.

Tua Mãe esteja sempre para ti acima de tudo.

Anda sempre de cabeça erguida pela morte do teu Pai¹⁰⁷ (MALVEZZI; PIRELLI, 1994, p. 3-4).

Aos 25 anos, Franca Lanzone, dona de casa, nascida em Savona no dia 28 de setembro de 1919, despede-se de seus entes queridos Franca atuava na Divisão Gramsci da Brigata Colombo como informante e mensageira junto aos partigianos das montanhas desde 1º de outubro de 1943, mas no dia 21 de outubro de 1944 foi sequestrada pelos soldados das Brigadas Negras em sua própria casa e fuzilada pelos fascistas na Sede da Federação Fascista,¹⁰⁸ em 1º de novembro de 1944, sem processo, com Paola Garelli, cabeleireira, e outros quatros partigianos (AVAGLIANO; LE MOLI, 1999, p. 5).

Caro Mario,

são as últimas horas da minha vida, mas mesmo assim vou ao encontro da morte sem ressentimentos pela vida.

Lembre-se dos teus deveres para comigo, sempre vou me lembrar de você.

Franca

¹⁰⁷ “3 aprile 1944

Gianna, figlia mia adorata, è la prima ed ultima lettera che ti scrivo e scrivo a te per prima, in queste ultime ore, perché so che seguito a vivere in te.

Sarò fucilato all'alba per un ideale, per una fede che tu, mia figlia, un giorno capirai appieno.

Non piangere mai per la mia mancanza, come non ho mai pianto io: il tuo Babbo non morrà mai. Egli ti guarderà, ti proteggerà ugualmente: ti vorrà sempre tutto l'infinito bene che ti vuole ora e che ti ha sempre voluto fin da quando ti sentì vivere nelle viscere di tua Madre. So di non morire, anche perché la tua Mamma sarà per te anche il tuo Babbo: quel tuo Babbo al quale vuoi tanto bene, quel tuo Babbo che vuoi tutto tuo, solo per te e del quale sei tanto gelosa. Riversa su tua Madre tutto il bene che vuoi a lui: ella ti vorrà anche tutto il mio bene, ti curerà anche per me, ti coprirà dei miei baci e delle mie tenerezze. Sapessi quante cose vorrei dirti ma mentre scrivo il mio pensiero corre, galoppa nel tempo futuro che per te sarà, deve essere felice. Ma non importa che io ti dica tutto ora, te lo dirò sempre, di volta in volta, colla bocca di tua Madre nel cui cuore entrerà la mia anima intera, quando lascerà il mio cuore.

Tua Madre resti sempre per te al di sopra di tutto.

Vai sempre a fronte alta per la morte di tuo Padre”.

¹⁰⁸ “Sede della Federazione Fascista”.

Querida mamãe,

*perdoa-me e coragem. Deus somente fará aquilo que a vida humana não
tiver condições de cumprir. Te beijo. Tua*

*Franca*¹⁰⁹ (AVAGLIANO; LE MOLI, 1999, p.6).

A próxima carta é de Irma Marchiani (Anty), 33 anos, nascida em Florença no dia 6 de fevereiro de 1911, era também dona de casa, atuando como informante e mensageira dos grupos de partigianos das montanhas nos primeiros meses de 1944. Na primavera passou a integrar diversas brigadas e divisões, tendo participado de combates. Foi capturada num hospital enquanto tentava internar um partigiano ferido. Torturada, foi levada para o campo de concentração de Corticelli (Bolonha), condenada à morte e depois à deportação para a Alemanha. Após ter conseguido fugir, retornou para a sua formação partigiana, foi nomeada comissária e depois vice-comandante, atuando como enfermeira, propagandista e combatente. Participou de várias ações, até ser capturada por uma, patrulha alemã em 11 de novembro de 1944 enquanto tentava atravessar as linhas com uma formação reduzida, sem munição e com a mensagem "*Balilla*". Foi processada pelos oficiais alemães do Comando de Bologna no dia 26 de novembro de 1944, sendo condenada e fuzilada no mesmo dia pelos soldados alemães; postumamente foi homenageada com Medalha Valor Militar grau ouro (MALVEZZI; PIRELLI, 1994, p.7).

Sestola, da "Casa do Tiglio", 1º agosto 1944

Caríssimo Piero, meu irmão adorado, a decisão que tomo hoje, mas concebida há tempos, me diz que eu devo escreve-te estas linhas. Estou certa de que me compreenderás porque tu sabes muito bem com que vontade eu sou, faço, isto é, sigo o meu pensamento, o ideal que um dia nosso avô também sentiu, faço já parte de uma Formação, e te direi que o meu comandante tem muita estima e confiança em mim. Espero ser útil, espero não decepcionar os meus superiores. Não te surpreende esta minha decisão, certo?

¹⁰⁹ “Caro Mario, sono le ultime ore della mia vita, ma con questo vado alla morte senza rancore delle ore vissute.
Ricordati i tuoi doveri verso di me, ti ricorderò sempre
Franca”

“Cara mamma, perdonami e coraggio. Dio solo farà ciò che la vita umana non sarà in grado di adempiere.
Ti bacio. La tua
Franca”

Tenho certeza de que seria também a tua, se muitas coisas não te preocupassem. Bom, basta um da família e esta sou eu. Quando um dia recebi a resposta de uma carta de Pally que eu convidava aqui, entre outras coisas, respondeu: "Que direito tenho de subtrair-me ao perigo comum?" é verdade, mas eu não estava aqui para ficar calma, mas porque esta vila faz bem ao meu espírito, ao meu coração. Agora porém tudo está triste, os acontecimentos em curso cobrem até as coisas mais belas com um véu triste. Em meu coração fez-se a idéia (infelizmente não sentida por muitos) de que todos mais ou menos devem dar a sua contribuição. Este apelo é tão forte que o sinto tão profundamente, que depois de ter colocado em ordem todas as minhas coisas parto feliz. "Tens no olhar algo que me diz que saberás comandar", disse-me o comandante, "a tua mente dá o máximo de confiança; mulheres nunca tinha sonhado em engajar, mas você sim" No entanto, ele tinha me visto apenas duas vezes.

Saberei fazer o meu dever, se Deus me deixar o dom da vida serei feliz, se não for assim, não chore e não chorem por mim.

Só te peço uma coisa: não pense em mim como uma irmãzinha má. Sou uma criatura de ação, o meu espírito necessita de espaço, mas são todos ideais altos e belos. Você muito bem, querido irmão, certo por trás da minha expressão calma, quieta talvez, se esconde uma alma desejosa de alcançar alguma coisa, a imobilidade não foi feita para mim, se os longos anos passados imobilizaram-me o físico, mas a vontade nunca adormeceu. Deus quis que eu estivesse pronta hoje mais do que nunca. Pense em mim, Piero querido, e abençoa-me. Agora sei que vocês estão em perigo e, no mais, está em todos os lugares. Então te saúdo e te beijo muito muito e te abraço forte.

Tua irmã Paggetto

Agradeça e cumprimente Gina¹¹⁰ (MALVEZZI; PIRELLI, 1994, p. 7).

¹¹⁰ "Sestola, da la "Casa del Tiglio", 1° agosto 1944

Carissimo Piero, mio adorato fratello, la decisione che oggi prendo, ma da tempo cullata, mi detta che io debba scriverti queste righe. Sono certa mi comprenderai perché tu sai benissimo di che volontà io sono, faccio, cioè seguo il mio pensiero, l'ideale che pur un giorno nostro nonno ha sentito, faccio già parte di una Formazione, e ti dirò che il mio comandante ha molta stima e fiducia in me. Spero di essere utile, spero di non deludere i miei superiori. Non ti meraviglia questa mia decisione, vero?

Sono certa sarebbe pure la tua, se troppe cose non ti assillassero. Bene, basta uno della famiglia e questa sono io. Quando un giorno ricevetti la risposta a una lettera di Pally che l'invitavo qui, fra l'altro mi rispose "che diritto ho io di sottrarmi al pericolo comune?" t vero, ma io non stavo qui per star calma, ma perché questo paesino piace al mio spirito, al mio cuore. Ora però tutto è triste, gli avvenimenti in corso coprono anche le cose più belle di un velo triste. Nel mio cuore si è fatta l'idea (purtroppo non da troppi sentita) che tutti più o meno è doveroso dare il suo contributo. Questo richiamo è così forte che lo sento tanto profondamente, che dopo aver messo a posto tutte le mie cose parto contenta. "Hai nello sguardo qualcosa che mi dice che saprai comandare", mi ha detto il comandante, "la tua mente dà il massimo affidamento; donne non mi sarei mai sognato di assumere, ma tu sì". Eppure mi aveva veduto solo due volte.

Saprò fare il mio dovere, se Iddio mi lascerà il dono della vita sarò felice, se diversamente non piangere e non piangete per me.

Ti chiedo una cosa sola: non pensarmi come una sorellina cattiva. Sono una creatura d'azione, il mio spirito ha bisogno di spaziare, ma sono tutti ideali alti e belli. Tu sai benissimo, caro fratello, certo sotto la mia espressione calma, quieta forse, si cela un'anima desiderosa di raggiungere qualche cosa, l'immobilità non è

Concluimos esta seleção com a carta do torneiro mecânico Vito Salmi (Nino), de 19 anos, nascido em Monteveglio (Bologna) em 15 de outubro de 1924, e que atuava na 142ª Brigata d'Assalto Garibaldi, desde fevereiro de 1944, tendo participado em vários combates em Montagnana (Parma). Em meados de abril do mesmo ano, foi surpreendido e capturado enquanto dormia junto a outros cinquenta partigianos e levado ao cárcere de Parma. Foi condenado à morte pelo Tribunal Militar de Parma, recebeu perdão condicional e foi mantido como refém até o dia 4 de maio de 1944, quando foi fuzilado com Giordano Cavestro, estudante, e outros três partigianos nas proximidades de Bardi (Parma) em represália às mortes de quatro soldados alemães (AVAGLIANO; LE MOLI, 1999, p. 12):

Querido pai,

vou ao encontro da morte com orgulho, seja forte como eu fui até o último momento e tente me vingar. Use um cravo vermelho em sinal de luto. Recebe os últimos beijos de quem se lembra sempre sempre de você. Seu filho

Vito

Cumprimentos a todos aqueles que se lembram de mim.

*Vinguem-me*¹¹¹ (AVAGLIANO; LE MOLI, 1999, p.12)

Embora as cartas sejam um testemunho comovente e esclarecedor acerca da Resistência, muitas famílias não tiveram acesso a elas, pois “não há dúvidas de que muitas destas correspondências não chegaram aos seus destinatários, foram dispersas, ou destruídas, por causa dos sequestros, nos arquivos da polícia e dos Tribunais”¹¹² (BENDISCIOLI, 1964, p. 229). Da sua leitura, todavia, emerge uma atmosfera em que o medo, repressão e dor não são suficientes para diminuir o desejo de liberdade dos *partigiani*, sua certeza acerca das próprias escolhas certa e a fé em dias melhores para a

fatta per me, se i lunghi anni trascorsi mi immobilizzarono il fisico, ma la volontà non si è mai assopita. Dio ha voluto che fossi più che mai pronta oggi. Pensami, caro Piero, e benedicimi. Ora vi so tutti in pericolo e del resto è un po' dappertutto. Dunque ti saluto e ti bacio tanto tanto e ti abbraccio forte.

Tua sorella Paggetto

Ringrazia e saluta Gina”.

¹¹¹ “Caro babbo,

vado alla morte con orgoglio, sii forte come lo sono stato io fino all'ultimo e cerca di vendicarmi. Per lutto porta un garofano rosso. Ricevi gli ultimi bacioni da chi sempre ti ricorda. Tuo figlio.

Vito”.

Saluti a tutti quelli che mi ricordano.

Vendicatemi”

¹¹² “non c'è dubbio che molta di questa corrispondenza non si trova più presso i destinatari, è andata dispersa, o è finita, a causa dei sequestri, negli archivi della polizia e dei Tribunali”.

nação. Ler estes fragmentos de vida íntima que teceram a histórica coletiva é uma possibilidade de compreender um pouco mais do sentido e dimensão da Resistência, compartilhando a memória dos *partigiani*, suas angústias e, ao mesmo tempo, a esperança de ser igualmente corajosos para lutar pelos valores nos quais acreditamos.

1.2.4 Anotações sobre os intelectuais antifascistas

O aparelho do Estado Fascista afetou, também, a produção cultural e a atividade intelectual no país. Segundo Peli (2006), entre 1922 e 1926 qualquer atividade política e cultural sem autorização do Partido Fascista era considerada antinacional, o que dava ao Estado o direito de perseguir, ameaçar e prender os indivíduos considerados inimigos da nação. Dessa forma, grande parte dos acadêmicos, professores, jornalistas e homens de cultura aceitaram a retórica, a estética, as leis raciais, os sonhos imperialistas, o projeto político, cultural e pedagógico fascista. A adesão desses intelectuais ao fascismo contribuiu para a produção do consenso da massa em relação ao regime, altíssimo entre os anos de 1929 a 1935. Segundo Didier Musiedlak (2006, p.81) “os intelectuais, pequenos e grandes, fizeram funcionar uma máquina político-cultural criada pelo regime”. Além do controle incisivo da vida cotidiana da população, os programas de rádio, os jornais e revistas, as obras literárias, as músicas, os materiais didáticos eram sistematicamente produzidos com vistas a promover a ideologia fascista e dirimir quaisquer manifestações contrárias: “O fascismo não se contentou em recrutar os intelectuais; ele os seduziu obtendo consentimento para conduzir, por bem, sua obra de regeneração cultural e moral no contexto da formação do Estado totalitário” (MUSIEDLAK, 2006, p. 82).

Todavia, uma parte importante da intelectualidade italiana participou ativamente da militância antifascista. Atuando em clandestinidade, principalmente junto aos partidos políticos, os intelectuais antifascistas ganharam força durante o período da Resistência: “A Itália cultural partira em exílio, seja interior, seja exterior, para participar do antifascismo e da resistência” (MUSIEDLAK, 2006, p. 82). Nessa época, estudiosos que não tinham, até então, efetiva participação na política do país, lançaram-se na Resistência, auxiliando seja na luta armada ou na luta ideológica, promovendo, também, a libertação cultural. Alberto Moravia, Beppe Fenoglio, Cesare Zavattini, Elio Vittorini, Giorgio Bassani, Cesare Pavese, Giulio Einaudi, Pier Paolo Pasolini são apenas alguns dos intelectuais que se dedicaram a uma produção cultural marcadamente antifascista. Entre eles, damos destaque

Primo Levi que, autor de obras quais *É isto um homem* (1947) e *A trégua* (1963),¹¹³ é o mais conhecido expoente da literatura de testemunho. Deportado no início de 1944, aos 24 anos, junto com outros 600 italianos para o *Lager*¹¹⁴, o *partigiano* e intelectual judeu sobreviveu ao campo de extermínio de Auschwitz. Ao testemunhar, na condição de escritor, a experiência-limite de sua existência, Levi marca profundamente a literatura europeia do século XX:

O papel que o judeu italiano desempenha em suas autobiografias é duplo: o de vítima e o de protagonista, isto é, o de sujeito e o de objeto da história. Personagem bipartido, Levi se coloca na posição de hermenêuta social, indagando, a todo o momento, os porquês da história e das diversas ações sociais humanas, na sua constante vontade de entender a completude da realidade que viveu. O que queremos dizer, aqui, é que Primo Levi não renuncia ao objetivo de compreender o passado, visto que só o horizonte intelectual da compreensão mesma garante sua sobrevivência como homem (OLIVEIRA, s/d, p.7).

Natalia Ginzburg também foi uma importante intelectual nesse período. Nascida em Palermo, Natália Levi adotou o sobrenome Ginzburg do marido Leone Ginzburg, judeu e professor universitário com quem permaneceu em exílio, em Abruzzo de 1940 até 1943, por causa das leis raciais, quando foi também impedido de lecionar. Sob o pseudônimo de Alessandra Torninparte, publica seu primeiro romance *O caminho que leva à cidade*¹¹⁵ (1942). Com o fim do exílio, Leone Ginzburg entra para a luta clandestina, mas é preso e morto na prisão Regina Coeli, em fevereiro de 1944. A partir de 1945, Natália prossegue em seu ofício junto a Cesare Pavese, Giulio Einaudi e Italo Calvino na Editora Einaudi e, além de seus romances, coletâneas de ensaios, contos, peças de teatro, romances epistolares e traduções, também exerce funções políticas ao ser eleita ao cargo de deputada pelo grupo Independentes de Esquerda em 1983 e 1987 (SILVA, 2015).

Além desses, destacamos a atuação e a importância da responsabilidade política de Italo Calvino (1923-1985), que dois anos após intensa participação na luta *partigiana* durante vários meses nas montanhas italianas publica o romance *A trilha dos ninhos de aranha* (1947) que narra os acontecimentos desse; e de Antonio Gramsci (1891-1937) que

¹¹³ “*Se questo è un uomo*”; “*La tregua*”.

¹¹⁴ Lager (abreviação de *konzentrationslager*) é uma palavra alemã que significa ‘armazém’, locais utilizados pelo regime nazista desde 1933 até 1945 para confinar seus ditos opositores, submetiam-os a humilhações, a trabalhos forçados e a experimentos e, por isso ficaram conhecidos como campos de concentração (OLIVEIRA, 2013).

¹¹⁵ “*La strada che va in città*”.

mesmo encarcerado pelo regime fascista manteve sua militância política por meio de constante leitura, atividade reflexiva e anotações várias sobre assuntos de seu tempo que, anos mais tarde, influenciaram as ações do Partido Comunista na Resistência Italiana. Os escritos de Gramsci publicados pela primeira vez entre 1947 e 1951 como o *Cartas do cárcere* e *Cadernos do cárcere* influenciaram sobremaneira o pensamento político socialista em várias sociedades no âmbito cultural, econômico, educacional, social (PROTÁSIO, 2008) e nos oferecem importantes contribuições para compreendermos o contexto e algumas das problemáticas do romance de Calvino.

CAPÍTULO 2

A RESISTÊNCIA DE ANTONIO GRAMSCI

No biênio que marcou o fim da segunda guerra, os resultados obtidos pelas lutas de libertação foram possíveis também graças ao expressivo exercício intelectual de Antonio Gramsci, cujos escritos se tornaram importantes instrumentos de reflexão para a cultura antifascista italiana, no século XX.

Filho de Francesco Gramsci e Peppina Marcias, Antonio Gramsci veio à luz em 22 de janeiro de 1891 na cidade de Ales, na Sardenha, e ainda bebê foi acometido por uma doença conhecida por Mal de Pott¹¹⁶ que afetou sua coluna – era corcunda – e debilitou sua saúde (SILVEIRA, 2010). Nino, como era chamado, nasceu numa família pequeno-burguesa de sete filhos que enfrentava dificuldades financeiras. Em 1898, a situação se agravou devido ao fato de seu pai, por causa de uma irregularidade administrativa, ter sido preso; embora tivesse sido acusado de desvio de dinheiro no departamento em que trabalhava, o motivo plausível para sua detenção teria sido o apoio ao candidato derrotado nas eleições de 1897 (PROTÁSIO, 2008). Em 1902, Gramsci abandonou os estudos e foi trabalhar em um cartório, voltando à escola somente em 1905, quando foi para o ginásio, em Sanlulusurgiu (SILVA, 2010). Sua experiência como trabalhador infantil foi relatada por ele da seguinte forma:

Comecei a trabalhar quando tinha onze anos, recebendo nove liras ao mês (que na verdade significava um quilo de pão por dia) dez horas de trabalho ao dia, inclusive a manhã de domingo, movendo registros que pesavam mais do que eu e muitas noites chorei escondido porque me doía todo o corpo. Conheci quase sempre somente o aspecto mais brutal da vida e sempre me virei, bem ou mal¹¹⁷ (NOCERA, s/d, p. 207).

No início do século XX, a Itália vivia seu primeiro desenvolvimento industrial e econômico, o que acentuou as desigualdades econômicas e culturais entre norte e sul, além

¹¹⁶ Segundo Protásio (2008) Mal de Pott é uma tuberculose óssea, um agravamento da pneumonia.

¹¹⁷ “*Ho incominciato a lavorare da quando avevo undici anni, guadagnando ben nove lire al mese (ciò che del resto significava un chilo di pane al giorno) per dieci ore di lavoro al giorno compresa la mattina della domenica e me la passavo a smuovere registri che pesavano più di me e molte notti piangevo di nascosto perché mi doleva tutto il corpo. Ho conosciuto quasi sempre solo l'aspetto più brutale della vita e me la sono sempre cavata, bene o male*”.

de evidenciar a longa dominação da Igreja Católica em Roma (MONASTA, 2010). Nesse contexto, Gramsci começou a ter contato com os socialistas e com os textos de Marx publicada no *Avante!*, enviados a ele pelo irmão Gennaro, que trabalhava em Turim, na Câmara do Trabalho. Gramsci realizou, então, um dos seus primeiros escritos – um trabalho escolar que denominou *Oprimidos e opressores*¹¹⁸ (1910) –, revelando descontentamento com as desigualdades da sociedade capitalista que, no contexto sardo daquele período, são assim descritas por Protásio (2008, p. 67):

A situação econômica da Ilha de Sardenha piorava a cada ano. No campo, os pequenos produtores e suas famílias sofriam com a queda dos preços dos produtos e a fome generalizada. Nas minas e manufaturas, a exploração dos trabalhadores os submetia a jornadas de trabalho de 13 a 15 horas diárias. Ao longo de toda a década de 10, os conflitos entre patrões, governos e empregados foram resolvidos com perseguições e tiroteios, resultando na morte de dezenas de trabalhadores.

Entre os anos de 1908 e 1911, Gramsci aproximou-se dos grupos jovens dos socialistas sardos; publicou, em 1910, seu primeiro artigo no periódico *União Sarda*¹¹⁹ e tornou-se correspondente do *Aidomaggiore* (KOHAN, 2006).

Nascido na Itália insular, Gramsci pode sentir as diferenças econômicas, políticas e sociais de uma economia rural discriminada e marginalizada pelo norte industrializado. Em 1911, o jovem sardo emigrou para Turim, então um centro industrial em cujas periferias organizava-se a classe operária, matriculando-se na faculdade de Letras após ter conseguido uma bolsa de estudos destinada a jovens pobres que quisessem iniciar seus estudos universitários. Em Turim, conheceu o lado oposto de sua realidade e da de seus conterrâneos, mas não se encantou pelo que viu, ao contrário, decidiu lutar não somente contra os conservadores, mas também contra o dogmatismo e o sectarismo político que se demonstrava incapaz de realizar o projeto revolucionário de empoderamento das classes populares (PROTÁSIO, 2008).

Na universidade, Gramsci conheceu Palmiro Togliatti, com quem estabeleceu relações, e experimentou novas realidades em relação à cultura e à economia. Em 1915, sem conseguir concluir os exames finais do semestre, perdeu a bolsa de estudos e, conseqüentemente, abandonou o curso (SILVA, 2010). Passou a dedicar-se, então, ao

¹¹⁸ *Opressi e Opressore* - Gramsci escreveu esse texto aos 19 anos, quando ainda era aluno do último ano do Ensino Médio no Colégio Dettòre, em Cagliari (PROTÁSIO, 2008).

¹¹⁹ “*L’unione Sarda*”.

trabalho jornalístico, iniciando com afinco sua militância política e intelectual (SILVEIRA, 2010). Segundo Kohan (2006), entre os anos de 1916 e 1920, Gramsci publicou mais de 360 artigos de teoria social e crônica teatral na seção do semanário socialista *O grito do povo*¹²⁰. Um dos seus artigos mais importantes, publicado em 1914 no semanário, foi o “Neutralidade ativa e operante”, em que defendia os radicais de Turim e atacava a neutralidade do Partido Socialista Italiano (PSI) em face dos 96 dias de greve dos operários e da eclosão da Primeira Guerra Mundial (PROTÁSIO, 2008).

Em 1917, Gramsci acompanhou os acontecimentos da Revolução Russa – primeira revolução proletária triunfante da história mundial –, nutrindo grande admiração pela figura de Lênin e pelos bolcheviques. Nessa época, ingressou no PSI na seção de Turim e organizou uma revista chamada *A cidade futura*¹²¹, cuja única publicação reuniu textos de Armando Carlini, Benedetto Croce, Gaetano Salvemini e um ensaio autoral de crítica marxista. Também organizou o Clube de Vida Moral,¹²² voltado para a educação política dos jovens socialistas (KOHAN, 2006). Segundo Vieira (1999), o Clube reunia jovens intelectuais e operários que discutiam sobre questões éticas e morais por meio da leitura dos textos de Marx, Croce e Salvemini, assim como de Marco Aurélio, Virgílio e outros clássicos, com o intuito de formar o hábito da pesquisa, da disciplina e do método de estudo entre os operários socialistas. Vieira (1999) destaca que, ao reelaborar sua concepção de cultura, os operários deixavam de ser alunos no Clube de Vida Moral e, atuantes, passavam a ser força de mobilização, uma vez que todos são intelectuais: “em qualquer trabalho físico, mesmo o mais mecânico e degradado, existe um mínimo de qualificação técnica, isto é, um mínimo de atividade intelectual criadora” (Gramsci, 2006, C 12, §1, p. 18 *apud* BARATTA, 2010, p.32).

Por acreditar que Lênin teria expandido o materialismo histórico, em 1918 se propôs a traduzir seus textos para o italiano com o intuito de aproximar ainda mais da experiência do proletariado russo (PROTÁSIO, 2008). No dia 1º de maio do ano seguinte, auxiliado por Togliatti, publicou o texto *Democracia Operária*¹²³ inaugurando, junto com

¹²⁰ “*Il Grido del popolo*”.

¹²¹ “*La città futura*”.

¹²² “*Club di Vita Morale*”.

¹²³ “*Democrazia Operaia*”. O texto aborda de maneira explícita o problema das comissões internas que passaram a ser definidas como células de governo proletário (ARRIGONI, 1988, p. 74).

Tasca, Terracini e Togliatti, o semanário *A nova ordem*¹²⁴, que se tornou o principal meio de divulgação da luta política nos Conselhos de Fábrica – organizações de operários consideradas por Gramsci como fundamentais para empoderamento da classe operária (PROTÁSIO, 2008).

O principal objetivo das publicações como *A nova ordem* era educar a nova classe operária criada pela indústria e pela guerra, focalizando a organização da educação, a formação e suas relações com a organização do trabalho – trazendo para o campo econômico um tema (a educação) antes considerado “um ramo da filosofia, da ética ou mesmo da religião” (MONASTA, 2010, p. 14). Segundo Protásio (2008), em *A nova ordem*, as reflexões sobre a Revolução de Outubro de 1917 e a crise no PSI revelaram aspectos importantes do pensamento político e dialético de Gramsci, fazendo com que travasse intensas polêmicas com o PSI, partido no qual militara também Benito Mussolini que, expulso, fundaria em 1921 o Partido Nacional Fascista (PNF). No mesmo ano, os desentendimentos com PSI levaram Gramsci a fundar, junto a Palmiro Togliatti e outros ativistas, o Partido Comunista Italiano. A partir de então, Gramsci passaria a escrever vários artigos denunciando os feitos do fascismo, que de forma repentina começava a ganhar espaço no contexto político e social (SILVA, 2010), num movimento que culminaria na ditadura fascista, na qual comunistas e ativistas sindicais passariam a ser perseguidos. A nova conjuntura política se refletiu no pensamento de Gramsci, que compreendeu que não era suficiente

avançar em conquistas econômicas ou da máquina estatal para transformar a sociedade, era preciso influir decisivamente na vida social e cultural, desenvolvendo novos modos de conviver, uma nova cultura e, principalmente, um novo homem. Com a derrota, Gramsci compreendeu a importância de hegemonia em sentido mais amplo (PROTÁSIO, 2008, p. 73-74).

Designado representante do PCI junto a Moscou, em 1922 foi para a União soviética e a Áustria e participou do IV Congresso da Internacional Comunista, no qual conheceu Giulia Schucht, com quem, em 1924, teve um filho, Delio. Em 1923, eleito deputado, pôde retornar à Itália. Em novembro de 1926, Mussolini dissolveu o Parlamento e as atividades de oposição foram duramente reprimidas, resultando na prisão de diversos militantes. Gramsci, então com 34 anos, foi capturado e levado ao presídio Regina

¹²⁴ “*L’ordine nuovo*”.

Coeli, em Roma, sendo enviado em seguida à Ilha de Ústica, perto de Palermo. Depois, foi reenviado a Milão e levado de volta a Roma, onde, em maio de 1928, foi condenado a 20 anos, 4 meses e cinco dias de prisão: “O terror que Gramsci provocava ao fascismo é confessado abertamente pelo Ministério Público do Tribunal Especial quando, pedindo-lhe a condenação, afirma: ‘Por vinte anos devemos impedir a este cérebro de funcionar’”¹²⁵ (NOCERA, s/d, p. 232).

Ainda em 1928, Gramsci foi transferido para uma prisão especial, devido ao seu estado de saúde, sendo colocado numa cela com mais cinco presos políticos. Após solicitação, no ano seguinte conseguiu transferência para uma cela individual e permissão para escrever. Apesar da saúde frágil, das decepções políticas e da perda da liberdade, no cárcere Gramsci preservou sua liberdade espiritual (MONASTA, 2010) e dedicou seu tempo a estudar a história da Itália e dos intelectuais, anotando suas reflexões (PROTÁSIO, 2008). Sua intensa produção escrita no cárcere começa no mês de fevereiro de 1929 – após dois anos e quatro meses de prisão – em cadernos comuns que mais tarde viriam a ser os *Cadernos do cárcere*, interrompidos em 1935 devido à sua debilidade física (SILVEIRA, 2010).

Após mais de uma década no presídio fascista e já muito debilitado em saúde, conseguiu autorização para a visita de um médico, foi transferido para uma enfermaria, e depois para uma clínica (SILVA, 2010). Em 1934, o regime concedeu-lhe a liberdade condicional e, em 1937, para que não morresse no cárcere e se tornasse símbolo da luta antifascista, a liberdade definitiva. No dia 25 de abril daquele ano, sofreu um derrame e morreu dois dias depois, numa clínica romana, aos 46 anos, assistido pela cunhada, Tatiana Schucht (SILVEIRA, 2010).

Em seu velório, apenas o irmão Carlo e a cunhada Tatiana estiveram presentes, o que deixava claro os problemas com o Partido Comunista Italiano (PROTÁSIO, 2008). Um fato que pode ser importante para compreendermos o abandono de Gramsci é

o desentendimento ocorrido entre Gramsci e Togliatti em 1926, ano de seu encarceramento. [...] Togliatti, naturalmente, após a morte de Gramsci, optou por “glorificá-lo” como comunista, desde que fosse silenciada a ruptura final. Falou-se, apenas, de “naturais” desentendimentos, de “visões diferentes” pelo fato de Gramsci não poder

¹²⁵ “Il terrore che Gramsci incuteva al fascismo viene confessato apertamente dal Pubblico Ministero del Tribunale Speciale quando, chiedendone la condanna, afferma: ‘Per vent’anni dobbiamo impedire a questo cervello di funzionare’”.

compreender – diziam – de sua cela, a conjuntura nacional e internacional. Na verdade, a questão não era pessoal, era política e teórica, e a diferença era radical. De um lado, havia o taticismo político de Togliatti; de outro, a visão de Gramsci da política como ética e como atividade humana “desinteressada” (MONASTA, 2010, p. 42).

Um mês após a morte de Gramsci, com a publicação do texto *O dirigente da classe operária italiana*¹²⁶, Togliatti tratava de recuperar-lhe a imagem em relação ao partido, elevando seu nome a herói da esquerda, omitindo as divergências ocorridas e o seu abandono no cárcere. Ao mesmo tempo, tomava para si o papel de embaixador e herdeiro do legado do filósofo e principal agenciador dos *Cadernos do Cárcere* (PROTÁSIO, 2008), mantendo o monopólio da visão de Gramsci para o PCI por muito tempo (SILVEIRA, 2010).

2.1 OS ESCRITOS CARCERÁRIOS DE GRAMSCI

Após a morte de Gramsci, seus os cadernos foram entregues a Tatiana Schucht que, antes de enviá-los para Moscou, teve o cuidado de catalogá-los. Os manuscritos tornaram à Itália em 1945, e foram enviados à casa editora Einaudi para integrar a publicação das obras completas do autor sardo. O plano editorial previa a saída de um primeiro volume reunindo as cartas de Gramsci, manuscritos carcerários e os escritos pré-carcerários, num total de 12 volumes, publicados entre 1947 e 1971 (REBELLATO; SBIROLI, 2013). Os *Cadernos do cárcere* foram organizados em 6 volumes, publicados entre 1948 e 1951, em edição idealizada e supervisionada por Palmiro Togliatti, com a seguinte organização temática:

1. Materialismo histórico em Benedetto Croce
2. Os intelectuais e a organização da cultura
3. O ressurgimento
4. Notas
5. Literatura e vida nacional
6. Passado e presente

É importante destacar o aspecto político da interpretação editorial dos Cadernos:

A primeira edição nos dá um perfil de Gramsci como uma importante figura intelectual, talvez como o homem multifacetado do Renascimento, que mesmo no cárcere preserva sua liberdade espiritual lendo, estudando

¹²⁶ “*Il dirigente della classe operaia italiana*”.

e escrevendo para a posteridade [...]. No início dos anos 1950, talvez não fosse possível, nem nos países ocidentais, nem nos do leste, revelar a verdade. A força dominante da cultura, tanto da conservadora como da progressista, não estava em condições de ser “objeto” de estudo de si mesma, isto é, de permitir que alguém revelasse suas próprias raízes “materiais” e políticas (MONASTA, 2010, p. 19).

No mesmo ano em que a casa editora Einaudi lança a primeira edição dos escritos de Gramsci (1947) Italo Calvino torna-se responsável pela assessoria de imprensa da editora e, aconselhado por Cesare Pavese e Giansiro Ferrata (jornalista da revista *Unità* de Milão) lança seu primeiro romance *A trilha dos ninhos de aranha*, que teve súbita visibilidade e alcançou sucesso no panorama literário da época, num momento em que se argumentava bastante sobre a guerra, o fascismo, a Resistência, a revolução, o realismo e o neorrealismo tanto no cinema quanto na literatura (MARTINO, 2012).

Nesse tempo,

a direção, a orientação de Calvino (em sintonia com a linha editorial Einaudi) se sentia, sobretudo, pela atenção constante à sociedade e à reflexão entre cultura e política, pela ênfase dada ao mundo das fábulas e aos interesses científicos – todos temas ligados entre si, como se verá, seja nas páginas do Notiziário que na elaboração teórica do seu diretor¹²⁷ (MARTINO, 2012, p. 13).

Segundo Martino (2012), o PCI tinha um papel privilegiado na política cultural da Einaudi e, além disso, tanto seus colaboradores principais – Norberto Bobbio, Massimo Mila, Natalia Ginzburg e Franco Antonicelli – como os auxiliares eram de orientação antifascista e,

testemunham o tributo constante (sobretudo nos primeiros anos) à figura de Antonio Gramsci; a presença maciça, entre os colaboradores, de estudiosos da área marxista, dos livros e personagens russos ou soviéticos; a constante referência ao debate cultural interno ao partido, e as agitações do comunismo em cada parte do planeta¹²⁸ (MARTINO, 2012, p. 13).

¹²⁷ “Ma la direzione, l’orientamento di Calvino (in sintonia con la linea editoriale Einaudi) si sentono, soprattutto, per l’attenzione costante alla società e alla riflessione tra cultura e politica, per il rilievo dato al mondo delle fiabe e agli interessi scientifici – tutti temi collegati fra loro, come si vedrà, sia nelle pagine del Notiziario che nell’elaborazione teorica del suo direttore”.

¹²⁸ “Io testimoniano il tributo costante (soprattutto nei primi anni) alla figura di Antonio Gramsci; la presenza massiccia, tra i collaboratori, di studiosi di area marxista, di libri e personaggi russi o sovietici; il riferimento continuo al dibattito culturale interno al partito, e ai fermenti del comunismo in ogni parte del pianeta”.

Com efeito, as publicações da editora se destacaram nessa temática, dentre as quais apontamos *Os vinte e três dias da cidade de Alba*¹²⁹, de Beppe Fenoglio, *A história da Resistência italiana*¹³⁰ e *A primeira guerra da África*¹³¹, de Roberto Battaglia, *O sargento na neve*¹³² de Mario Rigoni Stern, *O deserto da Líbia*¹³³ de Mario Tobino, *Diário de um soldado simples*¹³⁴ de Raul Lunari, *Memórias da prisão*¹³⁵ de Giampiero Carocci, *Sagapò* de Renzo Biasion e *As cartas dos condenados à morte da Resistência*¹³⁶, de Franco Antonicelli. Muitos escritores foram descobertos e indicados por Calvino, editor, que foi responsável, contudo, por recusar, em 1947, o manuscrito *Se isso é um homem*, de Primo Levi, publicado no mesmo ano pela editora Francesco De Silva (Franco Antonicelli era o diretor de edição) e, só em 1958, pela Einaudi (MARTINO, 2012).

A Einaudi providenciou, em 1975, uma nova edição dos *Cadernos* e, diversamente do que ocorrera com a anterior, os textos foram reproduzidos integralmente tais quais redigidos por Gramsci. A edição crítica de Valentino Gerratana assume um caráter mais completo em relação à primeira, que demonstrava ser bastante fragmentária (MONASTA, 2010), e também revela sua estrutura sinuosa e diminui a polêmica em torno da tendenciosidade da primeira publicação organizada por Togliatti (VIEIRA, 1999). Essa nova edição contém quatro volumes, com o conteúdo dos cadernos contido nos três primeiros volumes, e o último reservado ao aparato crítico, composto pela descrição dos cadernos, notas e índices temáticos.

Publicados pela primeira vez, no Brasil, pela editora Civilização Brasileira, os escritos gramscianos obedecem a uma organização temática – *As cartas do cárcere* (1966); *A concepção dialética da história* (1966); *Os intelectuais* (1968) e *Notas* (1968). Traduzidos por Carlos Nelson Coutinho, Leandro Konder e Luiz Mario Gazzaneo, os textos do filósofo italiano chegaram às prateleiras brasileiras na década 1960, tendo ficado assim durante muito tempo devido ao momento político de ditadura militar (SILVEIRA,

¹²⁹ “*I ventitre giorni della città di Alba*”.

¹³⁰ “*La storia della Resistenza italiana*”.

¹³¹ “*La prima guerra d’Africa*”.

¹³² “*Il sergente nella neve*”.

¹³³ “*Il deserto di Libia*”.

¹³⁴ “*Diario di un soldato semplice*”.

¹³⁵ “*Memorie di prigionia*”.

¹³⁶ “*Le lettere dei condannati a morte della Resistenza*”.

2010). Entre 1966 e 1968 parte dos títulos da edição temática togliattiana foi publicado pela mesma editora graças ao trabalho de Ênio Silveira:

Em 1966, foram publicados *Concepção dialética da história* (que por problemas de censura não manteve o título original: *II materialismo storico e la filosofia di Benedetto Croce*) e um volume das *Cartas do cárcere*, que continha parte da edição de Sergio Caprioglio e Elza Fubini, publicadas na Itália em 1965. Em 1968, é a vez de *Os intelectuais e a organização da cultura*, *Literatura e vida nacional* e *Maquiavel, a política e o Estado moderno*. Constava ainda do projeto original de divulgação das obras de Gramsci no Brasil a publicação dos textos *II Risorgimento e Passato* e presente, não traduzidos devido ao recrudescimento da censura após a promulgação do AI5 (SIMIONATTO, 2002, p. 2).

Na segunda metade da década de 1970, a reedição dos volumes no Brasil¹³⁷ foi melhor apreciada devido ao quadro sociopolítico que passava por um processo de abertura política e democrática, manifestada pelos descontentamentos com o regime militar: “os textos de Gramsci contribuíram de forma decisiva na análise do quadro sociopolítico que se delineava com a crise da ditadura militar, o tensionamento entre a ordem estabelecida e a luta pela democracia, a reinserção dos movimentos da sociedade civil na arena política, bem como a introdução de uma inovadora concepção de socialismo junto aos segmentos de esquerda” (SIMIONATTO, 2002, p. 2).

Segundo Silveira (2010), os escritos de Gramsci podem ser organizados em três categorias: os escritos de juventude ou pré-carcerários, realizados antes da sua prisão, e que compreendem a pujante produção escrita em jornais e revistas; as *Cartas do cárcere*, que compreendem a escrita epistolar de Gramsci durante a prisão; os *Cadernos do cárcere*, escritos entre 1929 e 1935, constituindo 33 cadernos com tamanhos variados, sendo 29 deles de apontamentos sobre temas diversos e 4 com textos de traduções (SILVEIRA, 2010). Os cadernos de 1 ao 9 foram classificados como cadernos miscelâneos, já os cadernos de 10 a 13, o 16, e os de 19 a 29 cadernos especiais, nos quais retoma apontamentos e dá a eles desenvolvimento mais elaborado; as datas da escrita dos cadernos não são bem definidas, os estudiosos tentam sugeri-las conforme os acontecimentos e às

¹³⁷ Obras de Gramsci publicadas em português (Brasil): *Escritos políticos*, vols. I, II. Organização e tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. *Concepção Dialética da História*. idem, 1978. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*, ib., 1978. *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*, ib., 1976. *Literatura e Vida Nacional*, ib., 1978. *Cartas do Cárcere*, id., 1978. *Cadernos do Cárcere*, vols. 1, 2, 3, 4, 5, 6. Edição Carlos Nelson Coutinho com Marco Aurélio Nogueira e Luiz Sérgio Henriques. ib., 2000 – 2002 (MONASTA, 2010, p.12).

cartas, já que ele não coloca data em todos os textos; acredita-se que os miscelâneos tenham sido escritos entre 1929 e 1932 e os 17 cadernos especiais e 3 dos miscelâneos entre 1932 e 1935 (SILVEIRA, 2010).

2.2 CULTURA, HEGEMONIA E INTELLECTUAIS ORGÂNICOS

Nos *Cadernos do cárcere*, a concepção dialética da história e o amadurecimento político do autor eram fruto do seu envolvimento com o PSI, com as lutas do PCI e com atividades sindicais de Turim; suas atividades políticas, por outro lado, estavam aliadas à literatura marxista, ao leninismo e às orientações da III Internacional Comunista (PROTÁSIO, 2008). Contudo, suas teorias e práticas políticas são marcadas pela ruptura com o dogmatismo, que fossilizava o marxismo (DORE, 2006) e, no ponto de vista filosófico, pelo abandono do positivismo da ciência e da tecnologia (ARRIGONI, 1988) e do idealismo croceano dos intelectuais (BOSI, 2005). Gramsci encarou o pensamento de Marx não como doutrina, mas como filosofia que, superando as visões de mundo a ela precedentes, também necessitava de ulteriores desenvolvimentos e avanços.

Segundo Monasta (2010), para compreender a ambiência cultural e acompanhar o pensamento de Gramsci presente nas mais de três mil páginas escritas dos cadernos é necessário considerar que o filósofo reflete sobre os problemas concretos da vida nacional do povo italiano de seu tempo. Para Wanderley (2012), a busca pela unidade da sua visão de mundo é um trabalho que cada leitor deve realizar, levando em consideração o contexto daquela época. Para isso é preciso observar que, em seus escritos, o conhecimento histórico, a práxis política, a luta cultural e os processos de formação humana são indissociáveis (VIEIRA, 1999). Além disso, Baratta (2010) chama a atenção para a tensão dialética de Gramsci entre a condição de subalterno, pois estava encarcerado por um regime, e a de intelectual-educador-político: seu pensamento possui, ao mesmo tempo, caráter analítico, pois pensa e analisa desde os setores populares e as classes subalternas (os operários, o proletariado) e caráter pedagógico-educativo, advindo de sua maneira de atuar como líder político. De viés contrário é a leitura de Siega (2015), que não considera Gramsci como subalterno ao fascismo, pois a noção gramsciana de subalternidade acarreta a de subserviência ao grupo dominante, e Gramsci, ao contrário, era um risco para o regime.

Entre as principais contribuições do pensamento gramsciano aos estudos contemporâneos está o relevo dado à cultura e à organização cultural para o entendimento e a transformação das relações de classe. Segundo Kohan (2006, p. 55), os escritos gramscianos possibilitam compreender que “a guerra, a política, a cultura e a ideologia são diversas arestas de um mesmo conflito de classes”. Siega (2015, p. 104) observa que Gramsci supera a concepção cultural marxista, retirando a cultura da condição de superestrutura para reconhecer-lhe um papel estrutural na sociedade, já que os produtos culturais seriam os meios pelos quais um grupo atua a própria hegemonia:

Se a cultura é vista como processo social, por ideologia entende-se um sistema de sentidos e valores que expressam os interesses dominantes e que se tornam também os valores e sentidos das classes subalternas quando essas incorporam como próprias as representações culturais das classes dirigentes. Ou seja, ideologicamente, as classes historicamente dominadas operam não a partir da consciência que formam de si mesmas, mas com a consciência que sobre elas formou a classe dominante.

Segundo Coutinho (1986), o objetivo de Gramsci era elaborar as bases de uma sociologia marxista das atividades intelectuais; essa seria a condição necessária para uma revolução que deveria acontecer de forma ampla, relacionada com o cotidiano e a vida cultural (PROTÁSIO, 2008). Para Gruppi (1978, p. 81-82):

a contradição entre classe operária e capitalistas coloca em discussão não só a política econômica, as questões sindicais imediatas, mas também a política e a cultura das idéias da classe dominante. Assim que o proletariado toma consciência do seu antagonismo com o sistema capitalista, ele não só desencadeia lutas sindicais imediatas, mas também elabora uma linha política e uma concepção do mundo o marxismo, o ideal socialista, uma nova moral que contrapõe-se aos valores e à moral da sociedade dominante. Através de um processo enormemente penoso, através de uma pequena vanguarda, paulatinamente o proletariado busca arrancar da hegemonia ideal e política da classe dominante uma parte sempre maior da classe operária e de seus aliados (camponeses, camadas médias), trata de conquistar os intelectuais.

Para Baratta (2010), a hegemonia é uma categoria estrutural do pensamento gramsciano, sendo inseparável da concepção dialética com a qual encara a luta hegemônica de um grupo em relação a outro. Gramsci “concebe a revolução como uma crise de hegemonia, isto é, uma crise da capacidade dirigente dos que têm o poder, porque não conseguem mais solucionar os problemas do país, não conseguem mais mantê-lo coeso pela ideologia” (GRUPPI, 1978, p. 84-85) uma vez que “a ideologia é o que mantém coeso

o bloco histórico, que solda entre si seus elementos, que permite manter unidas classes sociais diferentes e com interesses até opostos, antagônicos. A ideologia é o grande cimento de todo bloco histórico, faz parte de sua edificação” (GRUPPI, 1978, p. 82). O bloco histórico, para Gramsci, é o conjunto de forças políticas e sociais que mantém coesa uma sociedade, na qual:

As forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma – sendo que esta distinção entre forma e conteúdo é puramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais (GRAMSCI, 1978, p. 63 *apud* JACOBELIS, 2010, p. 39).

Com a divisão do trabalho, afirma Jacobellis (2011, p. 29) “a história passa a ser a história das lutas de classes, ou seja, é da relação entre essas que surgem as contradições e, por conseguinte, as transformações históricas” (2011, p. 29). Outrossim, é no interior das lutas de classes, no movimento do operário, na direção política do partido e do intelectual que surge a possibilidade da tomada do poder já que “o poder nunca está fixo na sociedade, mas constituído pelas relações de força entre as classes sociais¹³⁸” (KOHAN, 2006, p. 69). Contudo, “o sucesso definitivo de qualquer revolução seria necessariamente dependente do resultado da precedente batalha pela hegemonia¹³⁹” (GINSBORG, 2006, p. 55-56).

Assim, o princípio teórico-prático da hegemonia seria o conhecimento que faz avançar a filosofia (modo de compreender e agir sobre a realidade) e a prática política, portanto, é a categoria estrutural do pensamento de Gramsci que lança luz sobre a questão da relação entre filosofia e cidadania, sendo esta a participação consciente e plena na sociedade civil (BARATTA, 2010). Segundo Gruppi (1980, p. 78):

A palavra “hegemonia” vem de um verbo grego que significa dirigir, guiar, conduzir. Gramsci usa esse termo não só no sentido tradicional que salienta principalmente a dominação, mas no sentido originário da etimologia grega (“direção”, “guia”). Gramsci toma esse termo de Lênin, que o usou em 1905 justamente para indicar a função dirigente da classe operária na revolução democrático-burguesa.

Para as lutas proletárias, “era necessário de alguma maneira uma tomada de consciência”, por meio do sujeito histórico, o proletariado (JACOBELIS, 2011, p. 31) uma

¹³⁸ “*el poder nunca está fijo en la sociedad, sino constituido por relaciones de fuerza entre las classes sociales.*”

¹³⁹ “*Egli pensava, tuttavia, che il successo definitivo di una qualsiasi rivoluzione sarebbe necessariamente dipeso dal risultato della precedente battaglia per l’egemonia.*”

vez que a direção deve ocorrer antes de a classe assumir o governo (MONASTA, 2010): “Um grupo social pode e, aliás, deve ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental (esta é uma das condições principais para a própria conquista do poder); depois, quando exerce o poder mesmo se o mantém nas mãos, torna-se dominante, mas deve continuar a ser também ‘dirigente’” (GRAMSCI, 2002, p. 62-63 *apud* CHAGAS, s/d, p.5). Logo, para Chagas (s/d), organicamente vinculada ao movimento operário de transformação da realidade deve estar a ação pedagógica contra-hegemônica:

A partir do momento em que um grupo subalterno se torna realmente autônomo e hegemônico, suscitando um novo tipo de Estado, nasce concretamente a exigência de construir uma nova ordem intelectual e moral, ou seja, um novo tipo de sociedade e, portanto, a exigência de elaborar os conceitos mais universais, as armas ideológicas mais sofisticadas e decisivas. (Gramsci, 1975, p. 1.509 *apud* SEMERARO, 2006, p. 16-17)

Para Gramsci a classe operária precisa, primeiro, alcançar a hegemonia para a conquista do poder já que só a hegemonia desempenha “a conquista do consenso, *a ação de tipo cultural e ideal*” (GRUPPI, 1978, p. 78). Dessa forma, “a hegemonia é a identificação da nova tática e da nova estratégia que devem ser usadas em situações determinadas” (GRUPPI, 1978, p. 81). É importante observar que a hegemonia para Gramsci está no âmbito da classe operária, não no partido, uma vez que o partido não garante a conquista do poder pela classe operária. Contudo não é possível uma hegemonia da classe operária sem o partido e, por isso, Gramsci reconhece “a importância do fator subjetivo, da função do partido como guia dos processos revolucionários” (GRUPPI, 1978, p. 71). Além disso, “o partido é o grande *reformador intelectual e moral*, o que supera a velha concepção e constrói outra nova” (GRUPPI, 1978, p. 87).

A relação entre classe social, intelectuais e política é bastante próxima e profunda, pois somente a luta hegemônica pode “aprofundar e ampliar ‘a intelectualidade’ de cada indivíduo” (GRAMSCI, 2006, C 12, § 1, p. 19 *apud* JACOBELIS, 2011, p. 42) e a conquista do poder é a sucessora da hegemonia, que só é possível por meio das lutas travadas no interior das classes sociais e sustentadas pelos intelectuais e elas orgânicos:

Todo grupo social, nascendo no terreno originário de uma função essencial no mundo da produção econômica, cria para si, ao mesmo tempo, organicamente, uma ou mais camadas de intelectuais que lhe dão homogeneidade e consciência da própria função, não apenas no campo econômico, mas no campo social e político: o empresário capitalista cria

consigo o técnico da indústria, o cientista da economia política, o organizador de uma nova cultura, de um novo direito, etc., etc. (...) Pode-se observar que os intelectuais “orgânicos” que cada nova classe cria consigo e elabora em seu desenvolvimento progressivo são, na maioria dos casos, “especializações” de aspectos parciais da atividade primitiva do tipo social novo que a nova classe deu à luz (GRAMSCI, 2000, p. 15-16 *apud* JACOBELIS, 2011, p. 37).

Operando criticamente em relação à intelectualidade orgânica às classes burguesas e considerando o intelectual como agente das lutas pelo empoderamento das classes trabalhadoras, “Gramsci valoriza com singularidade o saber popular, defende a socialização do conhecimento e recria a função dos intelectuais, conectando-os às lutas políticas dos subalternos” (SEMERARO, 2006, p. 376).

Desse ponto de vista, o intelectual orgânico da base, surgido em função das lutas das classes subalternas, deveria ter condições de direcioná-las ao poder através de uma organização da cultura que fomentasse uma nova concepção de mundo, capaz de fazer com que as classes populares adquirissem consciência acerca da realidade e da própria condição na luta de classes, subtraindo-as, desse modo, à ideologia dominante:

Para Gramsci, de fato, mais do que a centralidade do intelectual e a sofisticação de um grupo de vanguarda irradiador de verdades, é importante “a elevação moral e intelectual das massas” até as fronteiras mais avançadas da ciência, de modo a arrancar da classe dominante o monopólio do conhecimento (SEMERARO, 2006, p. 14).

A filosofia da práxis gramsciana é, então, a proposta de uma produção de conhecimento crítico para e pelas massas, capaz de transformar as condições da sua vida prática:

Para Gramsci, as classes subalternas têm uma filosofia real, que é a de sua ação, do seu comportamento. E elas têm também uma filosofia declarada, que vive na consciência, a qual está em contradição com a filosofia real. É preciso juntar esses dois elementos através de um processo de educação crítica, pelo qual a filosofia real de cada um, sua política, se torne também a filosofia consciente, a filosofia declarada. O fim é chegar a esse processo de unificação de teoria e prática, de construção de uma cultura nova, revolucionária, de reforma intelectual e moral. As duas coisas, para Gramsci, são estritamente ligadas” (GRUPPI, 1978, p. 8).

Dessa forma, a teoria não poderia existir como categoria separada da realidade, mas como sua prática de conhecimento concreto:

A práxis é o conceito que permite a ligação entre teoria e prática no marxismo em geral, já que se define como uma prática compreensiva da realidade, ou uma compreensão, mais ou menos clara, daquilo que modifica a partir da apreensão (ou invenção) das possibilidades de modificação (JACOBELIS, 2011, p. 50).

Para Siega (2015, p. 107), os escritos gramscianos evidenciam que,

Através de uma organização unitária da cultura (que pressupõe uma organização da hegemonia), o intelectual poderia, de modo orgânico, organizado, colaborar para a formação de uma consciência crítica, já que esta não nasce espontaneamente em cada setor social. [...]. Gramsci chama a atenção para o fato de que, assim como os setores sociais vivenciam e elaboram cultura e consciência de forma diversa (por isso a necessidade de um direcionamento da cultura), não existem mudanças a partir de iluminações vindas do alto. Uma transformação nos modos de pensar é entendida o demorado resultado de combinações sucessivas e aleatórias que envolvem confluências, mas também fricções e disputas. O trabalho intelectual que se quisesse produtor de consciência, portanto, deveria levar em conta não somente os aspectos abstratos de enunciados teóricos, mas a realidade concreta que dá base a tais enunciados.

Segundo Monasta (2010) Gramsci dedicou 2.848 páginas escritas sobre a função educativa e política dos intelectuais que, segundo Silva (2010, p. 112), intermediam a esfera da Sociedade Civil e da política, pois “são os sujeitos de ação no campo ideológico e, exatamente por isso, apresentam uma dimensão formativa, que deve ser bem utilizada” (SILVA, 2010, p. 112). Essa dimensão formativa deveria ser capaz de “difundir e conservar a concepção do mundo que atende aos interesses das classes operárias” (CHAGAS, s/d, p.4) sendo que uma nova concepção de mundo só poderia surgir de outra classe que não a dominante (JACOBELIS, 2011). Diferentes das ideias dos intelectuais tradicionais que se mantêm num grupo fechado, alheios às questões centrais da própria história e distantes das dinâmicas socioeconômicas, as ideias de Gramsci passam a fundamentar a formação dos novos intelectuais na práxis hegemônica dos subalternos, cujas lutas teóricas e práticas buscam criar uma outra filosofia e uma outra política, capazes de promover a superação do poder como dominação e construir efetivos projetos de democracia popular (SEMERARO, 2006, p. 380).

2.3 LÍNGUA NACIONAL, LITERATURA E LINGUAGEM

Nos *Cadernos do cárcere*, Gramsci propõe a necessidade de explorar o terreno nacional, isto é, de analisar concretamente a situação italiana, penetrando na originalidade

de seus processos históricos, sociais e culturais (GRUPPI, 1978). Essa necessidade é enfatizada por Gramsci, pois

o proletariado é uma classe que tem caráter internacional, mas dirige camadas sociais estritamente nacionais (aliás frequentemente menos ainda que nacionais, particularistas e municipalistas, como os camponeses); por isso deve, em certo sentido, nacionalizar-se, isto é, penetrar profundamente na realidade nacional. Se é internacionalista, e justamente porque é internacionalista, a classe operária deve descobrir a especificidade nacional do processo revolucionário, se quiser dirigir os camponeses, os intelectuais, etc. (GRUPPI, 1978, p. 81).

É com essa ideia que Gramsci propõe ao PCI retomar a iniciativa política e lutar pelo comando único dos operários e dos camponeses, pois entendia que o sucesso de Mussolini estava mais ligado à fraqueza revolucionária do que à força fascista. Desse modo, a partir da análise do problema do sul da Itália, ele propõe que a chave da hegemonia da classe operária estava no elemento nacional:

Vemos então que a hegemonia é impensável sem uma exploração do terreno nacional. A hegemonia é justamente a capacidade de descobrir a especificidade nacional, as características específicas de uma sociedade determinada. A hegemonia é conhecimento, além de ação, por isso é a conquista de um novo nível de cultura, é a descoberta de coisas que não se conhecia (GRUPPI, 1978, p. 81).

Consciente da exclusão da grande maioria da população italiana do conhecimento produzido e divulgado no país (os índices de analfabetismo e abandono da escola são, então, altíssimos), Gramsci reflete sobre as condições indispensáveis à socialização de tal conhecimento entre as classes populares, bom como sobre a necessidade de sua participação na produção e conformação do mesmo. Ao pensar na função e representação dos intelectuais na cultura produzida na Itália, Gramsci delineia a imensa fratura que separa as camadas mais cultas e menos cultas da população, detectando a artificialidade das produções da alta cultura – entre elas, a literatura – em relação ao cotidiano e vivências culturais e linguísticas das massas. Daí a importância que as questões de língua – em um país de predominância dialetal – e linguagem vêm a assumir nos seus escritos.

Para Rodríguez (2007) a ênfase da obra de Gramsci estava no entendimento do exercício de poder por parte das classes dominantes nas sociedades modernas. Essa é a perspectiva com a qual a questão da língua é abordada por Gramsci, que sublinha a relação da linguagem com o domínio de uma classe sobre outra, fato evidente, por exemplo,

quando observa que é sempre a língua falada pelo grupo dominante a obter o status de língua escrita (ORLANDI, 2007). Como em outras categorias da vivência social, o núcleo do problema da linguagem estaria na hegemonia e na estabilidade das relações entre hegemônicos e subalternos. Nessa ótica, a literatura, historicamente, poderia ser entendida como “expressão de uma cultura hegemônica ou de setores subalternos da sociedade que, em determinados momentos, apropriam-se de técnicas hegemônicas de expressão, como a língua escrita” (SIEGA, 2015, p. 110-111). A questão da língua não é um fator cultural isolado, portanto, já que a ela liga-se uma série de problemas, quais “a formação ou extensão de uma classe dirigente, a necessidade de estabelecer relações mais íntimas e seguras entre grupos dirigentes e massa popular-nacional, ou seja, de reorganizar a hegemonia cultural¹⁴⁰” (GRAMSCI, 1975: 2346 *apud* RODRÍGUEZ, 2007, p. 90).

O filósofo sardo, apesar de ter se dedicado aos estudos da linguagem, não é o pioneiro no assunto na Itália. Segundo Rodríguez (2007), a questão da linguagem tinha sido iniciada na metade do século XIX, por Alessandro Manzoni, já que após a Unificação foi escolhida como língua nacional o italiano culto, a língua literária (SANTOS, 2011). Para Gramsci, essa escolha seria um claro sinal da separação entre intelectuais e povo e não tinha sido satisfatoriamente discutida pelos filósofos:

A questão da língua era um problema central na Itália logo após a unificação devido à grande variedade e força dos diversos dialetos e idiomas regionais presentes na península e nas ilhas; algo que Gramsci conhecia muito bem de primeira mão por ter crescido na ilha de Sardenha. Houve numerosas tentativas e reformas educativas para tratar de unificar o território sob o italiano padrão¹⁴¹ (RODRÍGUEZ, 2007, p. 89).

Gramsci começou a interessar-se sobre a “questão da língua” italiana na universidade, dedicando-se à glotologia – disciplina que estuda as línguas em seu desenvolvimento estrutural e histórico – orientado pelo professor Matteo Bartoli, que o incentivava a prosseguir em suas pesquisas. Nessa época começou a estudar os dialetos sardos – entre os mais difíceis da Itália – mas por não ter conseguido continuar na vida

¹⁴⁰ “la formación o extensión de una clase dirigente, la necesidad de establecer relaciones más íntimas y seguras entre grupos dirigentes y masa popular-nacional, es decir, de reorganizar la hegemonía cultural”.

¹⁴¹ “La cuestión de la lengua era un problema central en Italia luego de la unificación debido a la gran variedad y fortaleza de los diversos dialectos e idiomas regionales a través de la península y las islas; algo que Gramsci conocía muy bien de primera mano por crecer en la isla de Cerdeña. Hubo numerosos intentos y reformas educativas para tratar de unificar el territorio bajo el italiano estándar”.

acadêmica, acabou por se dedicar à atividade jornalística (ORLANDI, 2007). Como observa Orlandi (2007), mesmo após ter saído da faculdade, o militante não abandona os estudos linguísticos e, em carta à amiga e cunhada Tatiana Schucht, confessa estar arrependido e querer retomar os estudos para laurear-se em glotologia (até 1918 acreditava que poderia fazê-lo); assim, começa a estudar linguística comparada por meio dos escritos de Isaia Ascoli, Meyer-Luebke, Matteo Bartoli e Benedetto Croce (ORLANDI, 2007).

Nesses escritos dedicados aos estudos da linguística, a língua assume conotações político-culturais de grande importância, pois para ele a linguagem manifesta e comunica uma concepção de mundo. Dessa forma, “seria mais difícil para os elementos populares transcender a culturas provinciais e chegar a uma consciência nacional¹⁴²” (RODRÍGUEZ, 2007, p. 92), por isso, defende que a unificação linguística nacional era um passo necessário para a comunicabilidade com outras linguagens e outras culturas modernas. Uma língua com unidade nacional, ou seja, capaz de comunicar e representar todos os grupos que fazem parte da nação, era importante para que os homens, grupos e classes sociais tivessem acesso ao conhecimento e que tivessem as condições necessárias e suficientes à superação das relações sociais dominantes (VIEIRA, 1999) ou seja, para atuar de forma filosófica na sociedade e lutar pela hegemonia, já que desta são indissociáveis:

a linguagem, a língua, o senso comum. Posta a filosofia como concepção do mundo - e o trabalho filosófico sendo concebido não mais apenas como elaboração “individual” de conceitos sistematicamente coerentes, mas além disso, e sobretudo, como luta cultural para transformar a “mentalidade” popular e difundir as inovações filosóficas que se revelem “historicamente verdadeiras” na medida em que se tornem concretamente, isto é, histórica e socialmente, universais -, a questão da linguagem e das línguas deve ser “tecnicamente” colocada em primeiro plano. (Gramsci, 2001, C 10, § 44, p. 398 *apud* BARATTA, 2010, p. 40).

Debruçando-se sobre a história da Itália, Gramsci tratou de estudar o perfil do intelectual italiano, chegando à conclusão de que este sempre esteve mais ligado à cultura europeia (o que lhe daria a característica cosmopolita) do que ao próprio povo. O que significa que, ao longo dos séculos, os intelectuais italianos teriam sido integrado, organicamente, pelos poderes conservadores dos grupos minoritários e poderosos, e não em uma direção progressista com base na história e na cultura dos grupos majoritários da nação, historicamente subalternos. Repercorrendo a história da Itália, Gramsci ia

¹⁴² “*haría más difícil para los elementos populares transcender culturas provinciales y llegar a una conciencia nacional*”.

demistificando as concepções tradicionais dos intelectuais, da cultura. Com Gramsci, pela primeira vez, o problema do classicismo cultural e literário vinha conectado com a hegemonia das classes cultas aristocratas e burguesas, com o seu afastamento da realidade política e ideais de povo e nação.

A história italiana tinha sido história das classes privilegiadas, dos sumos sacerdotes, de eclesiásticos obviamente não menos cosmopolitas dos senhores e dos humanistas, comprometidos a manter de forma dura e intransigente os equilíbrios existentes; história de astúcia e de violências municipais, dos pequenos territórios.¹⁴³ (PIROMALLI, 2007, p. 3).

A falta de unidade entre a cultura intelectual italiana e a cultura de sua base econômica (o povo) expressar-se-ia na falta de identidade linguística da península, na qual predominavam os dialetos regionais e na qual o italiano oficial não era compreendido ou sentido como próprio por amplos extratos da população, ou seja, a língua oficial italiana não tinha uma base nacional-popular. A cultura seria o terreno onde cimentar essa unidade, já que

A cultura, em seus vários níveis, unifica uma maior ou menor quantidade de indivíduos em estratos numerosos, mais ou menos em contato expressivo, que se entendem entre eles em diversos graus, etc. São estas diferenças e distinções histórico-sociais que se refletem na linguagem comum, produzindo os “obstáculos” e as “causas de erro” de que os pragmatistas trataram. Disso se deduz a importância que tem o “momento cultural” também na atividade prática (coletiva): todo ato histórico não pode deixar de ser realizado pelo “homem coletivo”, isto é, pressupõe a conquista de uma unidade “cultural-social” pela qual uma multiplicidade de vontades desagregadas, com fins heterogêneos, solda-se conjuntamente na busca de um mesmo fim, com base numa idêntica e comum concepção do mundo (geral e particular, transitoriamente operante - por meio da emoção - ou permanente, de modo que a base intelectual esteja tão enraizada, assimilada e vivida que possa se transformar em paixão). Já que assim ocorre, revela-se a importância da questão lingüística geral, isto é, da conquista coletiva de um mesmo “clima” cultural” (Gramsci, 2001, C 10, § 44, p. 398-399 *apud* BARATTA, 2010, p. 41).

Parte expressiva da cultura e, portanto, da história, a língua também é um agente de formação e difusão da unidade nacional. Gramsci é defensor de uma língua nacional, pois

¹⁴³ “demistificando le concezioni tradizionali dell'intellettuale, della cultura. Con Gramsci per la prima volta il problema del classicismo culturale e letterario veniva collegato con l'egemonia dei ceti colti aristocratici e borghesi, con il loro distacco dalla realtà politica e ideale di popolo e nazione.

La storia italiana era stata storia di ceti privilegiati, di alti prelati, di curiali ovviamente non meno cosmopoliti dei signori e degli umanisti, intesi a mantenere faticosamente e con compromessi continui gli equilibri esistenti; storia di scaltrezze e di violenze municipali, di piccoli territori”.

acredita que a falta de unidade geraria certa perda de força da coletividade já que “possuir uma concepção de mundo fragmentada significa que o próprio povo não representa uma coletividade homogênea de cultura, mas numerosas estratificações culturais, combinadas de modo variado, folclórico (GRAMSCI, 2002, v. 6, C5, §156, p. 81 *apud* SANTOS, 2011, p. 62).

Ao retomar as afirmações sobre a falta de uma língua moderna na Itália e os problemas acarretados por isso, Gramsci cita Cremieux e enumera: “1º) que não existe uma classe culta italiana unitária, que fale e escreva uma língua “viva” unitária; 2º) que entre a classe culta e o povo existe uma grande distância: a língua do povo é ainda o dialeto, com subsídio de um jargão italianizante traduzido mecanicamente¹⁴⁴” (GRAMSCI, §73). Dessa forma, os intelectuais italianos também usam duas línguas, já que falam o dialeto em casa e usam o italiano em situações oficiais de escrita ou de fala; assim como existe unidade entre os vários dialetos, não existe unidade entre a língua falada e a língua escrita, que, por isso, assume uma característica fossilizada (SIEGA, 2016)¹⁴⁵.

Para compreender os motivos dessa falta de unidade, Gramsci analisa os processos históricos relacionados à língua e observa que a hegemonia econômica exercida pela cidade de Florença no período do Renascimento culminou na hegemonia cultural, isto é, o dialeto florentino foi adotado como língua italiana. Contudo, a manutenção do florentino como língua padrão, mesmo após o fim da hegemonia econômica de Florença, favoreceu o contínuo distanciamento entre língua oficial e escrita e a língua vivida, aquela usada cotidianamente por falantes de várias regiões da Itália:

Essa distância entre língua falada e língua escrita se traduz na distância entre intelectual e povo: o intelectual escreve numa língua, culta, e o povo (e o próprio intelectual) fala outra em casa. Todas estas distâncias evidenciam a falta de unidade nacional: entre povo e intelectual; entre língua vivida (língua “historicamente vivente”) e língua oficial; entre língua falada e língua escrita (SIEGA, 2016, p. 3).

Apesar da imposição do próprio dialeto como língua dominante pela burguesia em ascensão neste período, não foi possível formar uma língua nacional. Ademais, a língua dominante era utilizada apenas entre os literatos “e estes são absorvidos pela corte, que é

¹⁴⁴ “1º) *che non esiste una classe colta italiana unitaria, che parli e scriva una lingua “viva” unitaria; 2º) che tra la classe colta e il popolo c’è una grande distanza: la lingua del popolo è ancora il dialetto, col sussidio di un gergo italianizzante tradotto meccanicamente”.*

¹⁴⁵ Em fase de elaboração.

uma classe reacionária. Ou seja, a burguesia, que deveria ser revolucionária, cria uma língua literária, mas essa é absorvida pela classe dominante (corte) e, portanto, assume conotação reacionária” (SIEGA, 2016, p. 3).

Gramsci chama a atenção para o fato de que a língua não é um sistema arbitrário, mas um sistema histórico. Dessa forma, ainda que os dialetos sejam ricos de conteúdo histórico-social são limitados a grupos regionais, já a língua nacional contempla as inovações e as transformações linguísticas de uso da língua de uma inteira comunidade nacional, isto é, que compartilham conteúdos histórico-sociais em comum. Além disso,

é possível dizer que, quando Gramsci fala de língua nacional como língua dotada de historicidade de massa, está falando de uma língua onde a massa (povo) reconheça a própria história, ou seja, reconheça a si mesma; o dialeto é dotado de historicidade, mas é uma historicidade limitada a determinada região e, portanto, a determinado grupo; todos os grupos, reconhecendo-se cada um em seu próprio dialeto, não se reconhecem enquanto coletivo único, enquanto massa nacional; por isso a artificialidade da língua nacional (espécie de esperanto), que não consegue expressar a unidade nacional, porque esta não existe (SIEGA, 2016, p. 6).

Por isso, Gramsci enfatiza a importância do domínio da língua nacional por cada indivíduo a partir da ideia de que a linguagem expressa uma visão de mundo, assim, se o indivíduo conhece apenas os conteúdos histórico-sociais limitados ao seu dialeto a sua experiência de mundo é ainda provinciana e, por isso, sua participação na história é limitada, pois não está em condições de interagir com as grandes correntes de pensamento que direcionam a história mundial, pois, segundo Gramsci “uma língua nacional de grande expressividade e história (‘historicamente rica e complexa’), pode traduzir outra grande língua nacional, pode expressar qualquer outra grande cultura; o dialeto não é capaz de tal operação” (SIEGA, 2016, p. 3-4).

Para tratar a questão da língua na literatura italiana, Gramsci analisa as diferenças entre o teatro dialetal e em italiano de Luigi Pirandello: algumas das comédias foram originalmente escritas em italiano e depois em dialeto, quando fizeram grande sucesso. Assim, observa que na Itália “a língua não possui historicidade de massa, não é um fato nacional” (GRAMSCI, 1975, v. I, C 3, §73, p. 350 *apud* SIEGA, 2016, p. 4):

Na Itália, diz Gramsci, existem duas línguas, o italiano e o dialeto regional, sendo que em casa se fala o dialeto, enquanto o italiano é comparado ao esperanto, ou seja, a uma língua artificial. O grau de

unidade nacional de uma língua, diz Gramsci, não é dado pela língua escrita e catalogada nos dicionários, mas da vivência dessa língua na nação: se o uso popular da língua coincide com o uso culto dela, então se tem uma unidade linguística nacional, uma unidade entre povo e intelectual, entre massa e classe dirigente (SIEGA, 201, p. 4).

Ao tratar da questão da língua e as classes intelectuais italianas Gramsci analisa a língua escrita pelos intelectuais e a relação que estabelece entre intelectuais e o povo-nação e observa que “existe uma fratura entre povo e intelectual, entre povo e cultura” (GRAMSCI, 1975, V. I, C3, §73, p. 353 *apud* SIEGA, 2016, p. 5):

Essa fratura é evidente ainda na Idade Média, quando os livros de religião são escritos em latim literário, e o povo, que não conhece o latim, não tem acesso a essa cultura escrita e, portanto, não pode participar à discussão dessa cultura (por mais de 600 anos, o povo não compreendia os livros e não podia participar do mundo da cultura). Mais tarde, a partir do pré-humanismo, o latim vulgar (o italiano) começa a ser adotado também como língua escrita. Todavia, ainda não é a língua falada pelo povo. É um “vulgar” elevado; e assim “o italiano é de novo uma língua escrita e não falada” é uma língua “dos cultos, e não da nação”. Essa fratura continuou a ser sentida nos séculos posteriores, inclusive no século XIX, apesar de toda a retórica nacionalista que acompanha a unificação italiana (SIEGA, 2016, p. 5).

A linguagem literária, para Gramsci, está ligada à vida das várias populações que compõem a nação e se desenvolve lentamente, por isso, entre as línguas populares e a língua da classe culta existem pontos de contato que possibilitam que sejam feitas trocas contínuas. Esses pontos de contato advêm do conjunto de imagens e modos de expressão que não são somente linguísticos, que são próprios da gramática, isto é, da linguagem. Contudo, “uma linguagem literária só atinge expressividade nacional se consegue aderir à moral, sentimento e cultura populares, expressando-os com uma forma compreensível ao leitor” (SIEGA, 2016, p. 6).

Nesse contexto se situa o romance *A trilha dos ninhos de aranha* de Italo Calvino, em que o autor se esforça em materializar, literariamente, a proximidade com o povo que ele experimentou, concretamente, na adesão à luta partigiana. Para ele,

as leituras e a experiência de vida não são dois universos, mas um. Cada experiência de vida, para ser interpretada, elege determinadas leituras e com ela se funde. Que os livros sempre nascem de outros livros é uma só aparentemente contraditória com a outra: que os livros nascem da vida prática e das relações entre os homens (CALVINO, 2004, p. 17-18).

As relações entre os homens, naquele período, eram permeadas pelos acontecimentos da guerra civil e militar pelos quais tinham acabado de vivenciar e, por isso, era um assunto comum entre todos. Assim, a experiência vivida na coletividade era também pessoal, única e que naturalmente provocou o surgimento de várias vozes, vários narradores e diversas narrativas sobre o enredo:

Ter saído de uma experiência – guerra, guerra civil – que não poupava ninguém, estabelecia uma comunicação imediata entre escritor e seu público: estávamos frente a frente, em pé de igualdade, cheios de histórias para contar, cada qual tivera a sua, cada qual vivera vidas irregulares dramáticas aventureiras, roubávamos as palavras uns da boca dos outros (CALVINO, 2004, p. 6).

Dessa forma, era responsabilidade dos intelectuais “investidos de uma responsabilidade especial” (CALVINO, 2004, p. 12) de que o romance da resistência representasse esse sentimento unitário tanto nos fatos quanto na linguagem. Nesse período Calvino compartilha de um sentimento de resistência política, bem como do desejo de proximidade entre intelectual e povo, mesmo sem ter lido os escritos carcerários de Gramsci, que foram publicados a partir de 1948, e “para não deixar que o tema me subjugasse” (CALVINO, 2004, p. 12) decidiu enfrentar o encargo ainda que a direção política tentasse direcionar a atividade literária.

No próximo capítulo, tentaremos perceber, no romance, como essa fratura localizada e identificada por Gramsci tenta ser diminuída pelo jovem intelectual Calvino ao se dedicar em expressar a guerra, que acabara de acontecer, numa língua compreensível para todos: “ao escrever, minha necessidade estilística era manter-me mais abaixo do que os fatos, o italiano de que eu gostava era o de quem ‘não fala italiano em casa’, procurava escrever como teria escrito um hipotético ‘eu mesmo’ autodidata” (CALVINO, 2004, p. 21-22).

CAPÍTULO 3

A TRILHA DOS NINHOS DE ARANHA

3.1 NEORREALISMO E PROXIMIDADE ENTRE INTELECTUAL E POVO

Com o fim da segunda guerra mundial, em 1945, a população italiana e os setores produtivos da sociedade se dedicam ao trabalho de reconstrução da nação que, além de desmoralizada, enfrenta uma situação onde os meios de transportes e de comunicação restavam inoperantes e a economia nacional paralisada (GINSBORG, 2006). Cheios de histórias sobre a guerra para contar e, principalmente, com a responsabilidade de não esquecer as angústias pelas quais passaram, os italianos se deparam com uma realidade nova para a qual é necessária uma nova postura ética. Como observa Siega (2016a, p.136), “Às questões de ordem econômica somam-se as de caráter moral” que são próprias “da cultura antifascista dentro da qual se move o neorrealismo”, em cuja vertente literária “o testemunho da guerra, o imprisonment nos campos e as lutas da resistência ganham voz na escrita de autores como Elio Vittorini, Primo Levi e Italo Calvino”. Na literatura como no cinema, a massa deixa de ser uma presença decorativa para transformar-se em protagonista, em narrativas cuja força “reside tanto nos seus mecanismos expressivos quanto na curiosidade dos autores pela realidade, conscientes da importância daquele período histórico” (SIEGA, 2016a, p. 137).

É nesse contexto de mudança que nasce o neorrealismo literário que, ao mesmo tempo realizava um expressivo esforço em representar a realidade da nação, desnudando o que o fascismo propositadamente ocultava, primava por suprimir características estéticas conservadoras vigentes na literatura produzida até essa época. Reagindo à imposição da língua padrão pelo regime e resgatando aspectos culturais da identidade nacional, o neorrealismo buscou se reapropriar do dialeto como prática cotidiana que necessitava ser representada literariamente. Nas obras literárias como nos filmes neorrealistas, o dialeto aparece como possibilidade de retomada de contato com o país e as camadas populares, evidenciando o desejo de proximidade do intelectual com a realidade que o circunda. Nas representações neorrealistas,

O cenário retratado é desolador e, ao mesmo tempo, tinto de tons de esperança e júbilo pelo fim de uma era, a fascista, sobre a qual se assenta a responsabilidade de uma guerra cujos efeitos piores são sentidos, como sempre, pelos mais pobres. Nos dramas destes italianos menores, os

diálogos dialetais restituem o falar popular e “subalterno” que o regime tinha censurado, ao mesmo tempo em que testemunham o encontro com as outras línguas que povoam a península. Como escreve Gian Piero Brunetta (2001, p. 334), a guerra “assinala o fim da autarquia linguística e, além de legitimar a importância sociológica dos dialetos, coloca em contato falantes dialetais e monolinguísticos com falantes de outros países” (SIEGA, 2016a, p. 138).

O intercâmbio de experiências comuns traduzidas na criação artística, aproxima os intelectuais e o povo e, ao mesmo tempo, resgata a liberdade de comunicação dialetal, já que o dialeto deixa de ser uma língua utilizada apenas no seio familiar e passa a ter vida também nos livros e no cinema. A coexistência dos dialetos promove a mútua contaminação entre os falantes de várias línguas. Tenta-se, então, ir na direção da “base”, tentando dar à língua nacional um maior reconhecimento coletivo, histórico e socialista é, como visualizara Gramsci, buscava-se extrapolar os limites da circulação regional dos dialetos, na esperança de cimentar unidade nacional por meio de um processo de construção coletiva, na contramão daquela língua literária encarada como cosmopolita e sem historicidade coletiva (SIEGA, 2016).

Ao propor esse movimento, o neorrealismo reproduzia um dos aspectos da realidade do pós-guerra, quando era comum as pessoas se reunirem à noite em casa com as famílias e amigos para ouvir e falar de suas experiências durante a guerra civil da qual tinham acabado de se desembaraçar. Também nos trens e pelas ruas ouvia-se as narrações das pessoas sobre o que tinham visto ou vivido:

A renascida liberdade de falar para as pessoas foi, de início, vontade incontrolada de contar: nos trens que recomeçavam a funcionar, apinhados de gente e de sacos de farinha e de latas de óleo, cada passageiro narrava aos desconhecidos as vicissitudes por que havia passado, e assim cada cliente às mesas dos “refeitórios do povo”, cada mulher nas filas dos estabelecimentos comerciais; o cinzento das vidas cotidianas parecia coisa de outros tempos; movíamos-nos num multicolorido universo de histórias (CALVINO, 2004, p. 6)¹⁴⁶.

Dessa forma, surgem, no período pós-guerra, novos narradores, novos modos de narrar, novos personagens sobre um tema comum: a guerra. A literatura do pós-guerra pretendia colocar em pé de igualdade leitores e escritores, inaugurando um novo modo de narrar (CALVINO, 2004). Tratava-se de uma liberdade de falar recém-adquirida: “a

¹⁴⁶ Prefácio à Segunda Edição de *A trilha dos ninhos de aranha* (1964).

literatura que nos interessava era a que trazia esse sentido de humanidade efervescente e de impiedade e de natureza” (CALVINO, 2004, p. 16).

Para Calvino (2004) era mais que uma questão de arte, uma questão fisiológica, existencial, coletiva, permeada por uma destemida alegria. O desejo de proximidade entre o intelectual e as classes populares ao lado das quais, na resistência, combatera, se reverte no desejo de uma nação e de uma língua nacional na qual todos pudessem se reconhecer e sentir-se partícipes. Embora não seja possível dizer que tais intelectuais fossem leitores de Gramsci, é possível afirmar que, situados na cultura antifascista, como situou-se Gramsci, os intelectuais, neste momento, aspiram e buscam concretizar uma unidade nacional, em promover um sentimento de unidade entre intelectuais e massa.

No prefácio à segunda edição do romance, em 1964, Calvino admite a preocupação com as relações entre língua e dialeto naquele momento pós-guerra como parte essencial do processo de reconstrução social, histórica, artística, cultural:

Também o outro grande futuro tema de discussão crítica, o tema da língua-dialeto, está aqui presente em sua fase ingênua: dialeto condensado em manchas de cor (ao passo que nas narrações que escreverei em seguida tentarei absorvê-lo por completo na língua, como um plasma vital mas oculto); escrita desigual que ora quase se torna rebuscada, ora flui, como vier, veio, cuidando apenas do efeito imediato; um repertório documental (expressões populares, canções) que quase atinge o folclore... (CALVINO, 2004, p. 10).

Dessa forma, no romance, Calvino reúne, além de suas experiências de partigiano, a experiência linguística observável no uso de formas italianas regionais e populares numa contínua busca de equilíbrio entre tendências coloquiais e sugestões literárias, na tentativa de dirimir as diferenças sociais provocadas pelo afastamento entre língua-dialeto e intelectual-povo (MENGALDO, 2001). Para Guarnieri (s/d, p. 4), o uso do dialeto e da fraseologia similares à língua falada marginalmente acentua a dimensão realística do romance, contudo era necessário cautela quanto a algumas expressões ligadas àquele momento específico:

Assim, em "A trilha", Calvino faz pouco uso do dialeto em expressões limitadas que estariam em harmonia com o momento histórico dos protagonistas. Além disso, ele transcreve os termos dialetais em itálico, o

que adiciona um elemento de isolamento gráfico no contexto do romance¹⁴⁷.

É importante destacar que o neorrealismo não possuía uma estética fundamentada, não foi elaborada por tratados nem anunciada por meio de manifestos, ela é resultado de experiências individuais e coletivas de um movimento histórico e da tradição oral, conforme Calvino:

Durante a guerra *partigiana* as histórias que acabávamos de viver se transformavam e se transfiguravam em histórias contadas à noite ao redor da fogueira, já adquiriam um estilo, uma linguagem, um humor um tanto fanfarrão, uma busca de efeitos angustiantes ou truculentos. Alguns dos meus contos, algumas páginas deste romance, têm na origem essa tradição oral recém-nascida, nos fatos, na linguagem (CALVINO, 2004, p. 6).

Para Calvino, o neorrealismo “foi um conjunto de vozes, em boa parte periféricas, uma descoberta múltipla das diversas Itália, também – ou especialmente – das Itália até então mais inéditas para a literatura¹⁴⁸” (CALVINO, 2004, p. 7). Assim, o período é a denominação de uma nova maneira de narrar o contexto italiano pós Segunda Guerra e Resistência, ou seja, “é um modo de organizar-se da experiência histórico-social de um momento da coletividade italiana; daqui sua função de signo em uma tipologia da cultura italiana pós-bélica” (CORTI, 1978, p.31). Se tratava de comunicar, no texto literário, aquela “voz anônima”, aquela corralidade nacional da qual faziam parte o intelectual e o povo, saídos daquela experiência coletiva, nacional, que tinha sido a guerra:

Isso nos toca hoje, especialmente: a voz anônima da época, mais forte que nossas inflexões individuais ainda incertas. Ter saído de uma experiência – guerra, guerra civil – que não poupava ninguém, estabelecia uma comunicação imediata entre o escritor e seu público: estávamos frente a frente, em pé de igualdade, cheios de histórias para contar, cada qual tivera a sua, cada qual vivera vidas irregulares dramáticas aventureiras, roubávamos as palavras uns da boca dos outros (CALVINO, 2004, p. 5-6).

¹⁴⁷ Così, in "Il Sentiero", Calvino fa scarso uso del dialetto in espressioni limitate che sarebbero in armonia con il momento storico dei protagonisti. Inoltre, egli trascrive i termini dialettali in corsivo, il che aggiunge un elemento di isolamento grafico nel contesto del romanzo”

¹⁴⁸ “Fu un insieme di voci, in gran parte periferiche, una molteplice scoperta delle diverse Italia, anche – o specialmente – delle Italia fino allora più inedite per la letteratura”.

3.2 ITALO CALVINO, *PARTIGIANO*

A atuação do jovem Italo Calvino Giovanni Mameli (1923-1985) nos dois últimos anos da Segunda Guerra como garibaldino provocou uma viravolta em sua vida já que “antes de me juntar aos *partigiani*, tinha sido um jovem burguês que sempre vivera em família” (CALVINO, 2004, p. 19). Em meados de 1943, apenas começada a luta partigiana, Italo Calvino deixa a faculdade de Agronomia (era a formação do seu pai), aos 20 anos, e junto ao irmão Floriano, dois anos mais novo que ele, parte para as montanhas da Ligúria para integrar as Brigadas Garibaldi e, em meio às brutalidades da guerra, vive uma experiência nova que lhe causa grande impacto (MARTINO, 2012). De forma repentina, Calvino passou de um antifascista tranqüilo, que se opunha ao culto da força guerreira – tinha crescido numa família de orientação antifascista – ao posto de *partigiano*, no centro das lutas, das armas e da violência. Para ele, o início de sua participação, quando se viu pegando em armas, foi um trauma, contudo obteve uma experiência fundamental que o legitimou a realizar o seu romance da resistência, publicado pela primeira vez em 1947, quando tinha ainda 23 anos: *A trilha dos ninhos de aranha*, que é o *corpus* deste estudo.

Segundo Martino (2012), Calvino ainda não tinha completado 22 anos no dia da Liberação e, como tantas outras pessoas, ter sobrevivido à guerra lhe trouxe grandes mudanças: abandonara a faculdade de Agronomia e se inscrevera no curso de Letras em Turim, para onde tinha acabado de se transferir. Na mesma época, começou a escrever para revistas e quotidianos como *A voz da democracia*¹⁴⁹ (do CLN), *Unità*¹⁵⁰ (de Turim) e *O Politécnico*¹⁵¹ (de Vittorini). Em 1946, conheceu Cesare Pavese e Natália Ginzburg na casa editora Einaudi, com os quais se afina o trabalho intelectual e a militância literária, envolvendo-se na atividade editorial por meio de Giulio Einaudi. O comprometimento ético do autor com a afirmação de uma nova cultura italiana advinda da democracia recém conquistada foi completado pela militância na casa editora, que visava “promover uma

¹⁴⁹ “*La voce della democrazia*”.

¹⁵⁰ “*Unità*”.

¹⁵¹ “*Il Politecnico*”.

autônoma linha editorial, afirmando uma visão própria sobre a cultura e a arte” ¹⁵² (MARTINO, 2012, p. 5).

Ainda nesse tempo, Pavese e Giansiro Ferrata (jornalista da *Unità* de Milão) o encarajavam a escrever um romance sobre a experiência partigiana, dada a importância do testemunho daqueles que viveram de perto aquele momento histórico e, ainda no centro das lutas - agora ideológica – com a ferramenta que tinham em mãos (MARTINO, 2012). Para Calvino (2014, p. 11) “escrever o romance da Resistência colocava-se como um imperativo”, pois a experiência que narraria, marcada pela imposição de um contexto histórico, seria “multiplicada pela experiência dos outros” (CALVINO, 2004, p. 20). O fato de ser sobrevivente de um evento traumático ao mesmo tempo em que favorecia o sentimento de culpa criava a responsabilidade de zelar pela memória daqueles que perderam suas vidas (FERRAZ, 2012).

O fim da guerra era, na verdade, o começo de uma luta ideológica já travada nos últimos anos do conflito, de exercício de reflexão, de rememoração dos fatos acontecidos para que, alcançado o seu entendimento, não se repetissem. Na verdade, era necessária uma tomada de consciência do acontecimento histórico que tinham acabado de viver, já que muitos italianos não sabiam da sua dimensão e viam o fenômeno da Resistência apenas sob a ótica do que lhes tinha acontecido e às suas famílias. Dessa forma, para o jovem partigiano, era necessário dizer o quanto a luta de cada homem, cada mulher, cada jovem, ancião ou criança foi válida para a libertação da Itália (CALVINO, 2004).

Assim, após alguns meses de intenso exercício de rememoração e escrita, o romance da Resistência é publicado em 1947ano em que Calvino se forma em Letras com uma tese sobre Joseph Conrad¹⁵³: *A trilha dos ninhos de aranha*. A obra foi editada pela Einaudi, no mesmo ano em que vinham à luz *As cartas do cárcere*, de Antonio Gramsci. Trata-se de uma narrativa que condensa experiências do cotidiano vividas por grande parte da população italiana durante a Segunda Guerra Mundial. Marco importante da estética literária neorrealista, a narrativa é protagonizada por integrantes das camadas populares e

¹⁵² “*promuovere un'autonoma linea editoriale, affermando una propria visione della cultura e dell'arte*”.

¹⁵³ Joseph Conrad é filho de pais poloneses e seu nome de registro é Józef Teodor Konrad Nalecz Korzeniowski. Depois de ter feito carreira na marinha e alcançado o cargo de capitão-de-longo-curso e a cidadania britânica abandona a profissão e inicia sua carreira literária e, faz de suas experiências material para sua produção literária. Dentre os dezessete romances do autor *Lord Jim*, de 1900, *Nostromo*, de 1904, *The secret agent* (*O agente secreto*), de 1907, e *Under western eyes* (*Sob os olhos do ocidente*), de 1911 são os principais.

da classe trabalhadora, apresentando os muitos anseios por mudanças de uma difícil realidade política e social que a guerra só vinha a piorar.¹⁵⁴

Organizada em doze capítulos e com quase duzentas páginas, o romance do partigiano Calvino rapidamente conquistou visibilidade e sucesso no panorama literário devido ao fato de narrar um assunto comum entre intelectuais e povo, então em constante debate: a guerra, a revolução (MARTINO, 2012). Na apresentação editorial Pavese, que era sempre o primeiro a ler seus escritos, alcunha-o de “esquilo da caneta”¹⁵⁵ e afirma:

Estimulado por uma matéria espessa e opaca, caótica e trágica, ardente e total – a guerra civil, a vida partigiana, vivida por ele no limiar da adolescência –, Italo Calvino resolveu o problema ao transfigurá-la fazendo-a descer a uma história de forma fabular e aventureira, daquele modo aventureiro que se dá como experiência fantástica de todos os rapazes¹⁵⁶ (RIBATTI, 2009, p. 25-26 *apud* MARTINO, 2012, p.7).

Na reedição de 1964, o prefácio de *A trilha dos ninhos de aranha* traz importantes reflexões do autor acerca do romance. Decorridos dezessete anos da primeira publicação, Calvino possuía uma idéia renovada sobre literatura e o fazer literário advinda do seu percurso de escritor, editor, ensaísta, intelectual. A época coincide “com o primeiro balanço de uma profunda reflexão teórica¹⁵⁷” (MARTINO, 2012, p. 5) ocorrida logo após a publicação dos três volumes das *Fábulas italianas*¹⁵⁸. Assim como a Itália já não era mais aquela mesma da paisagem do romance – devastada pela guerra – Calvino também já não era mais aquele jovem partigiano recém-chegado das lutas travadas nas montanhas de Ligure, tomado pela euforia das experiências vivenciadas, da urgência em compreendê-las e da angústia em expressá-las: “a carga explosiva de liberdade que animava o jovem escritor estava não tanto em sua vontade de documentar ou informar quanto na de expressar” (CALVINO, 2004, p.7).

Segundo Ferraz (2012), em *O caminho de San Giovanni* (2000), Calvino reconhece o seu despreparo político e a falta de experiência de vida antes da sua atuação partigiana e

¹⁵⁴ No Brasil, o romance foi traduzido por Roberta Barni e publicado pela Companhia das Letras em 2004, 57 anos após a primeira publicação na Itália. A versão brasileira, que utilizamos neste estudo, é realizada a partir da segunda edição, de 1964.

¹⁵⁵ “scoiattolo della penna”.

¹⁵⁶ “Stimolato da una materia spessa e opaca, caotica e tragica, passionale e totale – la guerra civile, la vita partigiana, da lui vissuta sulla soglia dell’adolescenza –, Italo Calvino ha risolto il problema di trasfigurarla e farne racconto calandola in una forma fiabesca e avventurosa, di quell’avventuroso che si dà come esperienza fantastica di tutti i ragazzi”.

¹⁵⁷ “con il primo bilancio di un’approfondita riflessione teorica”.

¹⁵⁸ “Fiabe italiane”.

expõe suas dificuldades em narrar os fatos que trouxeram mudanças e favoreceram seu amadurecimento político e intelectual naqueles primeiros anos de liberação:

Sempre me foi difícil contar em primeira pessoa minhas recordações da guerra partigiana. Poderia fazê-lo segundo várias chaves narrativas, todas igualmente verídicas – desde reevocar a comoção dos afetos em jogo, dos riscos, das ansiedades, decisões, mortes, até, ao contrário, apostar na narração herói-cômica das incertezas, dos erros, dos contratemplos, das desventuras com que topava um jovem burguês, politicamente despreparado, falto de toda experiência de vida e que até então vivera com a família (CALVINO, 2000a, p. 10 *apud* FERRAZ, 2012, p. 55).

No prefácio à segunda edição o já experiente escritor e editor Calvino – depois de ter exercitado diversos estilos - reflete sobre a escrita do Calvino partigiano que lutara na Resistência no frio das montanhas, ao lado de “caríssimos companheiros com quem, por meses e meses, dividira a marmita de castanhas e o risco de morte” (CALVINO, 2004, p. 14). Naquele tempo, o autor preocupava-se, assim como muitos de seus companheiros do pós-guerra, em definir o que fora a guerra partigiana. De fato, a questão era decisiva na vida intelectual do jovem escritor:

Ser *partigiano* supõe para Calvino uma importante mudança pessoal. A trágica experiência vivida determinará sua mudança de postura passando de uma atitude pessoal tímida e introvertida a outra decididamente ativa e comprometida. Ao mesmo tempo, como todo *partigiano*, aprenderá que a dificuldade deve ser superada arriscando-se, tomando-a como um desafio. Desafio que atuará como motor no processo de criação literária [...] e onde cada nova proposta tem sido um pretexto para responder a um desafio (MONTORO, s.d., p. 30 *apud* FERRAZ, 2012, p. 51).

O desafio de narrar o romance da Resistência, que compreendesse as diversas histórias dos partigianos era também uma questão de justiça, já que “os *gap* de Milão haviam tido logo seu romance¹⁵⁹, sequência de rápidos impulsos pelo mapa concêntrico da cidade” (CALVINO, 2004, p. 11). Segundo Calvino, o seu romance começou, então, pela paisagem, desde a cidade em que vivera, San Remo, até os Alpes lígures – percurso realizado pelo próprio autor na sua trilha partigiana:

começava pelos becos da Cidade Velha, seguia o curso das torrentes, evitava os campos geométricos dos cravos, preferia as “faixas” de vinhas e de oliveiras com os velhos muros desconjuntados de pedra solta, avançava pelas trilhas de mulas subindo pelos morros de pragais, até

¹⁵⁹ Calvino refere-se ao romance *Uomini e no*, de Elio Vittorini, publicado em junho de 1945.

onde começam os bosques de pinheiros, depois os castanheiros, e assim tinha passado do mar – sempre visto do alto, uma faixa contida entre dois bastidores de verde – aos vales tortuosos dos Pré-Alpes lígures (CALVINO, 2004, p. 8-9).

Contudo, a paisagem precisava “se tornar secundária a algo mais: a pessoas, a histórias” (CALVINO, 2004, p. 9), assim, “a Resistência representou a fusão entre paisagem e pessoas” (CALVINO, 2004, p. 9). Na tentativa de representar sua própria história em primeira pessoa, Calvino não obteve êxito: “movia-me pouco à vontade; nunca conseguia abrandar totalmente as vibrações sentimentais e moralistas; [...] eu era cheio de complexos, de inibições diante de tudo o que me era mais caro” (CALVINO, 2004, p. 19). Por isso, ao narrar em terceira pessoa, consegue fazer do personagem seu representante:

A inferioridade de Pin como criança diante do mundo incompreensível dos adultos corresponde à que eu sentia na mesma situação, como burguês. E o descaramento de Pin, em virtude da sua tão gabada proveniência do mundo do crime, que o faz sentir-se cúmplice e quase superior a todo “fora-da-lei”, corresponde ao jeito “intelectual” de estar à altura da situação, de nunca se espantar, de se defender das emoções... Assim, dada essa chave de transposições – mas foi só uma chave a posteriori, que fique bem claro, a qual me serviu mais tarde para explicar a mim mesmo o que eu havia escrito –, a história em que meu ponto de vista pessoal era banido voltava a ser a *minha história*... (CALVINO, 2004, p. 20).

A partir do personagem Pin, seu elemento de observação direta da realidade, Calvino situa histórias humanas nas paisagens da Resistência:

eu derramava minha experiência ainda fresca, uma multidão de vozes e rostos (deformava os rostos, dilacerava as pessoas como sempre faz quem escreve – de modo que a realidade vira argila, instrumento – e sabe que só assim pode escrever e, no entanto, sente remorso...), um rio de discussões e de leituras que se entrelaçavam com aquela experiência (CALVINO, 2004, p. 15).

A paisagem é o cenário cotidiano no qual se dão as histórias de pessoas que se lançaram na luta sem um motivo claro, são *partigiani* “em que ninguém é herói, ninguém tem consciência de classe” (CALVINO, 2004, p. 14) nem tão pouco há “herói positivo” como a direção política tentava direcionar a atividade literária.

A configuração dos personagens é fator decisivo no romance neorrealista que pretende expor as reais condições políticas e sociais de vários setores da nação italiana, que lutavam pela libertação do fascismo e da dominação alemã. No imediato pós-guerra, a

escrita de Calvino, além de prestar um tributo aos partigianos, é parte da dupla polêmica que procurava combater, simultaneamente aos que difamavam os ideais da Resistência e aos que – mais ligados à “cultura de esquerda” - proclamavam-na como prática heroica. Por isso, procurou representar a figura humana por meio de “traços exacerbados e grotescos, caretas contorcidas, obscuros dramas visceral-coletivo (CALVINO, 2004, p. 10) numa “unidade formada por sujeitos um tanto tortos” (CALVINO, 2004, p. 13) transformada em “forças históricas ativas” (CALVINO, 2004, p. 13). Os personagens do romance criados a partir dessas deformações

projetam-se nos rostos que haviam sido de caros companheiros meus. Estudava como adulterá-los, torná-los irreconhecíveis, “negativos”, porque só a “negatividade” encontrava um sentido poético. E, ao mesmo tempo, sentia remorso, para com a realidade tão mais variada e quente e indefinível, para com as pessoas verdadeiras, que conhecia como tão mais ricas e melhores humanamente, um remorso que carregaria comigo durante anos... (CALVINO, 2004, p. 10-11).

Ainda no prefácio, Calvino (2004, p. 9) relembra que os critérios estéticos e os leitores eram outros: “hoje, que o paladar do leitor está acostumado a devorar alimentos bem mais ardentes” por isso concentra as reflexões teóricas no capítulo nove, por meio do personagem do comissário Kim e elabora o romance numa chave de abordagem “de representação imediata, objetiva, como linguagem e como imagem” (CALVINO, 2004, p. 10). Para ele, “analisar os temas de distanciamento corresponde mais ao nosso estado de espírito, ainda hoje” (CALVINO, 2004, p. 9). Para Ferraz (2012), o distanciamento do autor naquele momento de angústia e luto possibilitou a criação de um romance coletivo, coeso, sem fragmentações. Dessa coletividade, selecionaremos, nos próximos capítulos, alguns personagens representativos daquilo que foi a cultura e a experiência da resistência.

3.2 A RESISTÊNCIA VISTA PELOS OLHOS DE UM MENINO

O primeiro romance de Ítalo Calvino revela o esforço em reelaborar narrativamente, através da ficção literária, o que ele e seus companheiros viveram enquanto partigianos. A realidade expressa pela obra é a da experiência individual, mas também coletiva, uma vez que pessoas vindas de vários setores da sociedade italiana e com motivações diferentes uniam-se numa luta comum. No romance, Calvino evidencia o fato de não ter sido um exército de homens fortes e treinados a vencer a luta contra o nazi-

fascismo, mas pessoas comuns que, chamadas à necessidade, lançaram-se nessa luta popular, ainda que isso lhes custasse a vida. Dessa forma, os personagens são reflexos daqueles partigianos com quem o escritor, então jovem estudante, conviveu em meses de intensos combates, enfrentando as baixas temperaturas, a falta de salubridade, alimento e munição, movido pela esperança em dias melhores.

Ambientada entre os anos da Resistência (1943 – 1945), na Ligúria, norte da Itália, a trama de *A trilha dos ninhos de aranha* compreende os acontecimentos desencadeados na primavera de 1943, a partir da assinatura do Armistício. Nesse período, enquanto os Aliados ocupavam o sul, do qual iam se movimentando para o resto da península, no centro e o norte da Itália encontravam-se os alemães e as forças fiéis a Mussolini, que tentava reconstituir o seu regime com a criação da República de Salò.

O romance tem como protagonista uma criança, Pin, cujo percurso se dá em dois cenários que retratam o clima de tensão vivido pela Itália durante a Segunda Guerra Mundial: o da sociedade civil que convive com a ocupação alemã, e o da Resistência partigiana nos acampamentos das montanhas. Pin vive com a irmã na Cidade Velha, cujos habitantes enfrentavam grandes problemas econômicos – devido ao grande colapso na economia nacional, que estava voltada para a guerra. Por meio do deslocamento de Pin pelo cenário da narrativa, Calvino nos apresenta a cidade cheia de becos estreitos, as casas, construídas desordenadamente, tão próximas umas das outras que Pin consegue saber tudo o que acontece por ali ao passar embaixo das janelas, ouvir discussões e até se intrometer nelas. O acesso às casas, em meio às hortas e ao lixo é difícil até mesmo para os raios de sol, que penetram por uma pequena faixa de céu entre as casas:

Para chegar até o fundo do beco, os raios de sol têm de descer a prumo, rente às paredes frias, afastadas à força de arcadas que atravessam a faixa de céu azul intenso.

Descem a prumo, os raios de sol, deslizando pelas janelas colocadas aqui e acolá, desordenadamente, pelos muros, e tufo de manjerição e orégano plantados em painéis nos parapeitos, e combinações penduradas em cordas; descem até a pavimentação, feita de seixos em degraus, com uma valeta no meio para a urina dos mulos (CALVINO, 2004, p. 29).

A casa de Pin não é diferente das casas que estão empastadas morro acima: “para morar, mais que um quarto, Pin tem um quartinho de despejo, uma casinha de cachorro do outro lado de uma divisória de madeira, com uma janela que mais parece uma fenda, estreita e alta que é, e profunda na inclinação do muro da velha casa. Do outro lado há o

quarto da sua irmã” (CALVINO, 2004, p. 40-41) desorganizado e malcheiroso, ao qual Pin tem acesso apenas por uma fresta na divisória, e pela qual espia tudo o que acontece lá dentro: “a explicação de todas as coisas do mundo está lá, atrás daquela divisória” (CALVINO, 2004, p.41), no quarto em que a irmã, Rina, se prostitui.

Pin também não frequenta a escola, não brinca com os meninos de sua idade porque os pais não deixam, acham que ele sabe de coisas demais para um menino com sua idade:

As mães têm razão: Pin só sabe contar histórias de homens e mulheres na cama e de homens assassinados ou trancafiados na prisão, histórias que os adultos lhe ensinaram, espécies de fábulas que os adultos contam uns para os outros e que até seria bom ficar ouvindo se Pin não as intercalasse de zombarias e de coisas que vai adivinhar o que querem dizer (CALVINO, 2004, p. 35).

Além da proibição das mães, as próprias crianças não gostam de Pin, pois ele é amigo dos adultos e entende as coisas que eles dizem, mas zomba dos garotos que, por não entenderem dos assuntos dos mais velhos, lhe pedem explicações. Contudo,

às vezes Pin gostaria de andar com os garotos da sua idade, pedir que o deixem brincar de cara-ou-coroa, e que lhe mostrem o caminho para um subterrâneo que chega até a praça do Mercado. Mas os garotos o deixam de lado, e a certa altura começam a bater nele; porque Pin tem dois braços bem fininhos e é o mais fraco de todos (CALVINO, 2004, p.35).

O abandono sofrido por Pin tanto no âmbito familiar quanto no social, faz dele uma criança colocada à margem do mundo das outras crianças e então “a Pin só resta refugiar-se no mundo dos adultos, dos adultos que também lhe dão as costas” (CALVINO, 2004, p. 35). Alheio à infância, da qual conhece somente os aspectos brutais, o mundo dos adultos parece ser mais acessível ao menino, que tenta valentemente ser aceito pelos homens, como se pode perceber pelo seu esforço em fumar, tragando aquela “fumaça ainda áspera e amarga para sua garganta de criança, mas da qual é preciso entupir até os olhos lacrimejarem e tossir com raiva, sabe-se lá por que” (CALVINO, 2004, p. 31). Ou ainda quando bebe o vinho que lhes oferecem os adultos, vinho do qual não gosta porque

raspa a garganta e arre pia a pele e dá na gente uma gana de rir, de gritar, de ser mau. Ainda assim bebe, manda copos de uma só vez, assim como engole fumaça, assim como à noite espia enojado a irmã na cama com homens nus, e vê-la é como uma carícia áspera por baixo da pele, um gosto amargo, como todas as coisas dos homens; fumo, vinho, mulheres (CALVINO, 2004, p. 32).

Os homens que prestam atenção a Pin, rindo dele e de suas piadas, são os que se reúnem na taberna, que ele também frequenta, como se fosse um adulto, e é naqueles momentos em que bebe, fuma e canta como gente grande, que aprende muitas das coisas impróprias que diz. A taberna é um local enfumaçado, cinzento, sujo e com um balcão de metal onde bebem umas velhas alcoólatras e os mesmos homens de sempre. Dessa forma, os adultos da taberna com quem convive não são capazes de auxiliá-lo de alguma forma já que continuam por lá “o dia inteiro, há anos, de cotovelos na mesa e queixo apoiado nos punhos, olhando as moscas na toalha de oleado e a mancha arroxeadada no fundo dos copos” (CALVINO, 2004, p. 31).

Apesar de os adultos não lhe inspirarem confiança, Pin aproveita para conseguir cigarros e alguma bebida e, ainda, um pouco de atenção, já que sempre arruma um jeito de humilhá-los, por meio de suas brincadeiras maldosas: “Os outros riem às gargalhadas e lhe dão tapinhas e lhe encham o copo. Pin não gosta de vinho: raspa a garganta e arrepia a pele e dá na gente uma gana de rir, de gritar, de ser mau” (CALVINO, 2004, p.32). Contudo, os homens da taberna também conseguem aborrecê-lo ao perguntarem sobre Rina, sua irmã: “- O que há, diz Miscèl, o Francês. – Sua irmã baixou os preços?” (CALVINO, 2004, p. 31).

A relação de Pin com a irmã não é a das melhores. Abandonada pelo pai e órfã de mãe, coube a ela cuidar do irmão, mas, ainda menina, nunca teve zelo com as coisas da casa nem com ele. Agora que já era grande o suficiente para se cuidar sozinho e circular livremente pelos becos da cidade, precisava lidar com as pessoas que incomodavam fazendo chacota sobre a sua irmã: “- Cafetão... cafetão... – o povo diz para Pin das janelas...” (CALVINO, 2004, p. 31). Pin responde aos insultos zombando e lançando aos quatro cantos as coisas que sabe sobre essas pessoas: “Olá, Carolina, ainda bem aquela vez, não é? É, aquela vez! Ainda bem que seu marido não olhou debaixo da cama” (CALVINO, 20014, p.30). Ademais, justifica que não é responsável pelos atos da irmã, assim como ela não é pelos dele: “eu e minha irmã não sabemos nada um da vida do outro e o alcoviteiro, vocês que façam esse papel, se lhes apetecer” (CALVINO, 2004, p. 36). De fato, Rina tinha se envolvido com um marinheiro alemão que, por causa dos problemas da guerra, tinha sido enviado para lá e, por sentir falta da mulher e das crianças, apegou-se à Rina.

Na taberna, a condição de Rina é também motivo para os homens rirem e abusarem de Pin. Além das conversas relacionadas à irmã, os homens dizem ao menino muitas coisas

do universo dos adultos como brigas, mortes, prisões e lhe oferecem bebidas e cigarros, como se ele também fosse um adulto, quando, na verdade, ele busca refúgio por não ser aceito entre as crianças. Já no primeiro capítulo, é também na taberna que o clima de instabilidade política na Cidade Velha torna-se perceptível através das conversas de Miscèl, o Francês; Gian, o motorista e Girafa, fregueses costumeiros. Quando Pin sai do beco e chega na taberna, com suas brincadeiras de sempre, percebe que, diferente de como sempre os encontrava, os homens estavam sentados em círculo, de costas para a entrada, virados para o balcão junto com outro homem que ele não conhecia. De fato, os homens não respondem às brincadeiras de Pin, mas viram-se para ele, um a um, e passam a insultá-lo, acusando-o de envolvimento com os alemães:

Pin percebe que o clima está diferente; uma razão a mais para seguir em frente de mãos no bolso e dizer:

- Puta vida! A cara que o alemão fez, vocês tinham de ver.

Os homens não respondem com as tiradas de sempre. Voltam-se devagar, um por um. Miscèl Francês primeiro o encara como se nunca o tivesse visto, depois diz, vagaroso:

- Você é um porco imundo de um alcoviteiro.

O enxame de vespas na cara de Pin tem um sobressalto logo abrandado, depois Pin fala calmo, mas com olhos pequeninos:

- Depois vão me contar por quê.

O Girafa vira ligeiramente o pescoço em sua direção e diz:

- Vá embora, a gente não quer ter nada a ver com quem tem treta com alemães.

- Vai ver – diz Gian, o Motorista – que vão virar figurões do fascismo, você e sua irmã, com as relações que têm (CALVINO, 2004, p. 36).

Pin tem certeza de que o tom da conversa tinha mudado: em vez de chacotas e do desprezo pela condição de prostituta da sua irmã acusavam-no de ter “treta com os alemães” por causa do envolvimento de Rina com o marinheiro alemão. Na narrativa, a palavra “fascismo” aparece pela primeira vez, iniciando o percurso do menino na trama da guerra e da Resistência.

Pin se defende das acusações: “- Depois vão me explicar o que isso tudo significa – diz. – Eu nunca tive nada a ver com fascismo, nem com os *balilla*, e minha irmã anda com quem lhe dá na telha mas não incomoda ninguém” (CALVINO, 2004, p. 36). Pin é esperto, sabe que a acusação é por causa de Frick, o marinheiro alemão com quem a irmã se relaciona em troca de comida, dinheiro e cigarro e explica:

minha irmã anda com os alemães não por ter alguma coisa a ver com eles, mas porque ela é internacional como a Cruz Vermelha, e assim como anda com eles, depois vai andar com os ingleses, com os negros, e com

qualquer puto que vier depois [...] tudo o que eu fiz com o alemão foi filar dele uma porção de cigarros, e em troca lhe preguei umas peças como a de hoje, mas agora vocês já me encheram o saco e eu não vou ficar aqui contando (CALVINO, 2004, p. 37).

A presença da Resistência se faz sensível porque Miscèl, o Francês, projeta a derrota futura do fascismo e de todos os que com ele colaboraram: “Quando chegar o dia da virada, você me entende?, nós vamos fazer sua irmã andar por aí de cabeça raspada e nua feito uma galinha depenada... E para você.... para você vamos aprontar uma que você nem consegue imaginar” (CALVINO, 2004, p.36-37) e emenda: “um dia desses vamos ver você encontrar seu alemão num bueiro” (CALVINO, 2004, p.37). Pin fracassa em seus argumentos diante daqueles homens, que ficam pensando no que podem querer dele. Então, Miscèl, o Francês, pede que Pin roube a arma de Frick, o marinheiro alemão, mas Pin se faz de bobo e insiste nas brincadeiras. Um dos homens ameaça-o afirmando que não estavam brincando, e apresenta a Pin o imperativo de escolher um dos lados daquela luta: o alemão, junto com Rina, ou o da resistência:

- Ouça - diz o Girafa -, a gente não está de brincadeira, não. Se quiser ser um dos nossos, agora já sabe o que tem de fazer, caso contrário....
- Caso contrário?
- Caso contrário... Você sabe o que é um *gap*?”(CALVINO, 2004, p.38).

Ao escutar a palavra *gap*, Pin, sem o saber, é tragado pelo movimento da resistência: ele ainda não sabe que lado escolher, mas é iniciado nos mistérios das lutas políticas dos adultos: “Para Pin, as palavras novas sempre têm uma aura de mistério, como se aludissem a algum fato obscuro e proibido. Um *gap*? O que será um *gap*?” (CALVINO, 2004, p. 38).

O clima de mistério promovido pela presença daquele homem desconhecido que falava baixo e o tom da conversa dos homens tornou-se ainda mais secreto para Pin quando ele ouve a palavra *gap*, pois não sabia o que poderia significar. Na verdade, os homens usam a palavra com o intuito de assustá-lo, depois de terem feito várias acusações, pois sabiam que o menino não teria condições de saber da existência de um grupo de combate que era tão secreto e restrito que nem mesmo seus integrantes se conheciam. Pin compreende que era um segredo mantido somente entre os adultos, mas, escolhe roubar a arma do alemão – como eles tinham pedido - para provar que era confiável e para não ficar de fora de vez:

Pin fica de fora disso tudo. Agora vai embora sem dizer nada, e daquela história da pistola é melhor não falar mais, era coisa sem importância, talvez os homens já a tenham esquecido.

Mas mal Pin chega à porta, o Francês levanta a cabeça e diz:

- Pin, então, quanto àquele negócio, estamos combinados.

Pin gostaria de recomeçar a bancar o bobo, mas de repente se sente uma criança no meio dos adultos e fica com a mão no umbral da porta.

- Caso contrário, melhor você nunca mais aparecer - diz o Francês (CALVINO, 2004, p.38-39).

Pin retorna para o beco pensando sobre os mistérios das vidas dos homens, mas principalmente na palavra *gap* que tinha acabado de ouvir. Mesmo sem entender que os homens da taberna agora faziam parte de um grupo e estavam envolvidos com os problemas da guerra, ele entendia que a mudança repentina naqueles homens e a intimação a roubar a arma tinha a ver com a presença daquele homem que ele nunca tinha encontrado antes na taberna. Sem saber exatamente o que são os *gap*, Pin ignora algum aspecto importante do mundo dos adultos, que pela primeira vez não se compõe somente de fumo, bebida e mulheres. Todavia, é já um iniciado, escutou a palavra *gap* e, mesmo sem saber seu significado exato, foi informado sobre algo que as outras crianças ignoram totalmente:

Passa um garoto de óculos e meias compridas: Battistino.

- Battistino, você sabe o que é um *gap*?

Battistino pestaneja, curioso:

- Não, me diga, o que é?

Pin começa a gargalhar:

- Vá perguntar para sua mãe o que é um *gap*! Diga: mãe, me dá um *gap* de presente? Diz isso a ela: vai ver que ela explica!

Battistino vai embora todo sentido (CALVINO, 2004, p. 39)

O personagem de Frick, o marinheiro alemão com quem Rina se envolveu, revela outro problema enfrentado pelos moradores do norte: a presença dos invasores. Entretanto, também mostra o lado da guerra que afeta a vida das pessoas comuns que, repentinamente, veem o curso de suas vidas mudarem por uma força maior, que lhes foge ao controle. Longe de sua cidade, Hamburgo, Frick preocupa-se com a mulher e os filhos, pois sabe que a cidade está sofrendo ataques a bombas diariamente “e todo dia ele esperava notícias da sua mulher, das suas crianças. Tinha um temperamento afetivo, o alemão, um temperamento de gente do Sul transplantado para um homem do mar do Norte (CALVINO, 2004, p. 33-34). É importante destacar que a narrativa é uma história que foca também o povo quando retrata o inimigo: Rina não está envolvida com um oficial do alto escalão, mas com um marinheiro, um homem do povo alemão, alguém que não tem nenhum poder de decisão sobre o curso da guerra, e que sofre, como outros homens e mulheres do povo, as tragédias e misérias que ela traz consigo. Dessa forma, o personagem de Frick é apresentado pelo adjetivo pátrio – alemão – e não pela ideologia política que

regia seu país de origem – nazista – e, além da descrição de seus trejeitos e da maneira como se veste, suas preocupações com os problemas da guerra e com as pessoas o humaniza.

Além do temperamento do alemão, a aparência dele não condiz com aquela do soldado nazista a que estamos acostumados: Frick é gordo e tira todos os pelos do rosto, “é ridículo visto por trás, com aquelas duas fitas pretas descendo da boina de marinheiro até a bunda, que a jaqueta curta deixa descoberta, uma bunda carnuda, de mulher, com uma grande pistola alemã grudada nela” (CALVINO, 2004, p.31). O marinheiro alemão, na verdade, também sofre com o problema da guerra, pois “enchera a casa de filhos, e agora, arrastado para longe pela guerra, procurava aliviar sua carga de calor humano apegando-se a prostitutas dos países ocupados” (p. 33-34) é por isso que costuma visitar Rina com certa regularidade: a cada dois dias.

Pin aproveita essa oportunidade para invadir o quarto da irmã e roubar a arma de Frick e, ao fazê-lo, toma um partido naquela luta, embora sem nenhuma consciência crítica acerca do que está acontecendo. O percurso de Pin, movido por essa inexperiência, assemelha-se assim ao de grande parte dos partigianos que entraram para a resistência sem uma verdadeira consciência política:

A hora é esta: Pin deveria entrar no quarto, descalço e de quatro e puxar o cinturão da cadeira sem fazer barulho: tudo isso não para fazer uma brincadeira e depois rir e zombar, mas para alguma coisa séria e misteriosa, dita pelos homens da taberna, com um reflexo opaco no branco dos olhos. No entanto, Pin gostaria de ser sempre amigos dos adultos, e que os adultos sempre brincassem com ele e o fizessem sentir íntimo. Pin adora os adultos, adora provocá-los, os adultos fortes e tolos, dos quais conhece todos os segredos, também adora o alemão, e agora este será um fato irreparável; talvez não poderá mais brincar com o alemão, depois disso; e também com os companheiros da taberna vai ser diferente, vai haver alguma coisa que o ligará a eles, da qual não se poderá rir e sobre a qual não se poderão dizer coisas obscenas, e eles olharão para ele sempre com aquela linha reta entre as sobrancelhas e lhe pedirão, em voz baixa, coisas cada vez mais estranhas (CALVINO, 2004, p. 41-42).

De posse da pistola, no caminho para a taberna Pin fantasia algumas maneiras em que poderia usar aquela arma, apontando-a inclusive para a própria cabeça. O contraste entre a fantasia do menino e a gravidade da ação e do instrumento que carrega nas mãos é visível na transformação da pistola em brinquedo mortal, numa construção narrativa de grande tensão:

no fim decide empunhá-la, mas cuida de não colocar os dedos debaixo do gatilho, segurando bem firme a coronha; ainda assim é possível empunhar direito e apontá-la para o que quisermos. Pin antes aponta para o tubo da goteira, à queima-roupa na chapa, depois para um dedo, um dedo seu, e faz cara feroz puxando a cabeça para trás e dizendo entre os dentes: “A bolsa ou a vida” [...] Mas a certa altura Pin não resiste mais à tentação e aponta a pistola para a própria testa: é uma coisa de dar tonturas. Para a frente, até tocar a pele e sentir o frio do metal. Até poderia passar o dedo pelo gatilho, agora: não, melhor apertar a boca do cano contra a face até machucar o osso, e sentir o aro do metal vazio por dentro, de onde nascem os disparos. Afastando a arma da testa, de chofre, talvez o repuxo de ar faça explodir um tiro: não, não explode. Agora se pode colocar o cano na boca e sentir o sabor debaixo da língua. Depois, o mais amedrontador de tudo, levá-lo aos olhos e olhar para dentro, no cano escuro que parece fundo como um poço” (CALVINO, 2004, p. 44-45).

Depois de ter brincado com a pistola, explorando todas as suas possibilidades, Pin decide que pode entregá-la aos homens da taverna, ansioso para mostrar a sua coragem e capacidade e, com isso, poder fazer parte de um grupo. Só que o homem misterioso tinha desaparecido e, no lugar, reuniam-se os homens de sempre, que recebem Pin com indiferença. Do diálogo travado com o menino, percebe-se a situação de ambiguidade da população civil em relação à Resistência:

- E aquele homem? – pergunta.
- Quem?
- Aquele homem sentado ali, antes?
- Ah – dizem os outros, e balançam a cabeça. Depois recomeçam a confabular entre si.
- Eu – diz o Francês aos outros – com esses sujeitos do comitê não me comprometeria muito. Não estou a fim de entrar bem pela bela cara deles.
- Bem, diz Gian, o Motorista. – Nós fizemos o quê? Dissemos: vamos ver. Para começar é bom ter uma ligação com eles sem nos comprometermos, e ganhar tempo. E depois com os alemães eu tenho uma conta para acertar desde que estávamos juntos no front, e se tiver de lutar, luto com prazer.
- Bem – diz Miscèl. – Olha que com os alemães não se brinca e nunca se sabe como vai acabar. O comitê quer que sejamos do *gap*, muito bem, nós faremos um *gap* por nossa conta (CALVINO, 2004, p. 46-47).

Pin fica decepcionado com a atitude daqueles adultos que queriam a arma apenas para mostrar que estavam fazendo alguma coisa e, para isso, o usaram:

Pin não escuta mais nada: agora tem certeza de que não dará a pistola para eles; está com os olhos marejados de lágrimas e uma raiva lhe aperta as gengivas. Os adultos são uma raça ambígua e traidora, não têm aquela seriedade terrível nas brincadeiras, própria dos garotos, e, no entanto, também têm lá suas brincadeiras, cada vez mais sérias, uma brincadeira dentro da outra, e nunca se consegue entender qual é a verdadeira. Antes

parecia que estavam brincando com o homem desconhecido contra o alemão, agora sozinhos contra o homem desconhecido, nunca dá para confiar no que dizem (CALVINO, 2004, p. 47).

O menino fica ainda mais frustrado ao ver seu esforço desmerecido e sua capacidade subestimada quando Girafa lhe diz que ele precisava pensar na pistola do alemão e o adverte: “- Trate de não perdê-la de vista, se ficar ao seu alcance...” (CALVINO, 2004, p. 47). Por isso, Pin decide não entregar a arma aos homens da taberna e prefere guardá-la, como tesouro precioso, no esconderijo conhecido somente por ele, e que fica situado ao longo de uma trilha, num bosque, onde as aranhas fazem ninho:

É um atalho pedregoso que desce para a torrente entre duas paredes de terra e grama. Ali, em meio à grama, as aranhas fazem suas tocas, uns túneis forrados de cimento de grama seca; mas o mais maravilhoso é que as tocas têm uma portinha, também feita daquela massa seca de grama, uma portinha redonda que pode ser aberta e fechada (p.49).

Essa portinha parece fazer, na narrativa, o ponto de contato entre o universo real e o fantástico, que se tocam, aqui, deixando clara a imensidão dessa criança que se embrenha na luta dos homens grandes. A trilha dos ninhos de aranhas é um local de refúgio para Pin, é um lugar fantástico, irreal, imaginário que contrasta com a dura realidade do cotidiano popular daquela cidade ocupada naqueles últimos anos da Segunda Guerra e da Resistência. No entanto, esse mergulho dentro da fantasia infantil é apresentado como se fosse real, um lugar físico para onde se pode fugir: “Quando aprontou alguma feia e de tanto rir seu peito se encheu de uma tristeza opaca, Pin vagueia sozinho pelas trilhas do fosso e procura o lugar onde as aranhas fazem sua toca” (CALVINO, 2004, p.49).

Após ter manuseado bastante a arma e até disparado um tiro, Pin esconde-a com o coldre e retorna para casa apenas com o cinturão. No beco os alemães vêm em sua direção, veem o cinturão, o pegam pela nuca e o levam embora. Subindo com eles pelo beco, Pin percebe a presença de patrulhas alemãs e fascistas armadas e que outras pessoas também foram detidas, entre elas está Miscèl, o Francês. No alto do beco está Frick, o marinheiro alemão, observando a captura de Pin.

Pin tenta uma porção de coisas para que os soldados o soltem: ora, lamenta, insulta, mas os alemães não o compreendem e se mantêm firmes e o levam para a prisão, onde nunca estivera antes. Na verdade já tinha fugido uma vez que o tentaram levar para os menores infratores, também já tinha sido apanhado algumas vezes pelos guardas

municipais por causa das frutas que rouba na feira, “mas ele enlouquece todo o corpo da guarda de tanto gritar e chorar até que o deixam ir” (CALVINO, 2004, p. 33). Dessa vez, Pin percebe que os alemães são piores que os guardas municipais e não interessa o que faça, não o deixarão ir embora: “mas os alemães não entendem o que dizemos, os fascistas são pessoas desconhecidas, gente que nem sabe quem é a irmã de Pin” (CALVINO, 2004, p. 53).

Na manhã seguinte, ainda no comando alemão, Pin é o primeiro a ser interrogado:

Diante dele estão um oficial alemão com cara de criança e um intérprete fascista de barbicha. Depois, num canto, o marinheiro e, sentada, a irmã de Pin. Todos estão com cara aborrecida: ao que parece o marinheiro, por uma pistola roubada, deve ter armado toda uma história, talvez para que não o acusem de ter deixado que a roubassem, e deve ter contado muitas coisas falsas (CALVINO, 2004, p. 53).

Enquanto é interrogado, Pin tem vontade de delatar os homens da taverna, mas sabe que ser alcagüete é tão grave quanto roubar a pistola, e significaria ser excluído definitivamente da vida da taberna. E também não queria que o Comitê acabasse sofrendo com a delação, já que ele era “a única pessoa boa de todos eles” (p. 54), e pensava que seria bom se

o Comitê chegasse, enrolado em sua capa de chuva, entrasse na sala de interrogatórios e dissesse: “Fui eu quem lhe disse para pegar a pistola”. Esse seria um belo gesto, digno dele, e nem lhe aconteceria nada, porque bem na hora em que os SS ameaçassem prendê-lo se ouviria, como no cinema: “Os nossos estão chegando”!, e os homens de Comitê entrariam correndo para libertar todo mundo (CALVINO, 2004, p. 55).

Mentindo, Pin diz que ninguém o mandou roubar a pistola, afirmando que a roubou para atirar nos gatos e que a escondeu na toca das aranhas. A resposta dos oficiais são chicotadas na face com o cinturão do oficial, que o fazem sentir “como se uma revoadada de agulhas se fincasse em suas sardas, e o sangue lhe escorrer pela face já inchada” (CALVINO, 2004, p.55). Na sua busca desesperada por amigos, Pin chega a fantasiar um acordo com os oficiais, imaginando que “seria bom explicar para esses sujeitos onde as aranhas fazem ninho, e que eles se interessam e fossem com ele, que lhes mostraria todos os lugares” (CALVINO, 2004, p.56). Mas em vez disso, chora profusamente, e os soldados decidem parar o interrogatório e as chicotadas e continuar outro dia num outro lugar porque “Pin faz tamanho escarcéu que dá para ouvir por todo canto, os oficiais das outras

salas começam a ficar aborrecidos, no comando alemão sempre tem um vaivém de gente para autorizações e abastecimentos, não é bom que todos ouçam que ali batem até em crianças” (CALVINO, 2004, p. 56). Enquanto Pin é encaminhado para a prisão, Miscèl sai livremente e explica: “Alistei-me na brigada negra. Explicaram-me as vantagens, o salário que se recebe. Depois, sabe com é, nas buscas você pode andar pelas casas e revistar onde quiser. Amanhã vão me vestir e me armar. Cuide-se, Pin” (CALVINO, 2004, p. 57). Pin também pensa na possibilidade de alistar-se, ansioso por encontrar um grupo pelo qual possa ser aceito:

No fundo, Pin também gostaria de estar na brigada negra, andar por aí todo coberto de caveiras e pentes de metralhadora, meter medo nas pessoas e ficar no meio dos velhos como se fosse um deles, ligado a eles por aquela barreira de ódio que os separa dos outros homens. Talvez, pensando bem, resolva entrar para a brigada negra, ao menos poderá recuperar a pistola e talvez possa ficar com ela e usá-la abertamente sobre a farda; e também poderá se vingar do oficial alemão e do graduado fascista aprontando com eles, para se desferrar com risadas de tanto choro e grito (CALVINO, 2004, p. 58-59).

A prisão fica no meio de um parque de araucárias: é um casarão estranho, confiscado dos ingleses,

com muitas torres e terraços, e chaminés que giram ao vento, e grades que já estavam ali antes, além das que foram acrescentadas. Agora os ambientes viraram celas, estranhas celas com piso de madeira e linóleo, com grandes chaminés de mármore muradas, e lavatórios e bidês tampados com trapos. Nas torrinhas ficam as sentinelas armadas, e nos terraços os presos fazem fila para o rancho, e se espalham um pouco (CALVINO, 2004, p. 59).

A prisão, para Pin, é uma novidade, mas não um segredo como o *gap*. O menino já tinha ouvido falar bastante sobre a prisão e sabia de várias coisas sobre ela por causa das histórias que os adultos lhe contavam, sabia de pessoas que tinham sido presas, como Pietromagro, seu patrão e os homens da taberna. Ele sabe que não é um lugar bom e que entristece as pessoas quando falam dela, porque via isso nos homens na taberna quando pediam para que ele cantasse: “os homens escutam em silêncio, de olhos baixos, como se fosse um hino de igreja. Todos já estiveram na cadeia: quem nunca esteve na cadeia não é homem” (CALVINO, 2004, p. 32). Assim, apesar de ainda ser uma criança, a passagem pela prisão mostrava que aqueles homens, os fascistas e os nazistas, não eram como os guardas municipais que o soltavam quando ele começava a chorar, para eles não fazia

diferença se Pin fosse adulto ou criança: realizar buscas, capturar e levar para a prisão era bastante comum naqueles tempos de regime.

Por ter chegado à prisão na hora do almoço, o menino é logo colocado na fila com uma tigela na mão em meio aos demais detentos, delinquentes, traficantes e pessoas que não tinham respondido à convocação. Entretanto, naquela prisão eram comuns os presos políticos, isto é, todos aqueles que eram contra a ideologia do regime e que eram facilmente identificados devido às lesões no rosto e aos ossos quebrados nos interrogatórios: Pin é um preso político. Essa é a explicação que ele dá a Pietromagro, seu antigo patrão, ao encontrá-lo na cela. Pietromagro, o sapateiro, já esteve na prisão muitas outras vezes, sem ter feito nada. Agora, preso novamente, anda com dificuldade, está doente, magro, desidratado, com a pele amarelada e precisando de cuidados médicos, mesmo assim, os soldados não o levam para a enfermaria.

Apesar das brigas e safanões que tinha recebido do patrão, Pin fica feliz ao revê-lo e emocionado com sua condição, auxilia-o catando os seus piolhos, enquanto Pietromagro, sentado numa camada de palha num canto da cela, dá alguns conselhos:

Claro, se você é político, a conversa é outra. Veja, seu eu soubesse disso, quando moço também teria me metido com os políticos. Porque cometer crimes comuns não resolve nada e quem rouba pouco vai para a cadeia e quem rouba muito tem mansões e prédios. Se seu crime for político, você vai parar na cadeia como por um crime comum, qualquer um que fizer seja lá o que for vai parar na cadeia, mas pelo menos dá para ter a esperança de que em dia o mundo será melhor, sem prisões. Quem me garantiu isso foi um político que estava na cadeia comigo muitos anos atrás, um sujeito de barba preta, que acabou morrendo ali. Porque eu conheci criminosos comuns, conheci traficantes, conheci sonegadores, conheci toda espécie de homem: mas corajosos como os políticos não conheci (CALVINO, 2004, p.67).

O sapateiro, sentindo a iminência de sua morte na prisão, faz um alerta: “Pin, o código penal está errado. Ali está escrito tudo o que a gente não pode fazer na vida: roubo, homicídio, receptação, apropriação indébita, mas não está escrito o que a gente pode fazer, em lugar de fazer todas essas coisas, quando se encontra em certas condições”. E pede Pin para jurar: “Juro que por toda a minha vida lutarei para que não existam mais prisões e para que o código penal seja refeito” (CALVINO, 2004, p. 68). Apesar de Pietromagro não acreditar mais que ainda pudesse sair dali com vida, tem esperança de que a sociedade poderá ter um novo rumo e, por isso, naquele momento o pedido dele é para que Pin lute

pelos direitos humanos e contra os destemperos do regime nazifascista. O menino jura e diz que vai se lembrar disso.

Todavia, a prisão para Pin parece um quadro mágico em meio às sombras das araucárias: “Até parece mentira que está ali, falando com alguém que talvez seja fuzilado amanhã, naquele terraço cheio de homens que comem agachados no chão, entre chaminés que giram ao vento e os guardas carcerários nas torrinhas com as metralhadoras apontadas” (CALVINO, 2004, p. 65). Enquanto conversavam na cela, chega Lobo Vermelho, que tinha conhecido um pouco antes, na fila do almoço: um adolescente partidário, que luta por objetivos democráticos e tem o nome bastante conhecido.

Lobo Vermelho, com dezesseis anos, já trabalhou como mecânico na Todt e sabe muita coisa sobre a situação política, descobre que, apesar de Pin ser um preso político, não está num *gap* e não sabe o que é comitê – Pin pensava que comitê era o homem desconhecido que estava na taberna no dia em que Miscèl pediu para que ele roubasse a arma – por isso decide ajudá-lo: arquiteta o plano que lhes possibilita fugir da prisão, desvencilharem-se da perseguição dos soldados e alcançar a liberdade do cárcere:

Lobo Vermelho conhece todos os lugares e agora guia Pin pelo parque abandonado, tomado por trepadeiras silvestres e por ervas espinhosas. Da torrinha disparam tiros de fuzil contra eles, mas o parque é todo sebes e coníferas e podem prosseguir acobertados. [...] Têm um movimento de medo, e de pronto se jogam no chão: diante deles abre-se o chão nu da colina, e toda a volta, grandíssimo e calmo, o mar (CALVINO, 2004, p. 73).

Após a fuga, Lobo Vermelho deixa Pin escondido e, por estar desarmado, sai sozinho para fazer o reconhecimento do local e promete voltar para buscá-lo. Lobo Vermelho não volta e Pin se vê sozinho no mundo novamente, por isso decide que precisa sair dali e retornar para a Cidade Velha. Antes, passa pela trilha onde as aranhas fazem seus ninhos, confere a pistola no esconderijo, deixa-a no mesmo lugar e, por não saber o que fazer, começa a caminhar por uma trilha, naquela escuridão e

concentra todos os seus pensamentos no esforço de se equilibrar: assim acredita rechaçar as lágrimas que já lhe pesam no arco das órbitas. Mas o pranto já o alcança, e anuvia as pupilas e encharca os toldos das pálpebras; antes chuveja silencioso, depois cai numa enxurrada com um martelar de soluços que sobem pela garganta (CALVINO, 2004, p.81).

Enquanto chorava e caminhava sem rumo, Pin encontra Primo, um partigiano patrulheiro, que sai à noite para matar os inimigos. Primo é o primeiro retrato de partigiano das montanhas, dos bosques: “é grandalhão, vestido à paisana e armado de metralhadora, com uma capa enrolada à tiracolo” (CALVINO, 2004, p. 81). Na narrativa, Primo é um retrato popular do verdadeiro partigiano, oriundo das classes populares, do centro das lutas sociais e, diferente dos homens da taberna, Primo é corajoso, se lança na luta partigiana e sai no encalço de seus inimigos para matá-los. O partigiano Primo é o tipo de homem com o qual o estudante Calvino se depara, e no confronto dos quais experimenta um sentimento de inferioridade que o faz sentir criança. Por isso, como ele mesmo declara, escolhe uma criança para narrar a sua história da resistência:

Enquanto o garoto caminha assim, chorando, uma grande sombra de homem surge ao seu encontro no beudo. Pin pára; o homem também pára.

- Quem vem lá? – diz o homem.

Pin não sabe o que responder, tem lágrimas prementes, e torna a cair num pranto total, desesperado.

O homem se aproxima: é grandalhão, vestido à paisana e armado de metralhadora, com uma capa enrolada a tiracolo.

- Diga lá, por que está chorando? – diz.

Pin olha para ele: é um homenzarrão com a cara achatada feito um mascarão de chafariz: tem uns bigodes caídos e poucos dentes na boca (CALVINO, 2004, p. 81).

Contudo, Pin não tem medo de Primo. Pin não tem medo de quem mata gente, porque a morte, o assassinato, por ouvir tantas história de adultos em meio à guerra, já fazem parte do seu cotidiano:

Pin não tem medo porque sabe que existe quem mata as pessoas e mesmo assim é boa gente: Lobo Vermelho sempre fala em matar e, no entanto, é boa gente, o pintor que morava na frente da sua casa matou a mulher, mas era boa gente, Miscèl Francês agora também mataria gente e sempre seria Miscèl Francês (CALVINO, 2004, p. 81).

Depois do pranto desesperado, Pin explica sua história desde o roubo da arma, a prisão, a fuga com Lobo Vermelho e pede para Primo levá-lo para o acampamento. O partigiano oferece-lhe um pedaço de pão e, tomando-o pela mão seguem juntos em direção ao acampamento: “agora estão andando por um campo de oliveiras. Pin morde o pão: uma ou outra lágrima ainda lhe escorre pelas faces e ele engole junto com o pão mastigado. O homem pegou-o pela mão: é uma mão grandíssima, quente e macia, parece feita de pão” (CALVINO, 2004, p. 82). A cena de Primo, que guia Pin pela mão é bastante simbólica:

pela primeira vez Pin encontra um homem adulto que não é um homem ruim, ao contrário dos outros que conhecia, é um adulto que o guia e o protege, como devem fazer os adultos com as crianças. Pin, pela primeira vez, não finge que é adulto. É uma criança resgatada por um adulto bom, por um partigiano que lhe oferece pão, em vez de bebidas e cigarros, que lhe oferece a mão por guia, em vez de sopapos, que o leva consigo, em vez de enxotá-lo e que mata os invasores.

O acampamento dos partigianos fica no meio do bosque, “é uma casinhola de pedra, de dois andares, o andar de baixo para os bichos, com o chão de terra batida; e o de cima feito de ramos, para os pastores dormirem” (CALVINO, 2004, p.98) agora ocupada pelo destacamento de Esperto. Desde os tempos em que ainda viva pelos becos da Cidade Velha onde morava com a irmã, Pin já sentia uma vontade de pertencer a um grupo, de fazer parte de algo e deixar de ser tão livre e desgarrado: “Por vezes fazer uma brincadeira maldosa deixa um gosto amargo na boca, e Pin se vê sozinho a vagar pelos becos, e todos lhe gritam impropérios e o enxotam. É quando dá vontade de andar por aí com um bando de companheiros...” (CALVINO, 2004, p. 34). Agora, no acampamento, Pin espera a chegada dos partigianos que voltam do combate:

Pin sempre desejou ver os *partigiani*. Agora está de boca aberta no meio da clareira diante da casa e mal consegue fixar a atenção num deles, que logo vão chegando mais dois ou três, todos diferentes e carregados de armas e fitas de metralhadora.

Podem parecer também soldados, uma companhia de soldados que se perdeu durante uma guerra de muitos anos atrás, e ficou vagando pelas florestas, sem encontrar o caminho de volta, de farda rasgada, sapatos arrebentados, cabelos e barbas desgrenhados, e armas que agora só servem para matar os animais silvestres.

Estão cansados e empastados por uma crosta de suor e poeira. Pin esperava que chegassem cantando; mas, ao contrário, estão calados e sérios, e se jogam na palha em silêncio (CALVINO, 2004, p. 94).

Pin percebe que os partigianos são diferentes, eles não têm uniformes e aparência alinhada como os nazistas e não andam fazendo algazarras como os homens da Brigada Negra, de Mussolini. Eles têm “os rostos magros comidos pela barba, os cabelos caídos nas faces; vestem roupas desconjuntadas, cujas cores tendem a um cinzento-gorduroso: casacas de bombeiros, de milícia, de alemães com os graus arrancados” (CALVINO, 2004, p. 128). Aos poucos, Pin fica sabendo que todos aqueles partigianos, o comissário Kim (estudante), o comandante Ferriera (operário), Canhoto, Carabinieri, Giacinto, Zena e todos os outros são “gente que chegou ali por caminhos diferentes, muitos são desertores das forças

fascistas ou feitos prisioneiros e absolvidos, muitos ainda garotos, impelidos por um ímpeto teimoso, com apenas uma indistinta vontade de ser contra alguma coisa” (CALVINO, 2004, p. 128). Por isso, os homens do acampamento enchem Pin de admiração mais do que os outros homens. Além disso, falam dos inimigos como se estivessem apaixonados: segurando as armas nas mãos, seus olhos brilham e a barba treme enquanto os dedos acariciam a mira da espingarda.

Pin vê naqueles homens um sentimento grandioso de quem luta pela liberdade e que também o inunda, que o faz sentir parte daquele bando, apesar de não saber explicar os motivos da guerra:

“De vez em quando sobre as montanhas passam os aviões e podemos ficar olhando sua barriga sem fugir para os abrigos subterrâneos, como na cidade. Depois se ouve o som lúgubre das bombas sendo lançadas, ao longe, em direção ao mar, e os homens pensam em suas casas talvez já em ruínas e dizem que a guerra nunca vai acabar e que não dá para entender quem a quis” (CALVINO, 2004, p. 124-125).

Dessa forma, os partigianos são homens comuns que deixaram sua vida cotidiana para trás e agora lutam por uma causa maior, por um sonho, pela liberdade. Ainda que para isso necessitem suportar o frio e a fome das montanhas e, em seus raros momentos de descanso, sonhem um sonho ainda mais simples e urgente:

Os sonhos dos *partigiani* são raros e curtos, sonhos nascidos das noites de fome, ligados à história da comida, sempre pouca e a ser dividida entre tantos: sonhos com pedaços de pão mordiscados e depois trancados numa gaveta. Os vira-latas devem ter sonhos parecidos, com ossos ruídos e escondidos debaixo da terra. Só quando o estômago está cheio, o fogo aceso, e não andamos muito durante o dia, podemos nos dar ao luxo de sonhar com uma mulher pelada, e acordamos de manhã desimpedidos e espumosos, com uma alegria de âncoras levantadas (CALVINO, 2004, p. 109).

Depois de um tempo no acampamento, Pin já conseguira apelidar os companheiros e inventar brincadeiras maldosas para implicar com eles. Além disso, como fazia no beco e na taberna, canta para alegrar aqueles homens, embora tenha sido por causa de uma dessas músicas que o menino tenha se separado do bando. Ele estava escondido junto aos *partigiani* num alojamento que teria sido uma estrebaria, aguardando o cair da noite para o deslocamento do bando, sob a ordem: “não se pode cantar ou levantar fumaça para comer” (CALVINO, 2004, p.169). Reiterando que estavam numa zona perigosa, Esperto, o chefe do destacamento, pede que façam silêncio. Contudo Giglia, esposa do cozinheiro Canhoto,

pede que Pin entoe uma canção que ele sabe cantar bem, mas por não saber dizer qual música, indica o ritmo oili, oilá.

Mesmo não conhecendo nenhuma música nesse ritmo, Pin improvisa: “- Oili, oilá o marido vai à guerra, [...] oili, oilá, a mulher em casa está” (CALVINO, 2004, p. 174) e, nesse ritmo, continua a criar frases cheias de provocações para os colegas *partigiani*. Entre uma tirada e outra, Esperto pede para que Pin se cale, mas como ele não obedece torce-lhe os braços e lhe tapa a boca com a mão. O menino defende-se, mordendo-lhe os dedos, depois explode em choros, foge, e se vê sozinho e perdido no mundo novamente:

Pin está sentado no cume da montanha, sozinho: rochas peludas de arbustos descem a pique a seus pés, e vales se abrem, até lá embaixo, no fundo, onde escorrem rios negros. Longas nuvens sobem pelas vertentes e apagam as aldeias esparramadas e as árvores. Aconteceu um fato irremediável, agora: como quando roubou a pistola do marinheiro, como quando abandonou os homens da taberna, como quando fugiu da prisão. Não vai poder mais voltar com os homens do destacamento, nunca poderá lutar ao lado deles (CALVINO, 2004, p.177).

Naquele ponto em que Pin se afasta dos partigianos encontra-se já na fronteira e, por isso, logo se depara com um bloqueio de soldados alemães. O menino mais uma vez usa sua esperteza e, fingindo estar procurando uma ovelha que fugiu, se lamenta, chora e, sem que percebam o embuste, passa pelo bloqueio dos alemães:

Os alemães riem: entenderam. Com aquela cabeleira e assim encapotado, Pin até poderia ser um pequeno pastor.
- Perdi uma ovelha – choraminga -, passou por aqui, com certeza. Para onde ela foi? – E Pin penetra e passa para o outro lado, chamando: - Béééé... Béééé... – Dessa também me safei (CALVINO, 2004, p.179).

Pin segue até a torrente, sobe pela trilha e penetra naquele lugar mágico que só ele conhece. Ao procurar sua arma, percebe que não está mais lá e que o esconderijo foi remexido por alguém. Nesse momento lembra-se de Pele, um garoto que também esteve com ele no acampamento dos partigianos e que foi embora depois de um desentendimento com o Esperto. Pele adorava armas e mulheres e de vez em quando descia até a cidade e voltava cheio de armas e também sabia dizer sobre as prostitutas da cidade, principalmente sobre Rina, a irmã de Pin e, por isso, Pin até pensou que ele pudesse ser seu amigo. Pin também se lembrou que quando disse a Pele que ninguém poderia encontrar sua arma porque só ele conhecia a toca das aranhas. Lembrou-se de que o garoto tinha respondido

que também conhecia o lugar e entendeu que foi Pele quem roubou a sua arma, aquela P.38 roubada do marinheiro alemão.

De volta a casa, Pin encontra Rina e percebe que por ali as coisas mudaram: o alemão foi mandado para o Atlântico, Rina agora mora num hotel e está sendo muito bem tratada pelos alemães e até o aconselha: “- Escuta, Pin, você deveria tratar de pôr a cabeça no lugar. Escute: no lugar onde eu trabalho precisam de garotos espertos como você, e eles passam muito bem. Não tem que trabalhar: só andar por aí dia e noite e ver o que as pessoas estão fazendo” (CALVINO, 2004, p. 181). Nessa conversa com Rina Pin também descobre que Pele não poderia ser seu amigo, pois era um traidor: quando saiu do acampamento, juntou-se à Brigada Negra, encontrou sua arma e deu-a de presente para Rina. Enfurecido, Pin pega a arma de Rina e caminha de volta para a torrente, como da primeira que vez em que roubou a arma e a escondeu lá.

Novamente Pin chora e se sente sozinho. Contudo, está naquele lugar mágico, “onde a cada vez tem lugar um feitiço. E também a pistola é mágica, é como uma vara de condão” (CALVINO, 2004, p. 182-183), e reencontra Primo. E como Pin enxergasse em Primo “um grande mago, com a metralhadora e o gorrinho de lã” (CALVINO, 2004, p. 183) mostra-lhe sua arma e seus lugares enfeitiçados, onde as aranhas fazem seus ninhos e, juntos, analisam os estragos que Pele, o fascista, fez nas portinhas dos túneis. Observam que uma portinha, que abre e fecha, ainda inteira e, com o efeito da luz de um fósforo na boca do túnel, observam-lhe a profundidade. Essa única portinha inteira representava para Pin a esperança de ter de volta aquele seu lugar mágico, onde as aranhas fazem seus ninhos. Por isso, pergunta a primo se ele achava que as aranhas construiriam os ninhos novamente e o partigiano responde que achava que sim, mas que elas precisariam de paz para isso.

Primo pergunta-lhe, depois, a propósito de Rina. A alegria de ter encontrado Primo novamente e saber que ele se interessa pelos ninhos de aranha é transformada naquele seu sorriso de escárnio, que ele costuma apresentar quando fala em assuntos de adultos. Apesar de tentar compreender os adultos, Pin fica decepcionado com a atitude do homem já que, para ele, contrastava com a amizade que tinham, com o interesse pelos ninhos de aranha:

Pensando bem teria sido melhor se Primo não tivesse tido aquela idéia, e tivessem ficado olhando os ninhos juntos mais um pouco, e depois o Primo tivesse feito aqueles seus discursos contra as mulheres, que Pin entendia muito bem e aprovava. Mas Primo é como todos os outros adultos, não há nada a fazer (CALVINO, 2004, p. 185).

Pin ensina o caminho e o argumento para fazê-lo chegar até a irmã “Não lhe diga quem você é, nem que eu o mandei para lá. Diga que trabalha na Todt, que está aqui de passagem” e alerta “com ela, aliás, tome cuidado” (CALVINO, 2004, p.184). Primo vai, retorna rápido e diz ao menino que sentiu nojo e não fez nada. Contudo, é provável que ele tenha matado Rina: no início da narrativa, Miscèl já teria afirmado este fim para a irmã de Pin, pois era uma traidora, informante dos alemães e tinha sugerido a Pin que ele também o fosse. Além disso, Primo insiste em levar uma arma quando iria ao encontro de Rina e, enquanto esperava por ele na trilha, Pin ouve barulhos de disparos vindos da Cidade Velha pouco antes do rápido retorno do partigiano. É possível que Primo tivesse ido até lá somente com a missão de matá-la, já que ele só saía do bando à noite para matar alguém e, no primeiro encontro com Pin já tinha revelado certa aversão às mulheres, quando afirmou que eram elas as culpadas pela guerra: “Naturalmente. No início de todas as histórias que terminam mal sempre tem uma mulher, não tem como errar. Você é jovem, aprenda o que vou lhe dizer: a guerra é tudo por culpa das mulheres...” (CALVINO, 2004, p. 83).

Com isso, Pin acredita ter estabelecido com Primo uma amizade verdadeira que tanto buscava: “Pin está bem contente. É mesmo o Grande Amigo, o Primo” (CALVINO, 2004, p.186). Primo, para ele, não tem mesmo mais nenhum indício de que não podem ser amigos, suas qualidades, que Pin tanto admira, permite-lhes uma união sincera e duradoura. Como no primeiro encontro, o partigiano oferece - lhe a mão, num gesto paterno para o menino e juntos, saem andando pelos campos de mãos dadas: “e continuam andando, o homenzarrão e o menino, na noite, no meio dos pirilampos, de mãos dadas” (CALVINO, 2004, p.186).

3.2.1 Ecos de resistência e liberdade na voz de um menino: as canções entoadas por Pin

As ações do menino Pin na narrativa da Resistência contribuem fortemente para a construção e progressão do romance como forma e também como conteúdo já que ele, mesmo sem conhecer bem o assunto, é quem passeia por todos os cenários, adicionando personagens à trama. Por isso, apesar de não ser o narrador do romance, Pin é um personagem que fala bastante, aliás, fala, canta e grita.

De certa forma, Pin é um menino livre: não se submete às ideologias da escola fascista porque não frequenta a escola; não obedece a seus pais, porque não os tem e a irmã não lhe dá atenção; não trabalha com regularidade já que seu patrão vive mais preso do que

em liberdade, assim, vai onde quer, faz o que quer e diz o que lhe vem à cabeça para implicar com as crianças de sua idade e para desconsertar os adultos, principalmente aqueles homens que vivem na taberna que ele também frequenta. É essa liberdade já quase transformada em rebeldia que encoraja Pin a cantar seja para expressar seus sentimentos ou para incomodar quem estivesse por perto. Já na primeira página do romance, Calvino nos apresenta essa característica de Pin:

Basta um grito de Pin, um grito para começar uma canção, de nariz para o alto na soleira da oficina, ou um grito lançado antes que a mão do Pietromagro, o sapateiro, tenha baixado sem mais, para lhe dar uns safanões, e dos parapeitos brota um eco de chamamentos e insultos.
- Pin! Vai começar tão cedo o tormento? Cante uma para a gente, Pin! Pin, pobrezinho, o que estão aprontando com você? Pin, sua fuça de macaco! Que sua voz se seque na garganta, de uma vez por todas! Você e aquele ladrão de galinhas do seu patrão! Você e aquele colchão da sua irmã! (CALVINO, 2004, p. 29).

O menino bebe vinho com os homens da taberna e, a pedido deles, canta “*As quatro estações*” enquanto eles ouvem em silêncio aquela antiga canção de presidiários:

Mas quando penso no porvir
De minha liberdade perdida
Quisera beijá-la e depois morrer
Enquanto ela dorme...sem saber...

Adoro à noite escutar
O grito da sentinela.
Adoro a lua que ao passar
Ilumina minha cela (CALVINO, 2004, p. 32)

Após cantar, cheio de sentimento, aquelas canções sobre prisões e também aquelas “que contam casos de sangue; a que diz “Volte, Caserio...” e a de Peppino que mata o tenente”, Pin trata de alegrá-los cantando obscenidades. Então os homens se alegram, marcam o ritmo com as mãos e dão murros no balcão gritando “hiarru”. E Pin, com o sangue na cabeça e uma raiva que o faz ranger os dentes, esgoela-se na canção, dando tudo de si”:

- E toquei nos seus cabelos, e ela disse não, não esses, mais abaixo são mais belos, meu amor, se quer me amar, mais embaixo vai ter de tocar.
- E toquei seu narizinho, e ela disse seu tolinho, desce mais, pro jardimzinho.
- Meu amor, se quer me amar, mais embaixo vai ter de tocar (CALVINO, 2004, p. 33).

Ao ser apanhado por um soldado fascista e levado preso ele sente vontade de entrar para a Brigada Negra a fim de evitar a prisão, a violência dos interrogatórios e conseguir ser respeitado e poder entoar livremente “uma canção das brigadas negras que diz: E nós, partidários de Mussolini, somos chamados de canalhas... e depois tem umas palavras obscenas: as brigadas negras podem cantar canções obscenas pelas ruas porque são canalhas de Mussolini, isso é maravilhoso” (CALVINO, 2004, p. 59). Nessa passagem, podemos observar a opressão do regime por meio da música: a censura para os antifascistas e a falta dela para os apoiadores de Mussolini.

A chegada, a permanência e a saída de Pin do acampamento são marcadas pela presença da música. Quando ele chega com Primo ao acampamento e são recebidos por Canhoto: “– Olá, olá, Primo! Hoje é dia de música” (CALVINO, 2004, p. 86), o cozinheiro avisava, na verdade, que era dia de combate, já que após cada combate os *partigiani* entoavam *Bandiera rossa*. Nas noites que se seguiram à chegada de Pin, ele cantava a plenos pulmões, como quando estava na taberna do beco da Cidade Velha, onde morava, para os homens se reuniam ao redor da fogueira. Agora, a música de Pin não era mais para implicância com os vizinhos nem para divertimento dos homens da taberna. A sua voz adquirira o tom de encorajamento à luta, pois as canções que entoava eram para aqueles homens que

não sabem pensar em outra coisa, como os apaixonados, e quando dizem certas palavras a barba deles treme, e os olhos brilham, e os dedos acariciam a mira das espingardas. A Pin não pedem que cante canções de amor, ou cançõezinhas para rir: querem seus cantos cheios de sangue e tormentas, ou então as canções de prisões e de crimes, que só ele conhece, ou então até canções muito obscenas que para cantá-las é preciso gritar com ódio. Claro, eles enchem Pin de admiração mais do que todos os outros homens: sabem histórias de caminhões cheios de gente esmigalhada e histórias de espões que morrem nus dentro de valas na terra (CALVINO, 2004, p. 99).

Após uma noite de silêncio e luto pela morte de um companheiro calabrês, as brincadeiras de Pin principiam o retorno da alegria ao acampamento e, enquanto cozinham, “Pin coloca-se a postos, de queixo erguido, empertigado” (CALVINO, 2004, p. 114) e canta uma canção misteriosa que aprendeu no beco com uma senhora, a canção trata do clima de traição política e o horror da guerra experimentado por grande parte da população italiana:

Quem bate à minha porta, quem bate ao meu portão

Quem bate à minha porta, quem bate ao meu portão.
 Sou capitão dos mouros com toda a criadagem
 Sou capitão dos mouros com toda a criadagem.
 Por piedade, digei-me, ó Godea, onde está vosso filho
 Por piedade, digei-me, ó Godea, onde está vosso filho.
 Meu filho foi para a guerra, não pode mais voltar
 Meu filho foi para a guerra, não pode mais voltar
 Que o pão que ele come o possa sufocar
 Que o pão que ele come o possa sufocar.
 E a água que ele bebe o possa afogar
 E a água que ele bebe o possa afogar.
 Que a terra que ele pisa possa se afundar
 Que a terra que ele pisa possa se afundar.
 Que digeis, minha Godea, vosso filho sou eu
 Que digeis, minha Godea, vosso filho sou eu.
 Perdoe-me, meu filho, se falei mal de ti
 Perdoe-me, meu filho, se falei mal de ti
 E puxou sua espada e a cabeça lhe cortou
 E puxou sua espada e a cabeça lhe cortou.
 A cabeça soltou e para a sala rolou
 A cabeça soltou e para a sala rolou.
 No meio daquela sala nascerá uma bela flor
 No meio daquela sala nascerá uma bela flor
 A flor de uma mãe assassinada por seu filho
 A flor de uma mãe assassinada por seu filho (CALVINO, 2004, p. 114-118).

Além das músicas que Pin inventa para ser notado pelos adultos e para rebelar-se às imposições de silêncio, e daquelas que ele interpreta junto ao acampamento dos *partigiani* para inspirar-lhes na resistência, o autor documenta no romance o significado que adquiria a presença da música naquele período de desobediência civil marcada pelo domínio nazifascista e pelas grandes dificuldades enfrentadas por aqueles que, sem condições, lutavam pela libertação da Itália:

- Estão cantando! – exclama Pin. De fato, do fundo do vale chega o eco de um canto indistinto.
 - Estão cantando em alemão... – sussurra o cozinheiro.
 - Seu bobo! – grita a mulher. – Ficou surdo, é? Não está ouvindo que é “Bandiera rossa”
 - “Bandiera rossa”? – O homenzinho dá uma pirueta no ar, batendo palmas, e o falcão arrisca um vôo de asas cortadas sobre sua cabeça. – É. É “Bandiera rossa”!
 Toma impulso e desce correndo pelos barrancos, cantando “Bandiera rossa la trionferà...” até alcançar a borda de um precipício, de onde apura bem o ouvido.
 - É, é “Bandiera rossa”!
 Volta correndo, dando gritos de felicidade com o falcão planando, amarrado pela correntinha feito uma pipa. Beija a mulher, dá um cascudo em Pin e os três ficam de mãos dadas, cantando (CALVINO, 2004, p. 92).

*Bandiera rossa*¹⁶⁰ é o hino que representa o movimento *partigiano*, pois os *partigiani* habituaram-se a entoá-lo após o combate bem sucedido. Assim, comemoravam e anunciavam a vitória antes mesmo de chegarem a seus destacamentos. É importante destacar que a música servia de afronta aos nazi-fascistas que também tinham suas canções e queriam, a qualquer custo, calar os *partigianos*. Na passagem acima, pode-se observar o temor do cozinheiro ao pensar que estavam cantando em alemão: os *partigianos* poderiam ter perdido o combate e os alemães poderiam estar avançando em direção ao acampamento. Porém, quando tem certeza de que está ouvindo *Bandiera rossa* ele deixa de sussurrar e começa a gritar, sai do acampamento e vai mais para longe, de onde vem o som da canção, e depois dá gritos de felicidade e canta, de mãos dadas, com a mulher e Pin, representando a alegria e a certeza de vitória transmitidas pelo som da música da resistência.

A última canção que Pin entoa é ainda no acampamento dos *partigiani*. Na verdade ele está escondido junto aos *partigiani* num alojamento que teria sido uma estrebaria, aguardando o cair da noite para o deslocamento do bando, sob a ordem: “não se pode cantar ou levantar fumaça para comer: no fundo dos vales há lugares de espíões, com binóculos apontados e ouvidos atentos. Vão preparar a comida em turnos, numa cozinha militar com a chaminé que passa por baixo da terra e desafoga a fumaça bem longe dali” (CALVINO, 2004, p. 169). Reiterando que estavam numa zona perigosa, Esperto, o chefe do destacamento, pede que façam silêncio. Contudo Giglia, esposa do cozinheiro Canhoto, pede que Pin entoe uma canção que ele sabe cantar bem, mas por não saber dizer qual música, indica o ritmo oili, oilá.

Mesmo não conhecendo nenhuma música nesse ritmo, Pin improvisa: “- Oili, oilá o marido vai à guerra, [...] oili, oilá, a mulher em casa está” (CALVINO, 2004, p. 174) e, nesse ritmo, continua a criar frases cheias de provocações para os colegas *partigiani*. Entre uma tirada e outra, Esperto pede que Pin se cale, mas como ele não obedece torce-lhe os braços e lhe tapa a boca com a mão. O menino defende-se, mordendo-lhe os dedos, depois explode em choros e foge daquele posto que já era fronteira, consegue se sair bem ao ser interrogado num bloqueio pelos soldados alemães e, após um rápido reencontro com sua irmã Rina, em casa, sai novamente chorando pelas ruas sem destino e reencontra Primo, amigo o *partigiano*.

¹⁶⁰ Bandeira vermelha – hino dos *partigiani*.

Ao considerarmos o personagem infantil como elemento representativo da resistência, compreenderemos que suas atitudes podem representar o impasse entre população e *partigiani* no próprio fenômeno da Resistência Italiana: de início grande parte da população não apoiava os *partigiani* da Resistência devido à falta de consciência política provocada pelo vintênio de censuras e pela idéia de que o caos que enfrentavam teria sido gerado pelo enfrentamento dos *partigiani* ao regime fascista e à dominação nazista. Somente após a militarização e a conscientização política dos próprios bandos, da intensa propaganda de massa realizada pelo Partido Comunista e sucessivas vitórias a população – grande parte – passa a auxiliar as guerrilhas fornecendo alimento, esconderijo, informações e roupas (PELI, 2006).

3.4 ZENA: UM LEITOR EM MEIO À GUERRA

A revolução técnica, representada pela invenção da prensa móvel em 1450 em Mainz, Alemanha, por Gutenberg, trouxe grande impacto sobre os mecanismos de leitura, os hábitos e as práticas de leitura e ao mesmo tempo gerou uma profusão de novos suportes de leitura que até então não existia (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.22). Porém, por ser o livro um instrumento de poder (NOVINSKY, 2002) que promove o acesso ao conhecimento por meio da leitura, sua história perpassa situações que estão além da técnica. A história do livro e da leitura demanda a reflexão sobre o contexto histórico que regula os vários aspectos do comportamento social: política, economia, religião e cultura, uma vez que a história da leitura não é linear, mas passa por vários processos diacrônicos, intermediários e sincrônicos, que decorreram de diversos estágios de desenvolvimento (WITTMANN, 1998, p.140). Assim, observamos alguns aspectos ligados à leitura que marcaram profundamente a história política e social de várias comunidades, principalmente daquelas que estiveram submetidas à censura dos governos ditatoriais:

A censura é a mais forte arma que os regimes totalitários tem utilizado, desde a Antiguidade, para impedir a propagação de seus ideais que podem por em dúvida a organização do poder e seu direito sobre a sociedade [...] o controle do pensamento vigorou no mundo antigo, grego, romano, na Idade Média, mas foi no século XX que alcançou seu maior vigor (NOVINSKY, 2002, p. 25).

Em tais sociedades, além da censura, o acesso à cultura escrita é normalmente restrito a uma minoria letrada devido ao baixo poder aquisitivo da maioria, às altas taxas de

analfabetismo e, principalmente, à vontade política. Durante alguns períodos históricos, a alfabetização chegou a ser proibida aos escravos e à camada subalterna da sociedade como obstáculo à difusão das ideias consideradas perigosas para a autoridade católica e para os soberanos absolutos (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.25).

Com a ascensão da burguesia, a leitura ganhou função emancipadora e se tornou força social e produtiva, ampliou o horizonte moral e espiritual favorecendo o escape ao perigo da falta de orientação, que propiciou uma “nova identidade corporativa, tanto social quanto cultural” (WITTMANN, 1998, p. 138-144). Dessa forma, a busca pelo conhecimento tornou-se condição necessária, pois “era vital para a emancipação intelectual sobre a qual estaria fundamentada a ação política, além de suprir a informação e a disciplina necessárias para um auto-aperfeiçoamento moral e racional” (LYONS, 1998, p. 191-192).

Devido a isso, o século XIX foi marcado pelo crescimento da alfabetização, que favoreceu o surgimento de novas classes de leitores (mulheres, crianças, operários) e a diversidade nas práticas de leituras e, conseqüentemente, a dispersão dos modelos de leitura. Além da criação de várias bibliotecas públicas, a diversificação da produção impressa também contribuiu para aumentar o acesso à cultura escrita (CAVALLO; CHARTIER, 1998, p.36).

Em meados do século XIX, na maioria dos países desenvolvidos, a capacidade de ler se havia tornado comum, sendo a sua ausência considerada um demérito. Mas já no século XX, a censura ainda perseguia escritores e leitores, como na Alemanha nazista:

O principal foco da censura no século XX, porém, estava nos textos de cunho político. [...] A queima de mais de vinte mil livros em Berlim, em 10 de maio de 1933, apenas três meses depois de Adolf Hitler ter assumido o posto de primeiro-ministro do Reich alemão, foi algo marcante (FISCHER, 2006, p. 273).

A língua, a leitura e a escrita estão profundamente ligadas à história política da nação italiana. Segundo Irene Hatzopoulos (2011), anteriormente à Unificação Italiana, ocorrida em 1861, não havia uma língua oficial no país: o italiano era falado nos ambientes oficiais enquanto cada região falava um dialeto diferente. Dessa forma, grande parte dos linguistas afirma que a presença dos dialetos está ligada ao grande analfabetismo - principalmente no Sul. Além disso, um tratado de 1821 destinava a escolarização somente para os mais abastados, não contemplando as mulheres, responsáveis pela disseminação da

língua materna na criação familiar. O único aspecto cultural que podia ser ensinado sem distinção de classe social era a religião, proclamada com sucesso. Assim, o italiano soava artificial, já que o dialeto era recorrente na linguagem cotidiana para uma população que não tinha acesso à instrução escolar. Logo após a Unificação da Itália, o nível de analfabetismo era maior que 77,7% (GENOVESI, s/d). O percentual chegou a 68,8% em 1871, em 1881 a 62,8%, em 1901 a 48,5%, em 1911 a 43,1%, em 1921 a 31%, e em 1927 a 25% (GAMBARO e BENINI, s/d). Ao fim da guerra, 1/8 da população (cerca de 6 milhões de pessoas) italiana não sabia ler nem escrever (RAI SCUOLA, s/d). Já em 2001, o censo realizado mostrou que os analfabetos maiores de seis anos de idade eram 782.342, o percentual passava de 2,1% em 1991 para 1,5%.

Em 1894, uma proposta de reforma no ensino feita pelo Ministério de Instrução Pública propunha a igualdade de acesso ao sistema de ensino básico comum: ler, escrever e conhecer a história da nação italiana. Ainda assim, a escolarização não teve muita abrangência, devido à falta de financiamento originada pela crise econômica. Porém a taxa de analfabetismo, de 56,0% em 1900 chegou a 13,8% no período fascista (1922-1943) (GAMBARO e BENINI, s/d). Esse crescimento da alfabetização foi possível por meio de dois principais motivos: o primeiro seria o empenho do Regime Fascista em unificar a língua do país, e o segundo foi que a alfabetização deixou de ser exclusiva da classe alta e passou a ter um caráter religioso, tendo sido assumida como função dos padres e das freiras nas pequenas cidades (GENOVESI, s/d). Observe-se, todavia, que os esforços de uniformização da língua italiana atuados pelo regime vão em direção contrária dos esforços que Gramsci considerava necessários à afirmação de uma língua nacional. A língua oficial imposta pelo fascismo não tinha representação popular, e portanto se encaixava naquele tipo de língua imposta de cima para baixo, e que Gramsci identificava como língua artificial, sem conteúdo histórico e social de representatividade nacional.

Com o fim do regime e no processo de reconstrução nacional após os desastres da segunda guerra, em 17 de setembro de 1947, um decreto-lei institui a escola popular e, mais tarde, entre 1940 e 1970, a presença dos dialetos foi novamente valorizada, como resistência e reafirmação identitária de cunho popular, depois de décadas de sufocação cultural. Na literatura e no cinema de estética neorrealista, várias obras foram realizadas com o intuito de recuperar aspectos da cultura italiana – sobretudo ligados às classes mais pobres – que o regime tinha tentado cancelar e que, no pós-guerra, renasciam como

proposta de preservar as culturas regionais reapropriando-se do dialeto como prática cotidiana.

No romance, Calvino representa algumas formas de apropriação da leitura e da escrita, bem como a ausência de tais práticas, primordiais na constituição dos sujeitos. Por meio dos personagens Pin, Lobo Vermelho e Zena, o uso da escrita aparece como instrumento em prol da política de libertação do país, enquanto a leitura é situada como forma de refúgio, instrução e consolo em meio à guerra.

Zena é um *partigiano* da *Resistenza*, que lê “um livrão intitulado *Superpolicia*” (CALVINO, 2004, p. 106), enquanto aguarda no acampamento ou mesmo quando está em combate:

Zena, o Comprido, de alcunha Boné-de-Madeira, passa dias inteiros sem deixar a casinhola, deitado no feno moído, lendo um livrão intitulado *Superpolicia*, à luz de uma lamparina. É capaz de levar seu livro até nas ações, e de continuar lendo, apoiando o livro no pente da metralhadora, enquanto espera que os alemães cheguem (CALVINO, 2004, p. 106).

Na concepção de Márcia Abreu (2001, p. 6), a ideia de conforto não está associada à prática da leitura, já que muitos leitores leem em ambientes adversos, como em pé nos ônibus, sentados no chão ou em praças. Por outro lado, Regina Zilberman (2012, p. 52) afirma que a leitura não é inata nem comum a todos os seres humanos, pois “a leitura enquanto prática supõe uma habilidade adquirida – a escrita – logo, a interferência do ensino e o recurso a um processo de aprendizagem, mediado por um professor”. Dessa forma, compreendemos por que nem todos os personagens próximos a Zena estão concatenados no mesmo contexto de leitura, principalmente o personagem Pin que faz oposição direta ao leitor e “não entende qual é a graça de ler, acha maçante” (CALVINO, 2004, p. 107).

Já afeito ao ato de ler, não há impedimentos que façam Zena desistir de sua leitura, ao contrário, ele cria momentos em que poderá ler sem ser interrompido pelos demais:

De noite, quando todos já estão dormindo na palha, Zena, o Comprido, de alcunha Boné-de-Madeira de alcunha Beijo-de-Boi, dobra o canto da página começada, fecha o livro, sopra a chama da lamparina e adormece com a face encostada na capa do livro (CALVINO, 2004, p. 108).

Além disso, tenta envolver seus colegas para que se apropriem da leitura enquanto prática cultural “às vezes, de noite, Zena, o Comprido, de alcunha Boné-de-Madeira, diz

para Pin se calar um pouco, porque encontrou um trecho bonito do livro e quer lê-lo em voz alta” (CALVINO, 2004, p. 106). O *partigiano* responsável pelo destacamento, Esperto, gosta de ouvir ler e pede silêncio aos demais para que consiga escutar a leitura de Zena, pois nunca teve paciência de ler um livro inteiro, mas tomara gosto em ouvir leituras quando estava na prisão e um velho detento lia em voz alta *O conde de Monte Cristo* (CALVINO, 2004). Para Márcia Abreu (2001, p.1), “quando se generalizou a leitura silenciosa, ler em voz alta era uma forma de sociabilidade comum”, pois “por meio da leitura oral também poderiam entrar em contato com conteúdos registrados por escrito”.

Zena não é um simples leitor, ele é a representação de leitor em uma comunidade que vivencia uma significativa instabilidade política e social, um leitor que se apropriou da leitura, da literatura ali registrada e também do próprio objeto, o livro, que lhe transmite segurança no enfrentamento à guerra e esperança por dias melhores, já que o livro “explica a vida naquelas cidades livres e felizes” (CALVINO, 2004, p. 108).

Ao observarmos as ações de Zena na narrativa compreendemos a relevância do personagem-leitor no contexto da Resistência Italiana, tema da estética neorrealista que permeia toda a obra. Ele nos faz pensar na importância da leitura e seus significados políticos e sociais, uma vez que entendemos ser a leitura uma prática cultural pela qual entramos em contato com diferentes fontes de informações e por meio das quais produzimos conhecimento e desenvolvemos o pensamento crítico.

Assim sendo, tal exercício auxilia no desenvolvimento da capacidade dos indivíduos de se posicionarem criticamente frente a determinadas situações, colaborando para a tomada de decisões úteis à resolução de problemas. Isso é construído progressivamente por meio de estudo, análise e reflexões de variados tipos e que vêm a integrar as relações sociais, políticas, econômicas, culturais e religiosas nas sociedades em que vive o sistema da escrita.

No entanto, percebemos que a deliberação política é um fator determinante dentre as várias etapas do movimento que envolve a leitura. Os diversos processos de refinamento e amadurecimento social - que compreende a invenção da prensa móvel, a substituição do pergaminho pelo papel, a padronização de tamanhos e letras, a edições populares com menor custo – não se equiparam à tessitura política, pois em alguns sistemas de governo existia a liberdade em adquirir um livro, manuseá-lo e lê-lo enquanto em outros era proibida até mesmo a alfabetização:

Ao longo de toda a história, regimes políticos ditatoriais sempre disseminaram a ideia de que a restrição da leitura e a destruição dos livros fariam que se tornassem mais poderosos e ganhassem tempo, ou seja, como se, por meio da anulação da história, pudessem criar um novo destino. Mas todas as alternativas fracassaram, uma vez que os regimes tinham a si mesmo como alvo. Uma sociedade esclarecida reconhece que a verdadeira força está na liberdade individual, da qual a leitura livre é a expressão máxima (FISCHER, 2006, p. 274).

Desse modo, reconhecemos que a leitura, quando disseminada, é um elemento de desenvolvimento e de promoção de igualdade social, de elevação da categoria social e da própria estrutura social, significando um posicionamento político diante do mundo. Em geral, o avanço da alfabetização e a leitura podem propiciar resistência a regimes despóticos e autoritários e àqueles que detêm o poder, por isso a terminante proibição da leitura em várias sociedades, principalmente as escravistas. Mas, “apesar disso, liam, bem como ensinavam os companheiros a ler. Assim como no caso da própria fé, é impossível coibir totalmente a leitura onde quer que seja (FISCHER, 2006, p. 229)”.

Por um lado, o conhecimento desenvolvido por meio da leitura possibilitou grandes transformações sociais como o Iluminismo, o Renascimento Cultural, a Reforma Protestante, a Revolução Industrial e a Revolução Eletrônica. Por outro lado, a socialização do conhecimento e o combate ao analfabetismo, na Itália, foram motivados pela estratégia política de propagação do Regime Fascista. Ainda hoje, a leitura é um ato político, que contribui tanto para o esclarecimento e fuga das forças coercitivas quanto para a afirmação do poder, pois novos saberes e novas tecnologias aprofundam os poderes que massacram as culturas e as identidades nacionais, por isso sujeitos cada vez mais conscientes lutam contra as forças que tentam reduzi-las a objetos.

O personagem Zena faz da leitura, também, uma tática de resistência¹⁶¹ já que segundo Certeau (2007) a leitura é uma prática cotidiana de natureza tática (PEREIRA; SARTI, 2010). A atitude do personagem leitor contrasta, na ficção, a realidade imposta por pessoas como o primeiro-ministro do Reich alemão, que permitiu a queima de mais de vinte mil livros na cidade de Berlim em 1933 (FISCHER, 2006, p. 273), bem como com o empenho do Regime Fascista em propagar sua ideologia por meio da alfabetização e leitura de seus manuais. O *partigiano* lê um livro simples, pelo puro ato de leitura e pela liberdade de ler o que quiser, onde e como queira.

¹⁶¹ Em sua obra fundadora *A invenção do cotidiano* (1980) Michel de Certeau distingue as categorias de estratégias e táticas para tratar das relações entre dominantes e dominados. Para ele, as táticas são pequenos movimentos dos dominados que ensejam diferentes maneiras de fazer e resultam em sutis vitórias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No prefácio à segunda edição de *A trilha dos ninhos de aranha*, Italo Calvino expõe algumas das importantes chaves para a compreensão do seu primeiro romance. A partir dele, procuramos compreender um pouco sobre o momento histórico, político e cultural da sociedade italiana daquela época de guerra, guerra civil e pós-guerra retratada na narrativa. Para o autor, “o livro foi lido simplesmente como romance, e não como elemento de discussão sobre um julgamento histórico” (CALVINO, 2004, p.13), por isso, a nossa tentativa foi de seguir essa dica dada por ele em 1964 para melhor caminhar pela trilha, de 1947.

Assim, o primeiro passo foi considerar a narrativa como “elemento de discussão sobre um julgamento histórico” (CALVINO, 2004, p.13). Compreender o momento histórico da Itália na primeira metade do século XX foi primordial para a condução deste trabalho: no âmbito internacional, após a Primeira Guerra Mundial inicia a corrida pela expansão territorial, estabelece aliança com a Alemanha e entra em colapso após sucessivas perdas; internamente, a monarquia sofre perde força, ascende o regime fascista, a economia é voltada para a guerra, a sociedade padece com o saldo da guerra que prejudica ainda mais a economia do país e, conseqüentemente, as necessidades básicas como alimentação, saúde e moradia.

Além do caos político e econômico, a sociedade estava dominada pelas imposições da ideologia fascista que tolhia a liberdade das organizações sociais como partidos políticos e sindicatos, monopolizava o ensino em todos os níveis escolares, assim como o trabalho dos intelectuais, da imprensa e do rádio, ditava as regras de conduta social, amedrontando a todos com o apoio dos camisas-negras. Contudo, internamente o regime começava a perder força, pois parte da população já percebia que os problemas pelos quais passavam eram resultados das decisões de Mussolini, somados às sucessivas derrotas da Itália na Segunda Guerra Mundial e à árdua convivência com a invasão alemã, já tornados inimigos da Itália.

Nesse tempo, o Partido Comunista, que já atuava na clandestinidade, inicia o trabalho de conscientização da população sobre a urgência de reagirem para sobreviverem. A atuação dos intelectuais de esquerda e dos jornais clandestinos aos quais estavam ligados

foi de grande importância para a divulgação e para as organizações da reação civil: adultos, jovens - como Italo Calvino - e crianças lançaram-se na luta pela libertação da Itália do domínio nazifascista por meio da participação em ações das guerrilhas nas montanhas. Nas grandes cidades, como Turim e Milão, o PC também organizava as ações dos GAP e SAP a partir dos Comitês pela Libertação Nacional que delegava as ações tanto dos *gappistas* no centro quanto dos *partigiani* nas montanhas.

Para compreendermos um pouco mais sobre o fenômeno da Resistência nos últimos anos da Segunda Guerra, que possibilitou a Liberação da Itália, buscamos embasamento teórico nos escritos de Antonio Gramsci que mesmo sobrevivendo nos cárceres fascistas e esquecido pelo Partido Comunista, continuou sua militância política em favor das mudanças urgentes e necessárias para a Itália naquele contexto. Um dos problemas apontados por ele foi a atuação dos intelectuais, que não eram orgânicos às classes populares, e se mantinham afastados delas. Para ele, o intelectual está ligado aos anseios do povo e trabalhar pelo povo, alavancando as transformações necessárias. Ligado a esse, estava o problema da língua nacional: enquanto os intelectuais usavam a língua padrão para a escrita, o povo (e o próprio intelectual) recorria aos dialetos como língua falada. Essa disparidade contribuía para a perpetuação da separação entre intelectual e povo, já que uma vez que não utilizavam o mesmo código linguístico o povo não poderia ter acesso aos materiais de produção cultural e buscar o esclarecimento. Ademais, grande parte desses intelectuais atuavam em favor da ideologia fascista, assim como as escolas, a imprensa, a rádio eram dominadas por ela, por isso, para Gramsci era necessária uma grande transformação em seu país, uma verdadeira Revolução Cultural.

A nosso ver, *A trilha dos ninhos de aranha*, condensa todo esse contexto da realidade italiana em sua narrativa: a partir do cenário devastado pela guerra, Italo Calvino insere as histórias das pessoas que se dedicaram na luta pela libertação da Itália do nazifascismo. Calvino principia pelos becos da cidade, tratando dos problemas estruturais, econômicos e sociais das pessoas que viviam ali, permeados pela presença dos invasores, dos fascistas e dos antifascistas; depois parte para as montanhas e presta um tributo aos partigianos ao registrar suas histórias, as dificuldades que enfrentaram por dois invernos mediante ao frio das montanhas e à frieza dos inimigos. Por meio dos personagens Pin e Zena, o autor elabora reflexões importantes a respeito do problema da alfabetização, da escrita, da leitura e do livro e, através de Kim e Canhoto, traz reflexões sobre o contexto

político do país. Além disso, destacamos a preocupação do escritor, já em seu primeiro romance, com a questão da língua em seu país: ainda que escreva em língua padrão, o dialeto aparece ocasionalmente no romance, “como manchas de cor” (CALVINO, 2004, p.10), apontando para a direção de uma contaminação entre dialeto e língua. Como parte de seu entendimento intelectual, ao escrever sobre aquele povo que conheceu de perto, Calvino esforçou-se, também, em representá-los como verdadeiros partigianos e não como heróis da nação, negando os ideais que a nova direção política tentava conduzir.

Por fim, destacamos a importância do personagem de Pin na narrativa, uma vez que ele representa o processo de formação do jovem Calvino que passou de estudante burguês e antifascista tranquilo ao posto de partigiano no centro das lutas e, depois, escritor, intelectual e militante político da esquerda, isto é, um intelectual orgânico, ligado ao contexto de seu tempo, buscando aproximar-se do povo e de suas lutas.

Se aceitarmos que Pin pode representar a parte italiana não fascista, que se sentia traída, abandonada e perdida e que necessitava de uma salvação, compreenderemos que a Resistência Italiana e os *partigiani* contribuíram para o fim ao período de instabilidades e possibilitaram o recomeço e a reconstrução da Itália. Dessa forma, poderiam também as crianças de sua idade representar os italianos que aderiram aos ideais fascistas de Mussolini e, sem experiência, lançaram-se numa guerra ao lado dos nazistas, experientes e bem armados, representando os adultos que Pin tanto temia: “uma raça ambígua e traidora” (CALVINO, 2004, p.47).

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Rodrigo Davi. **Ensaio sobre as contribuições teórico-metodológicas de Jean-François Sirinelli, Jean Paul Sartre e Norberto Bobbio para a história, a definição e a função social dos intelectuais.** Universidade Federal de Mato Grosso. Revista Territórios & Fronteiras, Cuiabá, vol.5, n.2, jan-jul., 2002.

ALTMAN, Max. Memória. **Hoje na história: 1924 – Milicianos fascistas seqüestram Giacomo Matteotti.** 10/06/2014. Disponível em <http://operamundi.uol.com.br/conteudo/historia/35613/hoje+na+historia+1924++miliciano+s+fascistas+sequestram+giacomo+matteotti.shtml> Último acesso em 14 de junho de 2016.

ANTONELI, Giulia et al. La vita dei bambini durante il ventennio fascista. **Tenda per la pace e i diritti.** La vita dei bambini durante il ventennio fascista. *Treno della Memoria 2009.* Disponível em: <<http://www.memoriaeimpegno.org/storia-e-memoria/prima-del-39/36-vita-bambini-ventennio-fascista>> Último acesso em 07 de setembro de 2015.

ANTONIAZI, Sandro et al. **Per una nuova Resistenza.** Contro il fascismo. Milano-Roma: Sapere Edizioni, 1974. p.92-105.

ANTONIO Gramsci: i giorni del carcere. Direção: Lino Del Fra. Produção: Alfonso Cucci: Cooperativa Nuova Schermi C., 1977, 2:01:28 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7m0XFL-OHaA>. Último acesso em 07 de setembro de 2016.

ARAÚJO, Maria Gabriela Valente de. **Beppe Fenoglio e seus *Appunti Partigiani*:** uma experiência literária de Guerra Civil. 2011. 231 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ARRIGONI, Maria Teresa. **Gramsci:** universidade, jornalismo e política. Perspectiva; r CED, Florianópolis, 5 (10), 66-80. JAN-JUN. 1988.

AVAGLIANO, Mario & LE MOLI, Gabriele. **Muoio innocente.** Lettere di caduti della Resistenza a Roma. Milano: Mursia, 1999.

BARATTA, Giorgio. **Escola, filosofia e cidadania no pensamento de Gramsci:** exercícios de leitura. Pro-Posições: Campinas, v. 21, n. 1 (61), p. 31-49, jan./abr. 2010

BARENGUI, Mario. Calvino. In: **Profili di storia letteraria.** Bologna: Mulino, 2009.

BASSANI, Edna. Testimonianze. In: VECCHIO, Giorgio (org.). **La Resistenza delle donne 1943-1945.** Milano: In dialogo, 2010, p. 76-79.

BENDISCIOLI, Mario. **Antifascismo e Resistenza.** Roma: Studium, 1964.

BERMANI, Cesare. “Bandiera rossa” storia d’Italia: La lunga storia di un inno popolare, di origine repubblicana e garibaldina. Disponível em:

http://www.brianzapopolare.it/sezioni/cultura/20030515_bandiera_rossa_storia.htm.

Último acesso em 01 de setembro de 2016.

BEVERE, Antonio. et al. **Per una nuova resistenza**. Contro il fascismo. Milano-Roma: Sapere Edizioni, 1974. p. 26-38.

BORGOMANERI, Luigi. **Settembre 1943, la Milano del dopo Armistizio**. Sito dell'ANPI – di LISSONE – Sezione “Emilio Diligenti”. Da Due inverni un'estate e la rossa primavera. Disponível em: <http://anpi-lissone.over-blog.com/article-34446682.html>. Último acesso em 24 de outubro de 2016.

BOSI, Alfredo. **Caminhos entre a literatura e a história**. Depoimento dado durante o III Ciclo de Conferências “Caminhos do Crítico”, na Academia Brasileira de Letras, em 10 de maio de 2005. São Paulo: Estudos Avançados 19(55) 2005. P. 315-334.

BRAVO, Anna. Resistenza civile. In: **Dizionario della Resistenza**: Storia e Geografia della Liberazione. Vol. I. Torino: Einaudi, 2000. p. 268-282.

CALVINO, Italo. **A trilha dos ninhos de aranha**. 1ª Ed. Companhia das Letras, 2004 [Il sentiero dei nidi di ragno, 1947. Tradução: Roberta Barni].

CALVINO, Italo. **Prefácio à Segunda edição**. 1ª Ed. Companhia das Letras, 2004a [Il sentiero dei nidi di ragno, 1947a. Tradução: Roberta Barni]. p. 5-25.

CALVINO, Italo. La letteratura italiana sulla resistenza. In: **Neorealismo**: poetiche e polemiche. Claudio Milanini (Org). Milano: Il Saggiatore, 1980. p. 91-98.

CHAGAS, Thiago. **Conceito gramsciano de sociedade civil**: usos e abusos na educação. 8f. Programa de Pós-graduação em Educação Brasileira, Universidade Federal do Ceará.

COLLOTTI, Enzo. La Resistenza in Europa. In: **Dizionario della Resistenza**: Storia e Geografia della Liberazione. Vol. I. Torino: Einaudi, 2000. p. 98-112.

CONTI, Mariachiara. Guerra in pianura. I gruppi di azione patriottica (Gap) a Regio Emilia. 2014. Disponível em https://www.academia.edu/12100302/Guerra_in_pianura._I_Gruppi_di_azione_patriottica_Gap_a_Reggio_Emilia Último acesso em 11 de outubro de 2016.

CORTI, Maria. **Il viaggio testuale**. Einaudi: Turim, 1978.

COSTA, Eduardo. **WAFFEN SS: A TROPA DE ELITE DE HITLER**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). 2013. 66 f. Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Departamento de História. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/121744/Tcc%20revis%C3%A3o%20-%20C3%B3pia%20A4%20Aria.pdf?sequence=1> Último acesso em 19 de setembro de 2016.

DORE, Rosemary. **Gramsci, intelectuais e educação**. Cad. Cedes, Campinas, vol. 26, n. 70, p. 285-289, set./dez. 2006. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>>

FERRAZ, Bruna Fontes. **Narrar a resistência: a memória do trauma em *A trilha dos ninhos de aranha* e “Lembrança de uma batalha”, de Italo Calvino**. Revista Eletrônica Literatura e Autoritarismo - Dossiê, Janeiro de 2012. Disponível em: http://w3.ufsm.br/grpesqla/revista/dossie06/RevLitAut_art04.pdf Último acesso em 13 de dezembro de 2016.

FORTI, Carla, Lotte mezzadrili dell'immediato secondo dopoguerra, Centro per La Didattica della Storia, Quaderno n. 7, a cura di Donatella Carpita e Carla Forti, Pisa, 2004.

FRASCHINI, Isotta. Movimenti di massa, scioperi, organizzazione unitarie. In: **Dizionario della Resistenza**: luoghi, formazioni, protagonisti. Vol. II. Torino: Einaudi, 2001. p. 259-301.

GALLO, Niccolò. La narrativa italiana del dopoguerra. In: **Neorealismo**: politiche e polemiche. Claudio Milanini (Org). Milano: Il Saggiatore, 1980. p. 99-120.

GANAPINI, Luigi. Crisi del regime fascista. In: **Dizionario della Resistenza**: Storia e Geografia della Liberazione. Vol. I. Torino: Einaudi, 2000. p. 21-31.

GINSBORG, Paul. L'Italia in guerra. In: **Storia d'Italia dal dopoguerra a oggi**. 2. Ed. Turim: Einaudi, 2006. p. 3-157.

GIOVANA, Mario. Guerra Partigiana. In: **Dizionario della Resistenza**: Storia e Geografia della Liberazione. Vol. I. Torino: Einaudi, 2000. p. 217-228.

GRANDO, Sergio Angelo. Nossas origens mais remotas. In: **Etnias & carisma: poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 1011-1023.

GRAMSCI, Antonio. **Caderno do Cárcere**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

_____. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

_____. **Cadernos do cárcere, volume 5**. Tradução Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

_____. **Literatura e Vida Nacional**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1986. Tradução e seleção de Carlos Nelson Coutinho. 3ª edição.

_____. **Le lettere dal Carcere**. Lettera nº 129: 3 giugno 1929. Disponível em <https://leletteredalcarcere.wordpress.com/2010/04/26/lettera-n%C2%B0129-3-giugno-1929-a-tatiana/> Último acesso em 20 de dezembro de 2016.

GRUPPI, Luciano. A concepção do Estado em Lênin e Gramsci. In: **Tudo começou com Maquiavel** – As concepções de Estado em Marx, Engels, Lênin e Gramsci. Porto Alegre: L&PM Editores, 1980. p.47-92. Tradução e edição de Dario Canali.

GUANCI, Vincenzo. 1922, La **Marcia su Roma**. Disponível em <http://www.treccani.it/scuola/maturita/terza_prova/storia_contemporanea_in_immagini/2_20.html> Último acesso em 02/10/2015. Publicado em 29/04/2010.

GUARNIERI, Giulia. **Il sentiero del nido della traduzione.** <http://www.towerofbabel.com/sections/tome/thepaththothenestoftranslation/italianversion/> Último acesso em 07 de dezembro de 2016.

HATZOPOULOS. Irene. **Il mistilinguismo italiano:** il dialeto nella letteratura in língua standard. Florença: Middlebury College School in Italy, 2011.

HOBBSAWM, Eric. **A era dos extremos** – o breve século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JACOBELIS, Paola Gentile. **Contradição, engajamento e liberdade:** reflexões de Sartre sobre o intelectual do século XX. Dissertação (Mestrado em Filosofia). 2011. 120 f. Programa de Pós-graduação em Filosofia do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

_____. O problema dos intelectuais no mundo contemporâneo sob duas perspectivas: organizadores da cultura ou expressão das contradições sociais. **Sofia**, Vitória, junho 2014. 13 f. vol.3, n.1 p. 73-85.

JOUET, Jacques. L'uomo di Calvino. In: **Il fantastico e il visibile:** giornata di studi su L'itinerario di Italo Calvino dal neorealismo alle *Lezioni americane*. Caterina De Caprio e Ugo Maria Olivieri (Orgs). Napoli: Dante & Descartes, 1997. p. 142-147.

KOHAN, Néstor. REPISO, Miguel. **Gramsci para principiantes.** Buenos Aires: Era Naciente, 2006.

LORIEN. **Canti e inni patriottici, popolare e del tempo di guerra:** II Guerra Mondiale (1940-1943). Disponível em: http://www.lorien.it/x_inni/pg_canzoni-d/Tipo_Canz_100.html Último acesso em 01 de setembro de 2016.

LUCA, Stefano De. **Campo di concentramento.** Enciclopedie dei ragazzi (2005) [http://www.treccani.it/enciclopedia/campo-di-concentramento_\(Enciclopedia-dei-ragazzi\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/campo-di-concentramento_(Enciclopedia-dei-ragazzi)/) Último acesso em 19 de setembro de 2016.

MALVEZZI, Piero & PIRELLI, Giovanni. **Lettere di condannati a morte della Resistenza Italiana.** Torino: Einaudi, 1994.

MARTINO, Michele. **Calvino editor e ufficio stampa:** Dal *Notiziario Einaudi* ai Centopagine. Oblique Studio, 2012. Disponível em: <http://www.oblique.it/images/formazione/dispense/calvino-editor-ufficiostampa.pdf> Último acesso em 22 de novembro de 2016.

MENGALDO, Pier Vincenzo. **Aspetti della lingua di Calvino.** <http://www.repubblicaletteraria.net/ItaloCalvino/bibliografia4.html> Dez. 2001. Último acesso em 07 de dezembro de 2016.

MOLINARI, Luca. **Palmiro Togliatti e la via italiana al socialismo.** Disponível em: <http://cronologia.leonardo.it/storia/biografie/togliat.htm> Último acesso em 12 de outubro de 2016.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Coleção Educadores. Ministério da Educação/Fundação Joaquim Nabuco. Tradução e organização de Paolo Nosella. Recife: Editora Massangana, 2010.

MONTEFOSCHI, Paola. Dal visivo al fantastico nel *Sentiero dei nidi di ragno*. In: **Il fantastico e il visibile**: giornata di studi su L'itinerario di Italo Calvino dal neorealismo alle *Lezioni americane*. Caterina De Caprio e Ugo Maria Olivieri (Orgs). Napoli: Dante & Descartes, 1997. p. 64-74.

MOVIA, Federico. ZIMOLO, Federico. BRESSAN, Davide.(Orgs) gruppo AGESCI Gradisca1, Clan la fênice. **La Resistenza. Treno della Memoria 2008**. Disponível em <<http://www.memoriaeimpegno.org/storia-e-memoria/2d-guerra-mondiale/resistenza>> Último acesso em 21 de junho de 2016.

MUSIEDLAK, Didier. O exemplo da Itália fascista. In: RIDENTI, Marcelo (org.). **Intelectuais e Estado**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006. Tradução de Samira Felmann Marzochi p. 81-92.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. **A memória de Primo Levi no interior dos campos de concentração e extermínio nazistas**. 2010. 12 f. Iniciação Científica. Programa de Graduação em Ciências Sociais. Universidade Estadual de Londrina: Paraná. Disponível em: http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/a_memoria_de_primo_levi_no_interior_dos_campos_de_concentracao_e_exterminio_nazistas.pdf. Último acesso em 21/09/2016.

OLIVEIRA, Lucas Amaral de. **Primo Levi e os rumores da memória**: limites e desafios na construção do testemunho. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Programa de Pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-17122013-122149/pt-br.php> Último acesso em 12/10/2016.

OLIVIERI, Ugo Maria. La gaia scienza di Italo Calvino. In: **Il fantastico e il visibile**: giornata di studi su L'itinerario di Italo Calvino dal neorealismo alle *Lezioni americane*. Caterina De Caprio e Ugo Maria Olivieri (Orgs). Napoli: Dante & Descartes, 1997. p. 157-178.

ORLANDI, Costanza. **La riflessione linguistica nei Quaderni del carcere**. Saggi. LARES, ano LXXIII, n.1 – Gennaio-Aprile, 2007. 28 f. Firenze: Casa Editrice.

PAVÃO, Alexandra Helena Pavan. **Revivendo o período fascista**: o significado das escolhas de Cesare Pavese em *Il compagno*. 2012. 169 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina. Universidade Federal de Santa Catarina: Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/100754/308889.pdf?sequence=1>. Último acesso em 21/09/2016.

PELI, Santo. **Storia della Resistenza in Italia**. Torino: Einaudi, 2006.

PIROMALLI, L'età del fascismo. In: _____. **Storia della letteratura italiana**. Roma: Fondo Antonio Piromalli, 2007. Disponível em: <http://www.storiadellaletteratura.it/main.php?cap=20&par=3#it> Acesso: 15 nov. 2016.

PROTÁSIO, Alexandre Reinaldo. **O conceito de natureza em Gramsci**: contribuições para a Educação Ambiental. 2008. 192 f. Dissertação (Mestrado em Educação Ambiental) – Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental. Fundação Universidade do Rio Grande.

RAI. Leggere, scrivere e far di conto: storia della scuola italiana—parte prima. **La storia siamo noi**, p. 1, Roma, RAI, 2012. Disponível em: <http://www.lastoriasiamonoi.rai.it/puntate/la-scuola-media-unica/561/default.aspx> Último acesso em 01 de julho de 2015.

REBELLATO, Elisa; SBIROLI, Maria Chiara. Le opere di Antonio Gramsci. In: ____ (Orgs.). **Per Giulio Einaudi (1912-2012)**. Emilia Romagna: Biblioteca Comunale dell'Archiginnasio/Biblioteca Fondazione Gramsci, 2013. Disponível em: <http://badigit.comune.bologna.it/mostre/einaudi/4.htm> Acesso em: 13 nov. 2016.

ROCHAT, Giorgio. L'armistizio dell' 8 settembre 1943. In: **Dizionario della Resistenza**: Storia e Geografia della Liberazione. Vol. I. Torino: Einaudi, 2000. p.32-42.

RODRÍGUEZ, Manuel Sixto Almeida. **Los estudios gramscinianos hoy**: ¿Gramsci lingüista? Universidad de Puerto Rico. Tabula Rasa: Bogotá. No.7 p.81-92, julio-diciembre 2007.

ROSA, Alberto Asor. **Stile Calvino**: Cinque studi. Torino: Einaudi, 2001.

SACHS, Harvey. **Musica e regime. Compositori, cantanti, direttori d'orchestra e la politica culturale fascista**. Il Saggiatore: Milano, 1995.

SALVADORI, Massimo L. **Fascismo**. Disponível em: [http://www.treccani.it/enciclopedia/fascismo_\(Enciclopedia-dei-ragazzi\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/fascismo_(Enciclopedia-dei-ragazzi)/). Último acesso em 23 de maio de 2016.

SALVINI, Elisabetta. Di donne cattoliche nella Resistenza. In: VECCHIO, Giorgio (org.). **La Resistenza delle donne 1943-1945**. Milano: In dialogo, 2010. p.33-57.

SANDRI, Renato. Missioni dei Servizi segreti alleati in Italia. In: COLLOTTI, Enzo; SANDRI, Renato; SESSI, Frediano (Orgs.). **Dizionario della Resistenza**: luoghi, formazione, protagonisti. Turim: Einaudi, 2001. p. 307-315. (Volume 2)

SANTOS, Sara Tatiani Curcio dos. **As periferias em Antonio Gramsci**. 2011. 138 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências. Universidade Estadual de São Paulo: São Paulo, 2011.

SEMERARO, Giovanni. **Intelectuais “orgânicos” em tempos de pós-modernidade**. Caderno Cedes, Campinas, vol.26, n.70, p. 373-391, set./dez. 2006. Disponível em: <http://www.cedes.unicamp.br>.

SIEGA, Paula Regina. Do sonho colonial à realidade do pós-guerra: representações cinematográficas do migrante italiano. In: ALMEIDA, Júlia; SIEGA, Paula. **Literatura e voz subalterna**. Vitória: Edufes, 2016a. p. 131-144.

SIEGA, Paula Regina. O diário cinematográfico de Cesare Zavattini: memórias da guerra e dever de não esquecer. **Aletria**, vol. 23, n. 2, p. 137-150, maio-ago. 2013. Disponível em: <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/aletria/article/view/4711/4935> Acesso em: 25 jul. 2016.

SIEGA, Paula Regina. **Ferros-velhos e utensílios**: conceitos gramscianos nos estudos literários e culturais. Matranga, Rio de Janeiro, v.22, n.37, p. 98-117, jul/dez. 2015.

SIEGA, Paula Regina. **Anotações sobre os Cadernos do Cárcere de Antonio Gramsci**. Ilhéus-BA, 2016. Em fase de elaboração.

SILVA, Deise Rosalio. **Intelectuais, cultura e escola única no pensamento político-pedagógico de Antonio Gramsci**. 2010. 267 f. Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

SILVA, Everton Henrique Carneiro da. Dissertação de Mestrado. **Ritmo e distensão**: análise da tensão narrativa de Natália Ginzburg. Universidade de São Paulo, 2015. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8148/tde-11012016-133010/pt-br.php>. Último acesso em 12 de outubro de 2016.

SILVEIRA, Renê José Trentin. Aula 9: **Antonio Gramsci e a Educação**: Primeiras Aproximações. Disciplina ED-316 – Turma A – História Geral e da Pedagogia. Faculdade de Educação. Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Videoconferência. 2:49:42 min. 03/11/2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J0fD72B-mEw>. Último acesso em 25 de outubro de 2016.

SIMIONATTO, Ivete. Cadernos de um revolucionário. São Paulo: Revista Brasileira de Ciências Sociais vol. 17 n. 48, fev 2002. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092002000100016 Último acesso em: 22 de novembro de 2016.

TURCATTO, Sérgio Miguel. **A Filosofia da Práxis em Gramsci: Uma Leitura a partir do Caderno 11 (1932-1933)**. 2014. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2014.

VALLE, Fernando do. **Memória**: As várias versões da música Bella Ciao. Disponível em: <http://zonacurva.com.br/varias-versoes-da-musica-bella-ciao/> Último acesso em 01 de setembro de 2016.

VECCHIO, Giorgio. **La Resistenza delle donne 1943-1945**. Milano: In dialogo, 2010.

VECCHIO, Giorgio. Premesse. In: ____ (Org.). **La resistenza delle donne 1943-45**. Milão: In Dialogo, 2010. p. 6-32.

VICENTINO, Claudio; GIANPAOLO, Dorigo. **História geral e do Brasil**. 2.ed. São Paulo: Scipione, 2013.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Cultura e Formação Humana no Pensamento de Antonio Gramsci. *Educ. Pesqui.* [online]. 1999, vol.25, n.1, pp.51-66. ISSN 1517-9702. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97021999000100005>.

WANDERLEY, Luiz Eduardo W. **Sociedade civil e Gramsci**: desafios teóricos e práticos. *Serviço Social e Sociedade*, São Paulo, n. 109, p. 5-30, jan./mar. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-66282012000100002
Último acesso em 22 de novembro de 2016.